



**Mara Alexandra
Dias Almeida**

**Relatório de Estágio em Edição na Imprensa da
Universidade de Coimbra**



**Mara Alexandra
Dias Almeida**

**Relatório de Estágio em Edição na Imprensa da
Universidade de Coimbra**

Relatório de Estágio em Estudos Editoriais apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizado sob a orientação científica do Prof. Doutor António Manuel Lopes Andrade, Professor auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, e coorientação da Dr.^a Maria João Padez Meireles Ferreira de Castro, Diretora-Adjunta da Imprensa da Universidade de Coimbra

Dedico este trabalho a todos aqueles que, com o seu incansável apoio e sábios conselhos, me permitiram ultrapassar todos os obstáculos.

o júri

presidente

Professora Doutora Maria Cristina Matos Carrington da Costa
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

vogais

Mestre Maria João Padez Meireles Ferreira de Castro
Diretora-Adjunta da Imprensa da Universidade de Coimbra (arguente)

Professor Doutor António Manuel Lopes Andrade
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientador).

agradecimentos

Ao Prof. Doutor Delfim Ferreira Leão, deixo o meu agradecimento por me ter dado a oportunidade de estagiar numa casa editorial com tanta história e com tanto para ensinar.

À Dr.^a Maria João Padez Meireles Ferreira de Castro, deixo o meu muito obrigado por me ter acolhido na Imprensa da Universidade de Coimbra, mas também por me ter orientado e ensinado durante este meu percurso.

A todos os meus colegas da editora, deixo o meu muito obrigado por, desde o primeiro dia, me terem acolhido de braços abertos e integrado sempre com boa-disposição, mas também pela amizade e por toda a disponibilidade e ensinamentos demonstrados na realização de muitos dos projetos que me foram confiados.

Ao Prof. Doutor António Manuel Lopes Andrade, quero agradecer a sua disponibilidade e assistência na realização deste relatório e acompanhamento ao longo do estágio.

E a todos aqueles que fazem parte da minha vida todos os dias, deixo o meu profundo agradecimento por todo o incansável apoio e palavras sábias, sem os quais não teria conseguido concluir mais uma etapa da minha vida.

palavras-chave

Imprensa da Universidade de Coimbra, ISBN, contratos de edição, revisão textual, *UC Digitalis*, *Classica Digitalia*.

resumo

O presente relatório, resultado do estágio curricular realizado, entre 8 de janeiro e 18 de maio de 2018, no âmbito do Mestrado em Estudos Editoriais, pretende descrever as atividades concretizadas na Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC), fazendo uma reflexão crítica à luz de bibliografia fundamental.

Desta forma, na primeira parte será retratada, muito brevemente, a história, primordial e contemporânea, da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Na segunda parte, serão descritas as atividades desenvolvidas na editora durante quatro meses, tais como a leitura e análise de obras, o pedido de ISBN's, orçamentos a gráficas e registos CIP, a elaboração de contratos de edição, o carregamento de obras na *UC Digitalis* e a revisão de texto.

Por fim, na terceira parte, será apresentado o maior projeto realizado no estágio — a (re)organização da série *Classica Digitalia* —, analisando como os assuntos livro impresso/eletrónico, Acesso Aberto e séries/coleções se refletem nesta série da IUC.

keywords

Coimbra University Press, ISBN, editing contracts, textual revision, *UC Digitalis*, *Classica Digitalia*.

abstract

The present report, result of the curricular internship conducted between January 8 and May 18 of 2018, within the Master in Editorial Studies, intends to describe the activities implemented in the Coimbra University Press (CUP), making a critical reflection based on fundamental bibliography.

In this way, the first part we're going to talk, very briefly, about the primordial and contemporary history, of the Coimbra University Press.

In the second part, will be described the activities developed at the publishing house, during four months, such as reading and analysis of works, the request of ISBN's, budgets to graphics and CIP records, the elaboration of editing contracts, the uploading books in the *UC Digitalis* and proofreading.

Finally, in the third part, will be presented the largest project accomplished in the internship — the (re)organization of the *Classica Digitalia* series —, analyzing how issues printed/electronic book, Open Access and series/collections are reflected in this CUP series.

SUMÁRIO

Lista de ilustrações	3
Lista de tabelas	5
Introdução	7

PARTE I

1. Imprensa da Universidade de Coimbra: entre o passado e o presente	11
1.1. História primordial	11
1.2. História contemporânea	13

PARTE II

2. Da teoria à prática: o estágio e as atividades desenvolvidas	25
2.1. Principais atividades	28
2.1.1. Leitura e análise de duas obras infantojuvenis	28
2.1.2. Pedido de ISBN's	29
2.1.3. Pedido de orçamentos à gráfica	33
2.1.4. Pedido de registo CIP para catalogação na publicação	35
2.1.5. Elaboração de contratos de edição	37
2.1.6. Carregamento de uma obra na <i>UC Digitalis</i>	39
2.1.7. Revisão de texto	48
2.2. Outras atividades	52

PARTE III

3. <i>Classica Digitalia</i>: (re)organização da série	57
3.1. O livro	57
3.1.1. Introdução	57
3.1.2. Livro impresso vs. Livro eletrónico	58
3.1.3. Acesso Aberto	64
3.2. Imprensa universitária: o caso da Imprensa da Universidade de Coimbra	72
3.3. Séries e coleções da Imprensa da Universidade de Coimbra	74

3.4. (Re)organização da série <i>Classica Digitalia</i>	87
Considerações finais	93
Referências bibliográficas	95
<i>Webgrafia</i>	98
Anexos	105

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imprensa da Universidade de Coimbra, a partir de 1773	12
Figura 2 – Imprensa da Universidade de Coimbra atualmente	15
Gráfico 1 – Cadeia de valor de Porter	26
Gráfico 2 – Cadeia de valor da edição de Bide	27
Figura 3 – Campos do formulário de pedido de ISBN	31
Figura 3 – Campos do formulário de pedido de ISBN (cont.)	31
Figura 4 – <i>E-mail</i> comprovativo do pedido de ISBN	32
Figura 5 – Exemplo de <i>e-mail</i> com os ISBN's pedidos	32
Figura 6 – Exemplo de resposta ao pedido de registo CIP	36
Figura 7 – Exemplo de artigo científico de uma revista da <i>UC Impactum</i> em Acesso Aberto	41
Figura 8 – Exemplo de livro da <i>UC Pombalina</i> em Acesso Restrito	41
Figura 9 – Formulário de registo da obra na <i>UC Digitalis</i>	43
Figura 9 – Formulário de registo da obra na <i>UC Digitalis</i> (cont.)	43
Figura 10 – Resumo do depósito da obra na <i>UC Digitalis</i>	44
Figura 11 – Campos de preenchimento para ativação do DOI no <i>XML Notepad</i>	45
Figura 11 – Campos de preenchimento para ativação do DOI no <i>XML Notepad</i> (cont.)	45
Figura 12 – <i>E-mail</i> com a informação detalhada para saber se a ativação do DOI foi ou não bem-sucedida	46
Figura 13 – Informação sobre o <i>handle</i> do livro e de cada capítulo	47
Figura 14 – <i>E-mail</i> que enviei ao meu colega Luís Marques com o <i>handle</i> do livro e de cada capítulo para ele poder disponibilizar na <i>UC Digitalis</i>	47
Figura 15 – Exemplo de comentários com correções e sugestões feitas no documento <i>word</i> a um dos textos	49
Figura 16 – Exemplo de tabela no <i>word</i> com as correções/comentários/sugestões feitas a um dos textos	50
Figura 17 – Exemplo de correção num dos textos segundo o novo acordo ortográfico	51
Figura 18 – Exemplo de sugestão dada ao autor de um dos textos	51
Figura 18 – Exemplo de sugestão dada ao autor de um dos textos (cont.)	51

Figura 19 – Capas de dois títulos da coleção <i>Arquitetura</i>	77
Figura 20 – Capas de dois títulos da coleção <i>Camonianiana</i>	77
Figura 21 – Capas de dois títulos da coleção <i>Ciências da Saúde</i>	78
Figura 22 – Capas de dois títulos da coleção <i>Ciências e Culturas</i>	78
Figura 23 – Capas de 12 títulos de cada uma das séries/coleções da série <i>Classica Digitalia</i>	79
Figura 24 – Capa do título da série <i>Coimbra Companions</i>	79
Figura 25 – Capas de dois títulos da coleção <i>Coimbra Jurídica</i>	80
Figura 26 – Capas de dois títulos da coleção <i>Descobrir as Ciências</i>	80
Figura 27 – Capas de dois títulos da coleção <i>Documentos</i>	80
Figura 28 – Capas de dois títulos da coleção <i>Dramaturgia</i>	81
Figura 29 – Capas de dois títulos da série <i>Empreendedorismo e Gestão</i>	81
Figura 30 – Capas de dois títulos da coleção <i>Ensino</i>	81
Figura 31 – Capas de dois títulos da coleção <i>Estado da Arte</i>	82
Figura 32 – Capas de dois títulos da série <i>Geografias</i>	82
Figura 33 – Capas de dois títulos da coleção <i>Estudos – Humanidades</i>	82
Figura 34 – Capas de dois títulos da coleção <i>História Contemporânea</i>	83
Figura 35 – Capas de dois títulos da coleção <i>III: Conferências & Debates Interdisciplinares</i>	83
Figura 36 – Capas de dois títulos da coleção <i>Investigação</i>	84
Figura 37 – Capas de dois títulos da coleção <i>IUC/Annablume</i>	84
Figura 38 – Capas de dois títulos da coleção <i>Li</i>	84
Figura 39 – Capa título da coleção <i>Lusitana Organa</i>	85
Figura 40 – Capas de dois títulos da coleção <i>Natura Naturata</i>	85
Figura 41 – Capas de dois títulos da coleção <i>Olhares</i>	85
Figura 42 – Capas de dois títulos da coleção <i>Outros Títulos</i>	86
Figura 43 – Capas de dois títulos da coleção <i>Poesia XXI</i>	86
Figura 44 – Capas de dois títulos da coleção <i>República</i>	87
Figura 45 – Capas de dois títulos da série <i>Riscos e Catástrofes</i>	87
Figura 46 – Capas de dois títulos da coleção <i>Theke</i>	87
Figura 47 – Divisão de oito das 12 séries dos <i>Classica Digitalia</i> no documento <i>excel</i>	90
Figura 48 – Exemplo de obra objeto de análise	91
Figura 49 – Pastas com os processos das obras de cada série/coleção	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de obras por coleção entre 1999 e 2005	19
Tabela 2 – Número de obras por série/coleção entre 2006 e 2011	19
Tabela 3 – Número de obras por série/coleção entre 2012 e 2018	20

Introdução

O presente trabalho é um relatório de estágio curricular realizado, entre 8 de janeiro e 18 de maio de 2018, no âmbito do Mestrado em Estudos Editoriais da Universidade de Aveiro, numa das casas editoras mais antigas e prestigiadas de Portugal, a Imprensa da Universidade de Coimbra. Ao longo da elaboração deste relatório, proponho-me descrever e analisar criticamente, tendo por base bibliografia especializada e obras de referência, todo o meu percurso e atividades desenvolvidas durante o estágio na editora conimbricense.

Durante quatro meses, tive a oportunidade de pôr em prática as variadas aprendizagens curriculares adquiridas nas diversas disciplinas do Mestrado e aplicar os conhecimentos apreendidos no decorrer deste período. Numa editora com uma história tão rica e com tanto para ensinar, o estágio foi uma experiência profissional e pessoal muito enriquecedora e gratificante, pois permitiu-me contactar diretamente com o mundo do trabalho e com o mundo editorial, assim como conhecer de perto as várias fases de produção dos livros, o que me deixou preparada para algumas futuras situações com que me possa deparar ao trabalhar numa editora. Além disso, o facto de ter desenvolvido diferentes atividades na IUC, fortaleceu o meu gosto pelos livros e por todo o universo da sua preparação.

Desta forma, o meu relatório de estágio em edição na Imprensa da Universidade de Coimbra estrutura-se em três partes.

A primeira parte — denominada “Imprensa da Universidade de Coimbra: entre o passado e o presente” —, pretende apresentar e registar, de forma sucinta, a evolução da história e da atividade da editora, dividindo-a em dois momentos que se interligam entre si: a história primordial e a história contemporânea. Na história primordial, darei conta de três períodos marcantes na IUC: a sua fundação (em 1773, pelo Marquês de Pombal), extinção (em 1934, por Oliveira Salazar) e reativação (em 1998, por iniciativa do reitor da Universidade, Fernando Rebelo, e do diretor da editora, Fernando Regateiro). No período pós-reativação, a história contemporânea será descrita cronológica e tematicamente, abordando aspetos como os Regulamentos (de 1999 e 2006, respetivamente), a política e a atividade editorial, a equipa, o processo editorial, o catálogo da IUC, enumerando, por série/coleção, os títulos publicados anualmente pela editora (de 1999 a 18 de maio de 2018), e as atividades e iniciativas culturais realizadas no âmbito do livro e da leitura pela Imprensa.

A segunda parte — designada “Da teoria à prática: o estágio e as atividades desenvolvidas” —, tenciona expor e desenvolver, tendo por base o processo editorial ligado às várias fases de produção dos livros, todas as atividades concretizadas por mim ao longo do estágio na Imprensa da Universidade de Coimbra, demonstrando as dificuldades e soluções encontradas na sua realização. Nesta parte do relatório, organizarei as atividades em principais e outras: quanto às principais, serão descritas atividades como a leitura e análise de duas obras infantojuvenis, o pedido de ISBN’s, o

pedido de orçamentos à gráfica, o pedido de registo CIP para catalogação na publicação, a elaboração de contratos de edição, o carregamento de uma obra na *UC Digitalis*, e a revisão de texto; e quanto às outras, serão relatadas tarefas como a preparação de originais e a elaboração de ofícios a enviar aos autores.

A terceira parte — intitulada “*Classica Digitalia*: (re)organização da série” —, procura apresentar e explanar aquele que foi o maior projeto desenvolvido por mim na IUC: a (re)organização da série *Classica Digitalia*. Em primeiro lugar, farei uma breve introdução àquilo que é considerado, pelo *Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos*, uma obra de âmbito literário, científico e artístico, protegida pelos direitos de autor, na qual se integra o livro enquanto objeto publicado por uma editora e regido por um contrato de edição celebrado entre esta e o(s) autor(es) da(s) obra(s). E em segundo lugar, tendo por base temas como o livro (impresso vs. eletrónico e Acesso Aberto) e as séries/coleções, referirei como estes pontos se refletem na imprensa universitária, mais propriamente no caso da Imprensa da Universidade de Coimbra, e nesta série da editora, os *Classica Digitalia*.

Por fim, apresentarei as considerações finais, onde faço um balanço de todo o percurso e atividades desenvolvidas durante quatro meses enquanto estagiária da IUC. No entanto, como complemento final, justifico grande parte do relatório e das tarefas que realizei através da ilustração de anexos.

1. Imprensa da Universidade de Coimbra: entre o passado e o presente

A Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) é detentora de um trajeto inigualável no que toca às editoras académicas portuguesas. Marcada por um riquíssimo e extenso legado histórico-cultural —, indissociável da História da Universidade de Coimbra e da História de Portugal —, a IUC tem acompanhado a evolução do mundo editorial e, através dos séculos, tem vindo a conquistar uma identidade e um reconhecimento internacional que a individualizam atualmente no mundo da edição e em tudo o que lhe está subjacente. Desta forma, e acompanhando a sua evolução, entre bons e maus momentos, optei por abordar a história da IUC, dividindo-a em duas partes. Assim, num primeiro momento farei uma breve introdução à história primordial da IUC, continuando, num segundo momento, ainda que brevemente, com a sua história contemporânea.

1.1. História primordial

Quanto à história primordial da Imprensa da Universidade de Coimbra, darei conta, ainda que de forma muito sucinta ^[1], de três momentos fundamentais: a sua fundação, extinção e reativação. Todavia, convém antes esclarecer um ponto importante, que permitirá dar continuidade e entrar nos momentos mais relevantes da história desta casa editorial.

Desta forma, apesar de a tipografia só ter sido introduzida em Coimbra em 1530, no ano de 1537, quando D. João III determinou instalar definitivamente a Universidade na cidade, é que esta «procurou apetrechar-se com os meios tipográficos indispensáveis ao serviço e à difusão da cultura» ^[2]. Para tal, em 1548, o seu reitor, Fr. Diogo de Murça, celebrou um contrato, confirmado pelo rei, com dois impressores privilegiados e exclusivos da instituição académica, situada nos Paços Reais: João de Barreira e João Álvares. Para além de um ordenado anual de 12.000 réis, teriam acesso aos instrumentos e materiais de impressão quando necessitassem, restituindo-os sempre ao guarda do cartório e da livraria, Fernão Lopes de Castanheda. Quando este faleceu, os mesmos materiais foram entregues aos dois tipógrafos, como fiéis depositários, sendo obrigados a devolvê-los à Universidade sempre que esta os requeresse. Além disso, de forma a fomentar a atividade editorial, a Universidade celebrava sempre novos contratos com os descendentes dos impressores falecidos para

^[1] A história da Imprensa da Universidade de Coimbra encontra-se descrita detalhadamente em duas obras indispensáveis: Imprensa da Universidade de Coimbra (coord.) (2001). *Imprensa da Universidade de Coimbra: a História, os Homens e os Livros*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; e Regateiro, F. J. et al. (2001). *Imprensa da Universidade de Coimbra. Uma história dentro da História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

^[2] Imprensa da Universidade de Coimbra (coord.), cit. 1, p. 14.

que continuassem a sua atividade, assim como também emprestava dinheiro aos autores que desejassem editar as suas obras.

No entanto, em 1759, já no reinado de D. José I, após a extinção dos privilégios dos dois impressores da Universidade de Coimbra, o Marquês de Pombal ordenou a expulsão dos jesuítas e o sequestro da imprensa do Colégio das Artes (fixada em Coimbra desde 1710). Com o espólio adquirido, foi fundada a Real Officina da Universidade, que ficou a ser administrada pelo impressor José Correia da Costa. Contudo, esta apenas funcionaria até 1772, altura em que o Marquês e o reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos, concluíram que esta oficina já não dispunha das condições apropriadas para a impressão das obras, não se encontrando mais à altura da Universidade reformada.

No ano de 1773, na Sé Velha e nos espaços circundantes, nasceram, ainda sob a alçada do Marquês, as instalações da «nova e mais grandiosa Imprensa» ^[3] (**Figura 1**), administrada por Bernardo Correia de Azevedo Morato, para onde tinha sido transferido todo o material da Real Officina. Dotada de prelos e de outro material tipográfico, foi concedido à nova Imprensa o exclusivo da impressão dos livros de Matemática e das *Ordenações do Reino*, incitando, assim, a sua atividade editorial.



Figura 1 – Imprensa da Universidade de Coimbra, a partir de 1773 ^[4]

Mas em 1790, por alvará régio de D. Maria I, é publicado o primeiro Regimento da Imprensa —, no qual constavam as obrigações e deveres da editora, assim como os privilégios atribuídos aos seus funcionários —, e esta passa a designar-se Real Imprensa da Universidade, ou apenas Imprensa da Universidade, sendo constituída por um Diretor, um Revisor e um Administrador. A sua atividade editorial, de qualidade excecional, era reveladora da época, do espírito que encabeçou a Reforma Pombalina, mas também do cumprimento do Regimento, e, portanto, consistia na impressão dos manuais da Reforma Pombalina, de obras relativas a cada Faculdade e de outras publicações,

^[3] Imprensa da Universidade de Coimbra (coord.), cit. 1, p. 16.

^[4] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (1).

como periódicos de estudantes e folhetos; mas, também de livros de matrículas e de exames, cartas de curso, teses e outras provas académicas; assim como de trabalhos externos à Universidade. Estes eram vendidos na loja situada no edifício da Imprensa da Universidade.

Porém, após 162 anos de atividade, em 1934, pelo Artigo 38.º do Decreto-Lei n.º 24/124, a Imprensa da Universidade é extinta por Oliveira Salazar, pois constituía uma «poderosa arma política»^[5] que poderia escapar ao controlo do Estado Novo: tanto pelos seus trabalhadores progressistas e pela direção democrática do administrador Joaquim de Carvalho, como pela grande produção e atividade editorial que não estava de acordo com o regime unitário. Da sua extinção advieram três consequências fundamentais: todo o material foi removido para a Imprensa Nacional de Lisboa; foram poucas as reações por parte do Senado e da Assembleia da Universidade, à exceção dos alunos; e a sua atividade editorial continuou assegurada por algumas Faculdades e pela Biblioteca Geral.

Entretanto, em 1998, a Imprensa da Universidade é reativada. Contudo, devido à sua extinção 64 anos antes, a Universidade de Coimbra sentiu necessidade de criar, em 1979, o Serviço de Documentação e Publicações, que serviria como um suporte alternativo à atividade editorial, competindo-lhe «programar, coordenar e orientar as publicações de carácter pedagógico, científico e cultural da Universidade»^[6]. Em 1986, um estudo solicitado pelo reitor Rui de Alarcão a Luís Reis Torgal e Maria Antónia Amaral, apontava como tarefa prioritária para a reestruturação deste Serviço a reativação da Imprensa da Universidade. Igualmente, em 1989, os Estatutos da Universidade, contemplavam a criação da Imprensa, que teria como missão «a definição da política editorial da Universidade, competindo-lhe igualmente programar, coordenar e orientar a publicação de obras de interesse cultural, científico e pedagógico»^[7]. Efetivamente, só após Fernando Regateiro ocupar o cargo de diretor, é que a Imprensa reiniciou a sua atividade. Mas esta apenas em 2001 recuperou o seu antigo espólio que se encontrava na Imprensa Nacional de Lisboa, tendo regressado, em 2007, à sua antiga casa, junto à Sé Velha, onde até à data continua a funcionar.

1.2. História contemporânea

Quanto à história contemporânea da Imprensa da Universidade de Coimbra, ainda que vá ser tratada de forma sintetizada, esta foi elaborada a partir de informação recolhida no arquivo da IUC, onde procedi à leitura e análise dos relatórios de atividades, das atas do Conselho Editorial e dos recortes de imprensa. A IUC é por disposição estatutária (cf. Estatutos da Universidade de Coimbra de 1 de setembro de 2008) uma unidade de extensão cultural e de apoio à formação —, «responsável

^[5] Imprensa da Universidade de Coimbra (coord.), cit. 1, p. 25.

^[6] Regateiro, F. J. et al., cit. 1, p. 127.

^[7] Regateiro, F. J. et al., cit. 1, p. 128.

pela coordenação dos meios e dos recursos que asseguram a gestão racional [...] da actividade editorial, bem como pela concretização da estratégia de coordenação definida nestas matérias pelos órgãos competentes da Universidade» ^[8] —, e por isso, ao analisar a atividade da editora após a sua reativação em 1998, optei por fazer uma descrição cronológica e igualmente temática da sua história contemporânea, abordando aspetos como a política e a atividade editorial ou as atividades e iniciativas culturais no âmbito do livro e da leitura promovidas pela IUC, tendo em conta os seus Regulamentos homologados em 1999 e 2006, respetivamente. Contudo, em primeiro lugar elucidarei o leitor acerca do primeiro Regimento da Real Imprensa da Universidade e das coleções que fizeram parte da administração da editora por Joaquim de Carvalho.

Deste modo, como já referi *supra*, a Imprensa da Universidade foi fundada, em 1773, pelo Marquês de Pombal. Apetrechada dos meios materiais e humanos necessários à produção editorial e ao serviço cultural da Universidade e do país, a Real Imprensa da Universidade viu aprovado por D. Maria I, o primeiro Regimento (9 de janeiro de 1790), onde constavam:

a) as atribuições de todos os seus funcionários e a isenção de direitos para o papel, durante dez anos; b) o dever de serem entregues à Biblioteca da Universidade, bem encadernados, dois exemplares de todos os títulos publicados; c) a forma de governo da Imprensa da Universidade, que seria provido pelo Conselho de Decanos e constituído por: “Um Director [...]; Um Revisor [...]; Um Administrador [...]” (Imprensa da Universidade de Coimbra (coord.), 2001: 18)

De acordo com Antunes (*in* Regateiro et al., 2001: 61), o Conselho de Decanos, assistido por um escriturário que registava os despachos e as resoluções, reunia-se semanalmente para debater assuntos atuais na época e analisar a atividade editorial da Imprensa, que era marcada por obras e autores estrangeiros, e pelo fomento de todas as áreas das ciências (desde a teologia e filosofia, ao direito, ciências matemáticas e ciências físicas, entre outras).

Porém, a editora é extinta em 1934 por Salazar. Convém notar que, entre 1921 e 1934, foi notável a atividade editorial desenvolvida pela Imprensa da Universidade de Coimbra sob a direção do ilustre professor Joaquim de Carvalho, tendo sido criadas várias coleções que marcaram o panorama cultural do país: *Subsídios para a história da Arte Portuguesa*; *Scriptores Rerum Lusitanarum*; *Biblioteca de Escritores portugueses*; *Documentos para a história da Expansão Ultramarina dos portugueses*; *Biblioteca do século XVIII*; *Biblioteca democrática*; *Biblioteca luso-brasileira de história da Medicina*; *Estudos da história e literatura portuguesa*; *Biblioteca filosófica*; *Filósofos e Moralistas*; e *Varia*.

^[8] Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – Gabinete do Ministro. *Despacho Normativo n.º 43/2008 de 1 de setembro. Estatutos da Universidade de Coimbra*. Diário da República: II.ª série, n.º 168, n.º 4 do Artigo 26.º, p. 38333.

Entre os títulos publicados neste período ^[9], são exemplo *Estudos sobre a reforma em Portugal*, de Henriques Nogueira (1924) na coleção *Biblioteca democrática*; *A luta pela liberdade no pensamento europeu*, de Newton de Macedo (1930); *Estudos filosóficos e críticos*, de Alfredo Pimenta (1930); *O que é vivo e o que é morto na filosofia de Hegel*, de Benedetto Croce, com tradução de Vitorino Nemésio (1933) e *As novas tendências da Psicologia Experimental: a teoria da forma*, de Newton de Macedo (1933) na coleção *Filósofos e Moralistas*; *Soluções críticas*, de Manuel Anselmo (1934); *No limiar da Idade-Nova*, de João Ameal (1934); *A Romaria*, do Padre Vasco Reis e prefaciado por Alfredo Pimenta (1934); e *O Amor Místico*, de Sílvio Lima (1935).

Após a sua extinção, a atividade editorial de caráter científico manteve-se na Universidade de Coimbra: as Revistas Científicas da Universidade que eram impressas pela editora, continuaram a ser publicadas pelas Faculdades de Direito, Medicina e Ciências, e pela Biblioteca Geral ^[10], enquanto surgiam novas revistas ligadas a outras unidades orgânicas (Letras, Direito, Ciências e Farmácia) ^[11].

Por iniciativa do reitor da Universidade, Fernando Rebelo, e com Fernando Regateiro na direção da editora, a IUC (**Figura 2**) é reativada em 1998, reiniciando assim a sua atividade.



Figura 2 – Imprensa da Universidade de Coimbra atualmente ^[12]

No período pós-reativação, a 13 de julho do ano seguinte, o Senado aprovou o primeiro Regulamento da IUC (**Anexo I**), enquanto a 1 de fevereiro de 2006 foi homologado o segundo

^[9] Torgal in Regateiro, F. J. et al., cit. 1, pp. 114-116.

^[10] Entre os diversos títulos: *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra* (1914); *Coimbra Médica* (1881); *Revista da Faculdade de Ciências* (1931); e *Arquivo Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra* (1934) (cf. Imprensa da Universidade de Coimbra (coord.), cit. 1, p. 27).

^[11] Entre os diversos títulos: *Brasília* (1942); *Revista de Direito e Estudos Sociais* (1945); *Arquivos de Técnica Cirúrgica e Medicina Operatória* (1944); *Anuário da Sociedade Broteriana* (1935); e *Boletim da Escola de Farmácia* (1940) (cf. Imprensa da Universidade de Coimbra (coord.), cit. 1, p. 27).

^[12] Website Universidade de Coimbra (1).

Regulamento da editora (**Anexo II**). Em ambos, a Imprensa da Universidade de Coimbra possui como objetivos:

Contribuir para a definição da política editorial da Universidade; Programar, coordenar e orientar a publicação de obras de interesse cultural, científico e pedagógico; Desenvolver actividades e promover iniciativas de índole cultural, científica, pedagógica e promocional, que se enquadrem nos seus fins. [...] mediante a celebração de convénios, protocolos ou contratos de colaboração com outras instituições [unidades orgânicas, estabelecimentos e serviços da Universidade de Coimbra], ou entidades públicas ou privadas. (cf. Anexo I e II)

Dotada de receitas, também provenientes da venda das obras por si editadas (cf. Artigo 9.º do Anexo I, e Artigo 10.º do Anexo II), e de um orçamento próprio, apesar de não ter autonomia financeira, a IUC é constituída por um Diretor, por um Conselho Editorial e por um Gabinete de Apoio, mas também por um Diretor-Adjunto (coadjuvante do Diretor), de acordo com o segundo Regulamento.

O Diretor, administra na totalidade a IUC —, a sua atividade e processo editorial, as atividades e iniciativas, e tudo o que está subjacente à editora —, e a pessoa que a representa dentro e fora da Universidade. Este, por sua vez, tem um Diretor-Adjunto a coadjuvá-lo no exercício das suas funções na editora. O Conselho Editorial —, constituído pelo Diretor, por um docente de cada uma das oito Faculdades, pelo Diretor da Biblioteca Geral e do Arquivo da Universidade, por um representante dos estudantes e por um dos funcionários da editora (de acordo com o segundo Regulamento, os últimos três membros referidos pelo primeiro Regulamento foram substituídos por dois membros do Senado, sendo um deles estudante, e por duas personalidades indicadas pelo reitor) —, é um «órgão de consulta»^[13] convocado pelo Diretor, que se reúne trimestralmente para «definir a política editorial da Imprensa da Universidade»^[14], mas também para intervir em todo o processo editorial das obras sempre que necessário, ou pronunciar-se sobre qualquer outro assunto pertinente (cf. Artigo 7.º do Anexo I e II). Ao Gabinete de Apoio, compete não só a realização de todas as tarefas editoriais da Imprensa e das respeitantes ao seu funcionamento, mas também «assegurar o Secretariado e o expediente»^[15] dos membros referidos *supra*, assim como «manter em dia a contabilidade e elaborar a conta gerência»^[16]. Atualmente, a IUC é constituída pela seguinte equipa: o Diretor, a Diretora-Adjunta, um Conselho Editorial, dois técnicos de infografia e multimédia, dois técnicos superiores, um bolseiro da área de informática colaborador no desenvolvimento do projeto *UC Digitalis* e um assistente técnico responsável pelo secretariado e pela faturação/vendas.

^[13] Remeto para o Artigo 6.º do Anexo I.

^[14] Remeto para o Artigo 7.º do Anexo I.

^[15] Remeto para o Artigo 8.º do Anexo I.

^[16] Remeto para o Artigo 11.º do Anexo II.

De forma a cumprir os objetivos estabelecidos nos dois Regulamentos, o Conselho Editorial definiu, como política editorial da Imprensa da Universidade de Coimbra, a edição de obras que se insiram nos seus objetivos editoriais e que representem uma mais valia de caráter didático e/ou científico, no âmbito cultural, artístico, científico, pedagógico-didático, e de documentos e história da Universidade de Coimbra. Contudo, como editora universitária que é, dá prioridade às obras de caráter pedagógico-didático, como os manuais para o ensino superior. Por esse mesmo motivo, os autores publicados pela editora, são preferencialmente docentes ou investigadores da Universidade de Coimbra, cujas obras estão sujeitas ao cumprimento de certos procedimentos e normas ^[17] para que sejam apresentadas e submetidas à editora, e possam, eventualmente, vir a ser publicadas.

Assim sendo, após a apresentação, fundamentada e detalhada, da proposta editorial pelo autor ao Diretor da Imprensa, acompanhada da entrega da versão integral do texto ao abrigo das normas citadas, é aberto um novo processo e marcada uma reunião com o autor para ser acordada a série ou coleção em que a obra será integrada, caso seja aprovada pelo Conselho Editorial; aceite pelo Conselho, a proposta de obra será sujeita a uma arbitragem científica externa rigorosa por *referees* que darão o seu parecer sobre a mesma; por fim, assinadas as declarações de autorização para a publicação da proposta, é iniciado o processo editorial de publicação da obra. Como se verá mais à frente, as publicações da IUC (as monografias) são organizadas em séries e em coleções, no entanto, também fazem parte do seu catálogo publicações periódicas.

Como já referi, após a sua reativação em 1998, a IUC reinicia também a sua atividade. E assim, posteriormente à aprovação dos dois Regulamentos (sendo o de 2006 o mais recente), a editora teve uma intensa atividade, constituída por altos e baixos. Desta forma:

Em 1999, aprovou-se o primeiro Regulamento da IUC, foi criado o Conselho Editorial e foram publicadas as primeiras obras em três coleções (*Documentos*, *Investigação* e *Ensino*), tendo sido publicada, em 2001, a primeira obra na coleção *Outros Títulos*, e, em 2005, uma obra que se não integra em nenhuma das séries ou coleções. São também de referir outros acontecimentos como a recuperação pela editora de parte do antigo espólio que se encontrava na Imprensa Nacional de Lisboa, desde a sua extinção em 1934; a transferência para a IUC do espaço da livraria dos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra, localizado numa zona de grande movimento de alunos (Rua Oliveira Matos, junto à Associação Académica), e que pretendia ser um espaço cultural aberto à comunidade académica estimulando o contacto e a descobertas de novas obras; a criação na IUC, entre 2003/2004, de um espaço destinado à loja/livraria, mais tarde explorado em parceria com a Coimbra Editora (entre 2006 e 2012); a criação de um *website*, destinado à divulgação de informação sobre a editora e suas publicações, possibilitando a comercialização das mesmas por comércio eletrónico; o desenvolvimento da sua atividade editorial com o apoio de um paginador do Serviço de

^[17] *Website* Imprensa da Universidade de Coimbra (2 e 3).

Documentação e Publicações, com recurso a contratação de serviços externos; e o desenvolvimento de diversos protocolos (mais precisamente 152), entre eles, com entidades externas à Universidade de Coimbra como, por exemplo, a Assembleia da República (2007, 2008), a Fundação Montepio Geral (2004) ou o Turismo de Coimbra, EM (2012) ^[18].

Em 2006, publicou-se o segundo Regulamento da IUC e a editora, juntamente com mais quatro editoras universitárias, constituiu a Associação Portuguesa de Editoras do Ensino Superior (APEES) que viria a reunir 12 editoras ^[19], a qual divulga todas as novidades e iniciativas das editoras universitárias portuguesas. Convém assinalar igualmente outros acontecimentos como a criação, em 2006, de mais quatro coleções (*Arquitetura*, *Ciências da Saúde*, *Ciências e Culturas* e *República*), tendo até 2016 sido criadas novas séries e coleções para abarcar e desenvolver novas áreas do saber, captando assim novos autores e publicando obras de referência pela sua qualidade e novidade; a exploração do *Twitter* e do *Facebook*; a exploração de um “ponto de venda” na Faculdade de Economia; a aposta na divulgação orientada para o público-alvo, através da criação de *mailing lists*; e a adoção do novo acordo ortográfico.

Tendo como missão publicar obras no âmbito cultural, artístico, científico e pedagógico-didático, expandindo a sua capacidade editorial para todas as áreas do saber, a IUC criou, entre 1999 e 2018, novas séries e novas coleções. No entanto, investiu principalmente na publicação de manuais de ensino em todas as Faculdades e em áreas científicas diversas, e reduziu a publicação de teses de doutoramento e de atas de colóquios. Publicou, igualmente, diversas revistas. Assim (pela ordem enumerada):

Entre 1999 e 2005 (**Tabela 1**), a IUC publicou 70 obras em quatro coleções, incluindo uma obra que não se integra em nenhuma das séries ou coleções; entre 2006 e 2011 (**Tabela 2**), publicou 266 obras em 18 coleções e quatro séries; e entre 2012 e 2018 (**Tabela 3**) publicou 505 obras em 20 coleções e sete séries — entre 2012 e 2017 publicou 463 obras em 20 coleções e sete séries, e entre janeiro e 18 de maio de 2018, publicou 42 obras em 10 coleções e cinco séries ^[20]. Contudo, a editora também integra no seu catálogo Revistas Científicas e Revistas Institucionais (um total de 31 revistas, entre científicas e institucionais) ^[21].

^[18] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (4).

^[19] Website Associação Portuguesa de Editoras do Ensino Superior.

^[20] A série *Classica Digitalia* sofreu alterações no ano de 2018, passando a estar organizada em *Textos Gregos*, *Textos Latinos*, *Portugaliae Monumenta Neolatina*, *Classica Instrumenta*, *Humanitas Supplementum*, *Ensaio Breves*, *Ideia*, *Mito e (Re)escrita*, *DIAITA: Scrita & Realia*, *Ricoeuriana*, *Mundos e Fundos* e *Varia* (cf. website Universidade de Coimbra (2)).

^[21] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (5 e 6).

Tabela 1 – Número de obras por coleção entre 1999 e 2005 ^[22]

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	Total
<i>Documentos</i>	1		1	2	1	5	12	22
<i>Investigação</i>	1	4	4	3	5	5	2	24
<i>Ensino</i>	1			1	4	3	5	14
<i>Outros Títulos</i>			1	1	2	4	1	9
Sem coleção							1	1
Total	3	4	6	7	12	17	21	70

Tabela 2 – Número de obras por série/coleção entre 2006 e 2011 ^[23]

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total
<i>Documentos</i>	10	4	2	6	7	14	43
<i>Investigação</i>	3	6	4	6	7	9	35
<i>Ensino</i>	10	6	3	4	11	7	41
<i>Outros Títulos</i>	3	4	10	7	9	7	40
<i>Arquitetura</i>	1	1					2
<i>Ciências da Saúde</i>	4	1	2		2		9
<i>Ciências e Culturas</i>	4	1	7	3	1	2	18
<i>República</i>	1	1	2		2	1	7
<i>Estudos – Humanidades</i>		1	2	1	2		6
<i>Estado da Arte</i>			1	2	10	1	14
<i>Natura Naturata</i>			3	2	1		6
<i>Olhares</i>			1		4	1	6
<i>Lusitana Organa</i>						1	1
<i>Descobrir as Ciências</i>				2	1	2	5
<i>História Contemporânea</i>				6	2	1	9
<i>Camoniana</i>					1	1	2
<i>Dramaturgia</i>					1	2	3
<i>Li</i>					1		1
<i>Classica Digitalia</i> (todas) ^[24]						2	2
<i>Coimbra Companions</i>						2	2
<i>Empreendedorismo e Gestão</i>						2	2
<i>Portugaliae Monumenta Neolatina</i>			1	8	1	2	12
Total	36	25	38	47	63	57	266

^[22] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (7).^[23] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (7).^[24] A série *Classica Digitalia* inclui: *Antores Gregos e Latinos – Ensaaios*, *Autores Gregos e Latinos – Textos*, *Humanitas Supplementum*, *Varia – Monografias*, *Varia*, *Classica Instrumenta*, *Mito e (Re)escrita* e *DIAITA: Scripta & Realia* (cf. website Imprensa da Universidade de Coimbra (8)).

Tabela 3 – Número de obras por série/coleção entre 2012 e 2018 ^[25]

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018 (entre janeiro e 18 de maio)	Total
<i>Documentos</i>	11	9	6	8	7	3	2	46
<i>Investigação</i>	14	18	16	14	11	16	5	94
<i>Ensino</i>	11	8	12	8	4	7	4	54
<i>Outros Títulos</i>	4	9	23	13	11	15	5	80
<i>Arquitetura</i>	1		2					3
<i>Ciências da Saúde</i>		2	1	3	1	2	1	10
<i>Ciências e Culturas</i>	1	1	1		1		2	6
<i>Estudos – Humanidades</i>	1	1						2
<i>Estado da Arte</i>		1	1					2
<i>Natura Naturata</i>			1			1		2
<i>Olhares</i>	1		2	2	2		3	10
<i>Descobrir as Ciências</i>	1	6		1		1	1	10
<i>História Contemporânea</i>	3	1	2		2	3	1	12
<i>Dramaturgia</i>	1	1	1		2		2	7
<i>Li</i>	2							2
<i>Coimbra Jurídica</i>						3		3
<i>IUC/Annablume</i>	21	2	4		1			28
<i>III: Conferências & Debates Interdisciplinares</i>		1			1			2
<i>Theke</i>		1	1					2
<i>Poesia XXI</i>					3			3
<i>Classica Digitalia (todas)</i> ^[26]	16	27	14	12	14	10	9	102
<i>Coimbra Companions</i>			1					1
<i>Portugaliae Monumenta Neolatina</i>		1	1	2	1		3	8
<i>Geografias</i>					2		1	3
<i>Riscos e Catástrofes</i>				2	2			4
<i>Mundos e Fundos</i>		1					1	2
<i>Ideia</i>				1	2	2	2	7
Total	88	90	89	66	67	63	42	505

Contam-se entre os títulos publicados entre 1999 e 18 de maio de 2018 alguns exemplos, como *Reitorado I*, de Rui de Alarcão (1999); *Organizações em transição: contributo da psicologia do trabalho e das organizações*, de A. Duarte Gomes (coord.) (2000); *Imprensa da Universidade de Coimbra: a história, os homens e os livros*, de Isabel Simões Patrício (coord.) (2001); *Cancro do recto: excisão total do mesorrecto*, de João Pimentel (coord.) (2002); *O Professor Doutor Costa Simões*, de Nuno Salgado (2003); *Modelação em hidráulica fluvial e ambiente*, de José Simão Antunes do Carmo (2004); *Para um Ruben global: catálogo bibliográfico documental*, de José Carlos Seabra Pereira et al. (2005); *Arlindo Vicente e o Estado Novo*, de Miguel Dias Santos (2006); *Nos*

^[25] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (7).

^[26] A série *Classica Digitalia* inclui: *Antores Gregos e Latinos – Ensaio*, *Antores Gregos e Latinos – Textos*, *Humanitas Supplementum*, *Varia – Monografias*, *Varia*, *Classica Instrumenta*, *Mito e (Re)escrita* e *DIAITA: Scripta & Realia* (cf. website Imprensa da Universidade de Coimbra (8)).

bastidores da ciência 20 anos depois, de Sebastião J. Formosinho (2007); *Ortopedia e traumatologia: noções essenciais* (2.^a edição), de Adrião Proença (2008); *A ideologia aristocrática nos Theognidea*, de Glória Braga Onelley (2009); *Drama e comunicação*, de Paulo Filipe Monteiro (2010); *Órgãos de tubos em Portugal: mosteiro de Semide*, de Edite Rocha (2011); *As mil cores do sorriso de Maria*, de Ana Daniela Soares et al. (2012); *Amor e morte na cultura clássica*, de José Ribeiro Ferreira (2013); *O museu de imagens na imprensa do Romantismo*, de António Manuel Ribeiro (2014); *A Filosofia Transcendental e a sua crítica: idealismo, fenomenologia, hermenêutica*, de Diogo Ferrer e Luciano Utteich (coords.) (2015); *Interdisciplinaridades e Universidade*, de António Rafael Amaro et al. (2016); *O meu herbário de plantas medicinais*, de Célia Cabral e Fernanda Botelho (2017); e *Memórias da Guerra de Troia: a performance do passado épico na Odisseia de Homero*, de Christian Werner (2018).

Todavia, a atividade da Imprensa da Universidade de Coimbra evoluiu a par das inovações tecnológicas, começando a valorizar o mundo do digital. E por isso, passou a integrar o mundo das bibliotecas digitais, começando a carregar numa plataforma digital as revistas de várias Universidades; promoveu as suas obras através do *website* criado para a IUC; começou a distribuir e a vender as suas obras em duas plataformas digitais, a *Amazon* (sob o sistema de *print on demand*) e o *Google Play* (em formato digital); passou a integrar a *UC Digitalis*, subdividida em três plataformas digitais (*Alma Mater*, *UC Pombalina* e *UC Impactum*); aderiu à OJS (*Open Journal Systems*), podendo indexar as suas revistas eletrónicas em bases de dados como a *ISI – Web of Knowledge* e a *Scopus*; desenvolveu um serviço de edição de revistas; começou a indexar os seus livros na *Web of Science*; entrou na *B-On – Biblioteca do conhecimento online*; começou a disponibilizar as suas obras em Acesso Aberto; e começou a atribuir DOI (*Digital Object Identifier*) às suas publicações.

De um total de 841 obras publicadas pela IUC entre 1999 e 18 de maio de 2018, à exceção das revistas, a editora publicou diversas obras em coedição com diversas editoras e parceiros de referência, nacionais e internacionais, como algumas editoras brasileiras ou com centros de investigação, que potenciaram a própria visibilidade da editora. Sendo inicialmente distribuídas pela Livraria Almedina, e depois pela Coimbra Editora, as suas obras passaram a ser distribuídas pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, o que permitiu divulgar as publicações da IUC por todo o país. Além disso, a atividade editorial da Imprensa contou com o financiamento da Reitoria da Universidade, mas também com patrocínios/apoios ^[27] de várias instituições e empresas, públicas e privadas.

Por fim, durante este mesmo período, de modo a promover o livro e a leitura, a IUC desenvolveu atividades e promoveu diversas iniciativas culturais ^[28], pedagógicas e promocionais, mostrando a sua intensa atividade editorial, desde iniciativas no âmbito do livro e da leitura, a feiras do livro em

^[27] *Website* Imprensa da Universidade de Coimbra (4).

^[28] *Website* Imprensa da Universidade de Coimbra (9 e 10).

diversas localidades, colóquios (nacionais e internacionais), seminários, lançamentos/apresentações de obras, exposições, mesas-redondas, mercados do livro, encontros do livro universitário, instituição do Prémio Joaquim de Carvalho, semanas culturais, conferências, debates, *workshops*, tertúlias, entre outras iniciativas.

2. Da teoria à prática: o estágio e as atividades desenvolvidas

Durante quatro meses, tive o privilégio de realizar um estágio curricular numa das editoras académicas mais conceituadas do país —, a Imprensa da Universidade de Coimbra —, o que me possibilitou concluir o Mestrado em Estudos Editoriais. Através desta experiência diversificada e completa, pude realizar um conjunto de tarefas que me colocaram em contacto com o mundo profissional, assim como com as várias fases de trabalho do processo editorial das obras da IUC, permitindo-me pôr em prática a teoria adquirida nas diferentes disciplinas do referido Mestrado e aplicar os conhecimentos obtidos ao longo do estágio. Contudo, antes de entrar nas tarefas propriamente ditas —, que terão em consideração a sua inserção no processo editorial da IUC e a bibliografia específica para cada uma delas —, pretendo abordar muito rapidamente o produto livro enquanto bem cultural e bem económico, que se insere na cadeia de valor da edição de Bide, tendo por base o modelo de Porter.

Deste modo, segundo Paladino, «uma editora apresenta todas as dinâmicas de uma qualquer empresa (económicas, organizacionais, financeiras, fiscais) e, além disso, as dinâmicas cultural e social» ^[29]; consequentemente, «[...] o livro, sendo um suporte, é infinitamente reproduzível e, portanto, um bem económico; mas, sendo suporte de um texto escrito por um autor, é uma criação cultural» (Furtado, 2000: 69). Logo, enquanto bem cultural e bem económico, o livro é um produto que se insere numa cadeia estruturante que integra uma sequência de atividades —, desde a obtenção do produto («elaboração intelectual da obra» ^[30] pelo autor) até à sua entrega ao consumidor final (i.e., leitor) —, assinalando um tipo de transação designado de *business-to-customer* (i.e., empresa/editora para consumidor/leitor), e, portanto, qualquer alteração numa dessas atividades terá repercussões negativas nas restantes.

Neste seguimento, a cadeia de valor de Porter (O'Grady, 2001; Fantasia, 2013; Furtado, 2000) (**Gráfico 1**), que servirá de modelo a Bide, caracteriza-se pela execução de um conjunto de atividades interligadas de forma ordenada ^[31] — divididas em primárias e de suporte/apoio ^[32] —, que, para além de criarem valor para o produto final, permitem criar, entregar e comunicar valor ao cliente e criar vantagem competitiva para a empresa, determinando os custos e afetando os lucros da mesma. Logo, quando o valor total atribuído a um produto pelo cliente excede os custos totais necessários à

^[29] Furtado, J. A. (2000). *Os Livros e as Leituras. Novas Ecologias da Informação*. Lisboa: Livros e Leituras, p. 67.

^[30] Furtado, J. A., cit. 29, p. 86.

^[31] No entanto, quando uma dessas atividades sofre alterações, as restantes também sofrerão as consequências.

^[32] As atividades primárias, relacionam-se diretamente com o produto, dizendo respeito à criação física do produto, à transferência e venda do mesmo para o comprador, à manutenção e suporte do produto, e à assistência pós-venda. Enquanto as atividades de suporte/apoio, que sustentam as primárias, dizem respeito ao fornecimento de matérias-primas, tecnologia e várias outras funções para a empresa.

execução dessas atividades, a empresa obtém uma margem de lucro positiva, diferenciando-se entre os concorrentes.

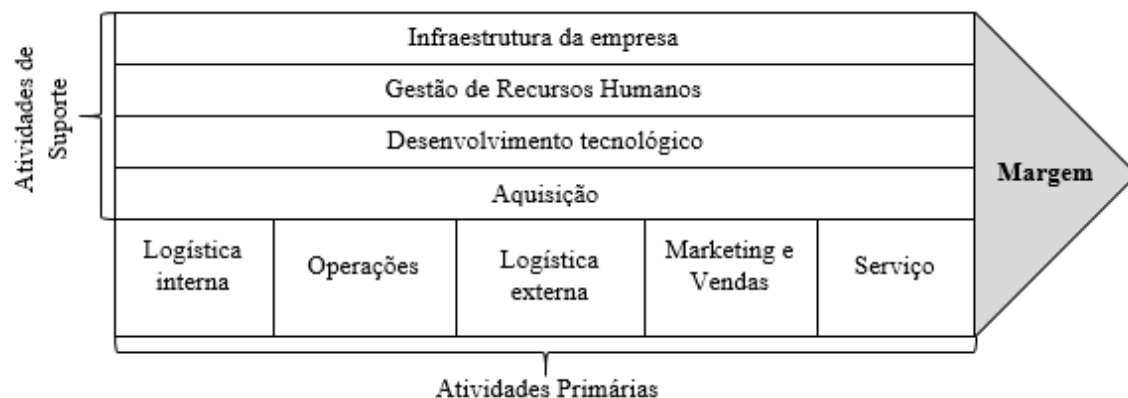


Gráfico 1 – Cadeia de valor de Porter ^[33]

Porém, apesar de servir de modelo à cadeia de valor da edição de Bide ^[34], a cadeia de valor de Porter apresenta-se desadequada à indústria editorial. A cadeia de valor da edição de Bide (Soares, 2016; Madalena, 2017; Furtado, 2000) (**Gráfico 2**) caracteriza-se pela realização de um conjunto de atividades — divididas em três funções (estratégicas, nucleares e de suporte) ^[35] — que, apesar de interligadas e interdependentes, não se apresentam lineares nem segmentadas de forma clara, podendo interferir entre si ou até entrecruzar-se; no entanto, todas são essenciais e estruturantes na criação de valor para o livro (i.e., produto final) e para o leitor (i.e., consumidor final), e na criação de vantagem competitiva para a editora (i.e., empresa). Logo, tal como em Porter, quando o valor total atribuído a um produto pelo cliente excede os custos totais necessários à realização dessas atividades, a editora obtém uma margem de lucro positiva, diferenciando-se no mercado de concorrentes.

^[33] Furtado, J. A., cit. 29, p. 93.

^[34] Tal como a cadeia de valor da edição de Bide, também a de Dubini (Furtado, 2000) (**Anexo III**), teve como modelo a cadeia de valor de Porter. Tal como Porter, Dubini divide as atividades da editora em primárias e de apoio, as quais, através da criação de vantagem competitiva para a editora e utilizando as suas competências distintivas para a diferenciar em relação aos concorrentes, fazem com que a editora obtenha o sucesso.

^[35] As funções estratégicas e as de suporte, correspondentes às atividades de apoio de Porter, sustentam as funções nucleares da editora.

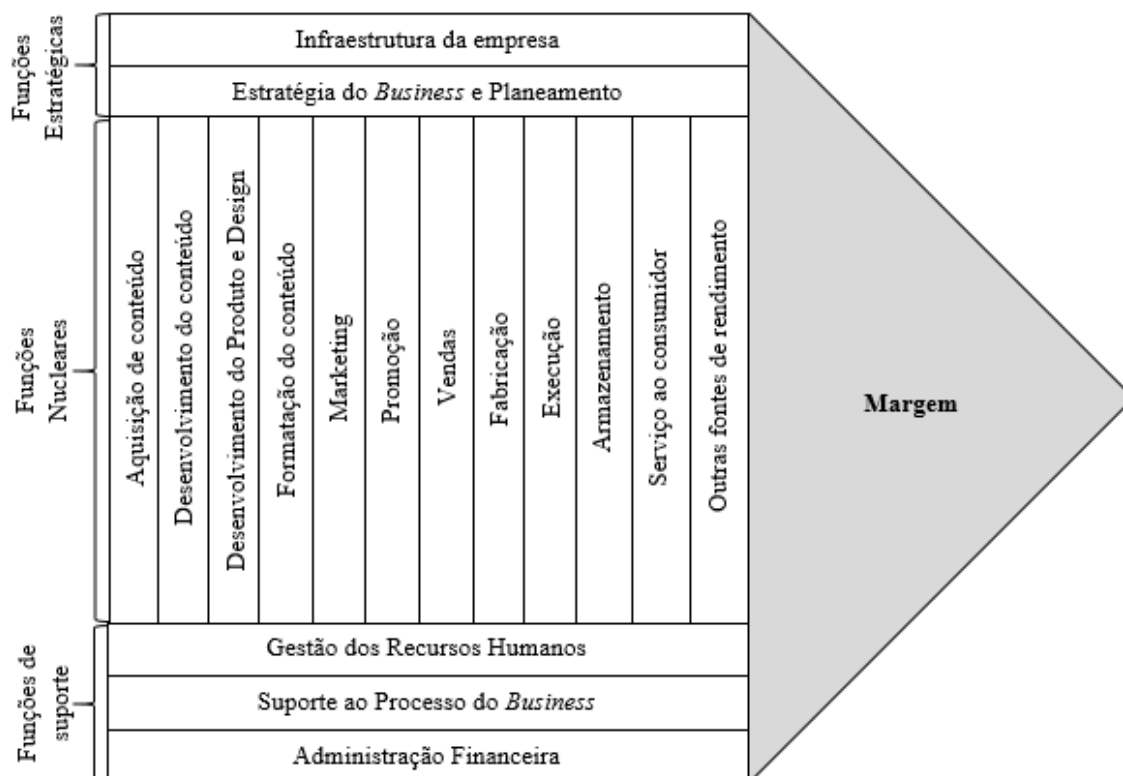


Gráfico 2 – Cadeia de valor da edição de Bide ^[36]

Independentemente de ser na editora que se inicia e termina o processo de edição do livro, é nela que convergem os outros elementos ^[37] inerentes ao processo editorial de cada obra ^[38], os quais mantêm relações entre si e com a editora, entrecruzando-se e permitindo o acrescento de valor ao livro enquanto produto editorial. Todavia, poderão também existir alguns elementos externos, posteriores à venda do livro, que podem igualmente acrescentar valor ao livro e criar vantagem competitiva para a editora, tais como prémios atribuídos aos autores ou adaptações cinematográficas das obras literárias que, apesar de terem as suas próprias cadeias de valor, partem sempre da cadeia de valor do livro que lhes serviu de base, fazendo com que o mesmo volte mais uma vez à editora.

Neste seguimento, como referi *supra*, o livro apresenta-se em duas vertentes: por um lado, é um bem cultural e, por outro, um bem económico. Ou seja, para se obter o livro enquanto produto final que será vendido ao consumidor final, é necessário percorrer um “caminho” que se inicia no autor — que, depois de dar por concluído o seu texto, pretende vê-lo publicado —, e termina no leitor, que compra o livro anteriormente escrito por esse mesmo autor. Porém, antes de terminar no

^[36] Furtado, J. A., cit. 29, p. 95.

^[37] Para além do editor, existem outros agentes editoriais como o autor, o agente literário, a gráfica, o distribuidor, o livreiro e, por fim, o leitor.

^[38] Para além da edição, existem outros processos que dizem respeito ao produto final livro, como a criação, a impressão, a distribuição e, por fim, o consumo.

leitor, a quem é vendido o livro, o texto do autor tem de passar por um conjunto de procedimentos na editora designado de processo editorial.

Assim, enquanto editora universitária, a Imprensa da Universidade de Coimbra é exemplo do que foi dito anteriormente e integra-se na cadeia de valor da edição de Bide. E, por isso, nesta parte do relatório, pretendo não só expor as diversas atividades realizadas no estágio (que dividi em principais e outras), atendendo ao processo editorial da IUC e mostrando as dificuldades e soluções encontradas para as mesmas, mas também analisá-las criticamente à luz da bibliografia fundamental.

2.1. Principais atividades

2.1.1. Leitura e análise de duas obras infantojuvenis

Inserindo-se no processo editorial da Imprensa da Universidade de Coimbra, mais precisamente na receção de proposta de edição e no envio da mesma para avaliação do Conselho Editorial, a primeira tarefa que realizei no estágio na editora foi a leitura e análise de duas obras infantojuvenis não publicadas (as quais e os respetivos autores mantenho sob anonimato por uma questão de confidencialidade), tendo resultado da sua análise um relatório com uma nota de leitura sobre as mesmas (**Anexo IV**).

Desta forma, numa primeira análise, considero que as duas obras, propostas para publicação na Imprensa da Universidade de Coimbra, são adequadas a um público infantojuvenil. Em primeiro lugar, porque se inserem no âmbito da literatura infantojuvenil, que é um ramo da literatura constituída por texto e/ou imagens, mesmo aquela que possui «carácter circum-escolar»^[39], que, «pela sua natureza, conteúdo e apresentação» (Faria & Pericão, 2008: 1021), está destinada a crianças e jovens leitores menores de dezasseis anos. E, portanto, podendo incluir-se neste âmbito «histórias fictícias infantis e juvenis, biografias, novelas, poemas, obras folclóricas e/ou culturais ou simplesmente obras contendo/explicando fatos da vida real»^[40], as obras deste âmbito têm como objetivo despertar e prender a atenção do público infantojuvenil, ensinando-lhes «a compreenderem o mundo que os rodeia»^[41] e estimulando-lhes a imaginação, «procurando assim, direta ou indiretamente, incutir neles valores fundamentais na sua formação como indivíduos» (Oliveira, 2012: 43).

E, em segundo lugar, porque se inserem no âmbito de uma coleção, isto é, de um «grupo de publicações distintas, ligadas entre si por um título comum, cada uma com o seu título próprio e seu

^[39] Faria, M. I., Pericão, M. (2008). *Dicionário do Livro: Da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina, p. 1022.

^[40] Website WebArtigos.

^[41] Oliveira, T. C. A. (2012). *Relatório de Estágio em Edição na Imprensa da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, p. 43.

responsável, expresso ou não»^[42], obedecendo, geralmente, a «regras editoriais que regem o formato, a capa, as ilustrações, o número de pesquisas, a impressão de um conjunto de textos sobre temas considerados homogêneos pelo editor» (Faria & Pericão, 2008: 276). Deste modo, se fossem publicadas pela editora, integrar-se-iam na coleção *Descobrir as Ciências*^[43], coordenada pela direção da IUC, que «é a única que conta, desde 2009, com uma coleção dirigida ao público infanto-juvenil»^[44]. Além do mais, integrar-se-iam também nesta coleção devido ao facto de ela possuir um «teor essencialmente didático, com algumas preocupações lúdicas [que têm por «base a observação e experimentação de trabalhos reais»^[45]]]»^[46], debruçando-se sobre os principais mistérios da ciência e tendo «como principal objetivo [a] sensibilização do público Infanto-Juvenil para tentar desvendar» (Oliveira, 2012: 41) esses mesmos mistérios.

Numa segunda análise mais detalhada, tive em conta, no caso da primeira obra infantojuvenil, aspetos que dizem respeito ao formato do livro, capa/contracapa, folha de rosto, ficha técnica, miolo (texto da obra), fontes tipográficas, cores, ilustrações e linguagem utilizadas, disposição do texto, entre outros aspetos que considero pertinentes; enquanto na segunda, por falta de mais elementos de análise, foi tido apenas em consideração o texto e a linguagem utilizada (cf. Anexo IV). No caso da primeira obra, os aspetos referidos não a tornam visualmente atrativa e acessível ao público a que se destina (cf. Anexo IV); enquanto na segunda, o texto permite uma leitura pausada e apresenta-se muito bem escrito e ritmado, o que permite uma leitura animada e quase cantarolada pelo leitor infantojuvenil, apesar de serem utilizadas palavras que considero de difícil compreensão para alguns desses leitores.

Por fim, poderá concluir-se que, apesar de terem aspetos a seu favor que as tornam obras adequadas a um público infantojuvenil, possuem alguns aspetos, como os referidos anteriormente, que fazem com que, apenas no caso da primeira obra, esta não satisfaça os critérios necessários para a sua publicação na editora conimbricense.

2.1.2. Pedido de ISBN's

Inserindo-se no processo editorial da Imprensa da Universidade de Coimbra, mais precisamente no pedido de ISBN impresso e digital, a segunda tarefa que realizei no estágio foi o pedido de ISBN — impresso e digital —, à Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), para cada uma das obras em versão final prontas a ser paginadas pela editora.

^[42] Faria, M. I., Pericão, M., cit. 39, p. 276.

^[43] *Website* Imprensa da Universidade de Coimbra (11).

^[44] Oliveira, T. C. A., cit. 41, p. 41.

^[45] Oliveira, T. C. A., cit. 41, p. 41.

^[46] Oliveira, T. C. A., cit. 41, p. 41.

Desta forma, cada ISBN (*International Standard Book Number*) —, ou seja, cada código de identificação único —, atribuído a uma publicação monográfica (i.e., publicação não periódica) pela Agência Nacional de ISBN (i.e., APEL), «identifica um livro numa determinada edição, com todas as vantagens que daí advêm, a nível económico e cultural, ao facilitar a recuperação e a transmissão de dados em sistemas automatizados, para fins públicos ou privados, ao facilitar a pesquisa e a actualização bibliográfica, bem como a interligação de bibliotecas e arquivos» ^[47], servindo «como instrumento essencial da produção, distribuição, análise das vendas e armazenamento dos dados bibliográficos no comércio livreiro [, sendo] também de vital importância na gestão da informação na biblioteca» ^[48].

No entanto, para além de poder ser atribuído a cada publicação monográfica ou edição de uma publicação monográfica de um editor, de acordo com o *Manual do Usuário ISBN* (2011: 7-8), este código também pode ser atribuído nos seguintes casos: a cada edição, em idiomas diferentes, da publicação monográfica; a parte, ou partes, de uma edição sempre que ocorram alterações significativas; à reedição de uma cópia por um novo editor; à publicação impressa no mesmo editor, mas com um novo título; à versão digital do livro impresso; e a cada umas das diferentes formas da publicação (por exemplo, capa dura, brochura, etc.), entre outros. Aliás, mesmo quando atribuído erradamente a uma obra, esse mesmo ISBN pode ser reutilizado para identificar outra publicação monográfica, desde que a editora reporte devidamente a situação à Agência, pedindo para trocar por outro título novo o título atribuído erradamente a esse ISBN.

Deste modo, após a receção e criação do processo para uma obra monográfica na Imprensa da Universidade de Coimbra, cada pedido de ISBN é realizado através do preenchimento, com os dados da editora e da obra, de um *Formulário de Pedido* ^[49] (**Figura 3**) fornecido pela Agência Nacional de ISBN em Portugal, ou APEL. Quanto ao seu preenchimento, os dados mais importantes restringem-se a dois: os dados do utilizador (i.e., da editora) e os dados do ISBN (i.e., da obra monográfica). Nos primeiros, é necessário preencher os dados relativos a: utilizador existente (neste caso, sim); tipo de utilizador (neste caso, a IUC é uma pessoa coletiva não sócio APEL); país (obviamente, Portugal); editor (Imprensa da Universidade de Coimbra); CAE principal da IUC, NIPC e *e-mail* desta; prefixo (neste caso, 978-989-26-); e o tipo de pedido (novo ISBN). Nos dados relativos à obra é preciso preencher os seguintes campos: título e autor (e preencher caso existam outros intervenientes na obra); e o tipo de suporte (ou seja, ISBN impresso ou eletrónico).

^[47] Website Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (1).

^[48] International ISBN Agency (2011). *Manual do Usuário ISBN (Edição Internacional, 6.ª ed.)*. London: International ISBN Agency, p. 4.

^[49] Website Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (2).

Figura 3 – Campos do formulário de pedido de ISBN ^[50]

Figura 3 – Campos do formulário de pedido de ISBN (cont.) ^[51]

Apesar de ser um dado essencial numa obra, considerei o seu processo relativamente simples. Nesta medida, foram pedidos por mim, para a Imprensa da Universidade de Coimbra, aproximadamente, 25 ISBN's impressos e digitais para cada uma das obras em versão final prontas a serem paginadas pela editora, entre as quais *Os Estados e a ordem internacional contemporânea*, de José Pureza; *Escrever para não morrer*, de Luiz Júnior; *Desplazamientos de la tradición clásica en las culturas hispánicas*, de Paola Bellomi et al.; e *The Coimbra Jesuit Aristotelian Course*, de Mário Santiago de Carvalho, entre outras.

^[50] Website Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (2).

^[51] Website Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (2).

No entanto, o preenchimento do formulário de pedido de ISBN para cada uma das obras tem de ser realizado duas vezes: uma para o ISBN em formato impresso e outra para o ISBN em formato eletrónico. Cada ISBN é constituído por 13 dígitos, divididos em cinco elementos, separados por um hífen: 978 é o prefixo utilizado desde que o ISBN passou a utilizar 13 dígitos; 989 identifica o país, região geográfica ou área linguística (neste caso, Portugal); 26 identifica a editora (neste caso, a IUC); 0739 identifica a edição desta obra em particular; e o 9 serve como dígito de controlo que facilita a verificação da validade do código.

Após a submissão do pedido, a IUC recebe um *e-mail* da APEL que serve de comprovativo desse mesmo pedido (**Figura 4**), recebendo, geralmente, no dia seguinte, um *e-mail* com os ISBN's pedidos anteriormente para as obras (**Figura 5**).

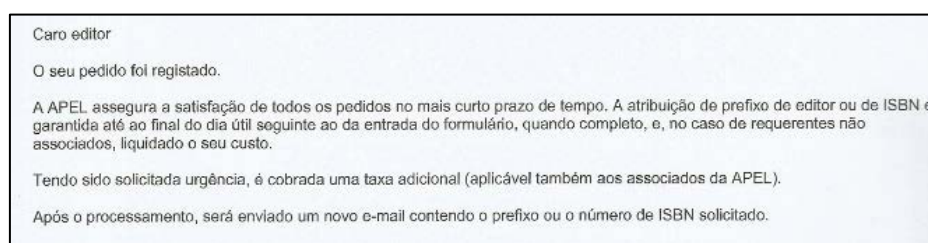


Figura 4 – *E-mail* comprovativo do pedido de ISBN ^[52]

Lista de ISBNs:				
978-989-26-1523-3;	[Título: Os Estados e a ordem internacional contemporânea			
];	[Autor: José Manuel Pureza];	[Co-autor(es):];	[Suporte: Impresso];	[Formato: Brochado]
978-989-26-1524-0;	[Título: Os Estados e a ordem internacional contemporânea			
];	[Autor: José Manuel Pureza];	[Co-autor(es):];	[Suporte: Eletrónico];	[Formato: n.d.]
978-989-26-1525-7;	[Título: Medeia, Safo, Antígona. Mitos eternos, novas leituras			
];	[Autor: Maria De Fátima Silva];	[Co-autor(es):];	[Suporte: Impresso];	[Formato: Brochado]
978-989-26-1526-4;	[Título: Medeia, Safo, Antígona. Mitos eternos, novas leituras			
];	[Autor: Maria De Fátima Silva];	[Co-autor(es):];	[Suporte: Eletrónico];	[Formato: n.d.]
978-989-26-1527-1;	[Título: Jornais Diários do Século XX – Um Dicionário, 2.ª edição			
];	[Autor: Mário Matos E Lemos];	[Co-autor(es):];	[Suporte: Impresso];	[Formato: Brochado]
978-989-26-1528-8;	[Título: Jornais Diários do Século XX – Um Dicionário, 2.ª edição			

Figura 5 – Exemplo de *e-mail* com os ISBN's pedidos ^[53]

Por fim, após a disponibilização de cada uma das obras para o qual o ISBN é pedido, é preenchida uma folha de recolha de dados fornecida pela APEL (que eu não tive oportunidade de preencher), sendo-lhe depois reencaminhada. No entanto, pude inserir os ISBN's pedidos na pasta partilhada da IUC que contém todos os processos das obras, assim como imprimir todos os *e-mails* trocados entre a editora e a Agência, tendo-os guardado no processo de cada obra.

^[52] Imprensa da Universidade de Coimbra.

^[53] Imprensa da Universidade de Coimbra.

2.1.3. Pedido de orçamentos à gráfica

Inserindo-se no processo editorial da Imprensa da Universidade de Coimbra, mais precisamente no pedido de orçamentos (impressão, paginação, tradução, direitos, etc.), a terceira tarefa que realizei no estágio na editora foi o pedido de orçamentos à Gráfica Artipol – Artes gráficas e tipográficas, para cada uma das obras prontas para impressão e para as que ainda estavam em revisão (pelo autor).

Desta forma, após a conclusão da obra, não basta à editora enviar o ficheiro final da mesma para a gráfica. A editora precisa de, em primeiro lugar, enviar pedidos de orçamento a diversas gráficas para ficar a conhecer os melhores preços — ou custos estimados de algo^[54] — para a impressão da obra. Só depois de ter todos os orçamentos disponíveis, pode avaliar e escolher aquele que será o mais adequado à reprodução desta.

Neste seguimento, no *e-mail* que a editora envia às gráficas devem constar as seguintes informações relativas à obra: título da obra, tiragem com número de exemplares que se pretendem impressos, formato do livro, tipo de capa, tipo de encadernação do miolo, tipo de papel e gramagem, e número de páginas (diferenciando se existem páginas a cores). No entanto, de obra para obra, o preenchimento destas informações varia quando é realizado o pedido, existindo alguns aspetos que, normalmente, sofrem alterações.

Em primeiro lugar, para além do título, a definição da tiragem com o número de exemplares a serem impressos varia de obra para obra, e tem em conta não apenas as sugestões do autor, como também as da editora. Podendo solicitar orçamentos para uma ou mais tiragens de uma mesma obra, a IUC tem em consideração nesta escolha os tipos de impressão. E, portanto, quando a tiragem de uma obra é de 200 exemplares, a escolha mais acertada será a impressão digital — ou impressão direta —, pois, baseando-se num processo de impressão «a partir do envio de dados digitais [geralmente documentos PDF] do computador direto para a impressora» (blogue Blog Da Le’ Art), «permite trabalhar com diversos tamanhos de impressão, favorecendo a produção de imagens com um altíssimo nível de resolução»^[55], e por isso, destina-se à impressão de tiragens reduzidas. No entanto, quando ultrapassa os 200 exemplares, a editora opta pela impressão *offset* — impressão indireta —, pois, partindo de um processo de «repulsão natural entre a água e a tinta [*offset*]» (blogue Blog Da Le’ Art), em que o conteúdo (texto e/ou imagens) é gravado em chapas de metal, as quais, cobertas de tinta, transmitem esse conteúdo para um rolo de impressão («blanqueta»^[56]) que, posteriormente, o imprime no papel, é um tipo de impressão de alta qualidade «com secagem de tinta e

^[54] Website Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (1).

^[55] Blogue Blog Da Le’ Art.

^[56] Blogue Blog Da Le’ Art.

velocidade rápidas na impressão, de resistência alta na tiragem e de alta qualidade para impressões coloridas»^[57] e bastante utilizado em grandes tiragens.

Em segundo lugar, o formato do livro é outro aspecto que sofre variações. Normalmente, o formato escolhido é o de 152,4x228,6 mm (por exemplo, os livros das coleções *Documentos*, *Investigação e Ensino*, e da série *Ideia*), podendo ser escolhido outro formato, de 120x190 mm, quando se trata de livros da série *Classica Digitalia*, que possui normas específicas a adotar. Além disso, o tipo de papel e a gramagem a acolher na capa, e o tipo de encadernação e de papel a escolher para o miolo, nestes casos, também poderão sofrer modificações: na capa, “cartolina cromocard” 240 gr. para o primeiro caso e “cartolina cromocard” 260 gr. para o segundo; enquanto no tipo de encadernação e de papel para o miolo, “IOR” 80 grs. no primeiro e “Coral Book” 80 grs. no segundo caso.

Em terceiro e último lugar, o número de páginas a inserir no pedido é outro aspecto a ter em consideração. Quando é pertinente, torna-se necessário diferenciar as páginas a preto e branco daquelas a cores, mostrando explicitamente quais são a cores (por exemplo, 1-16; 20-30; etc.). Todavia, a contagem das páginas também tem em conta os tipos de impressão apresentados *supra*. Enquanto na impressão digital, basta apontar o número de páginas, diferenciando quantas são a preto e branco e quantas são a cores; na impressão *offset*, é importante contar quantos cadernos contém o livro (podendo ter cadernos de 8, 12, 16, 20, 24, 28 ou 32 páginas), distinguindo os cadernos que contêm páginas a preto e branco daqueles que contêm páginas a cores. Nalguns casos, dependendo da avaliação da editora e da autorização do autor, páginas que antes tinham imagens a cores são impressas a preto e branco sem que percam a qualidade.

Deste modo, pedi à Gráfica Artipol – Artes gráficas e tipográficas cerca de 10 orçamentos para os quais obtive sempre resposta. Entre os pedidos estão algumas obras como *Aprendizagem Computacional em Engenharia*, de Catarina Silva e Bernardete Ribeiro; *Plutarco – A fortuna ou a virtude de Alexandre Magno*, de Renan Liparoti; *As cartas não mentem*, de José Luiz Júnior; e *Antologia grega. Epigramas Vários*, de Carlos de Jesus, entre outras.

Por fim, após o pedido de orçamento às gráficas, estas enviam para a IUC um *e-mail* com os vários orçamentos, contendo o prazo de validade dos mesmos e o prazo de entrega das obras na editora. A editora, analisando os vários orçamentos recebidos, opta por aquele que mais se adequa para a impressão da obra. Além do mais, pude inserir todos os orçamentos na pasta partilhada da IUC, que contém todos os processos das obras, e imprimi e guardei nos processos de cada obra os *e-mails* trocados entre a gráfica e a editora.

^[57] Blogue Blog Da Le’ Art.

2.1.4. Pedido de registo CIP para catalogação na publicação

Apesar de não estar previsto no processo editorial da Imprensa da Universidade de Coimbra, o pedido de registo CIP para catalogação na publicação poderá incluir-se neste âmbito, talvez na mesma categoria do pedido de ISBN e ISSN. Tendo isto em conta, a quarta tarefa que realizei no estágio foi o pedido de registo CIP para catalogação na publicação, à Biblioteca Nacional de Portugal, para as obras que já detinham os elementos necessários para tal pedido, entre as quais se encontram as que estão prontas para impressão, em versão final prontas para serem paginadas pela editora, em paginação e em revisão (pelo autor).

Desta forma, o CIP (*Cataloguing in Publication*) —, iniciado em colaboração com a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) e com alguns editores —, é um «serviço de fornecimento de catalogação prévia, ou seja, anterior à publicação/distribuição da obra e destinada a nela figurar»^[58]. Ou seja, a catalogação na publicação é a «inserção num documento da sua descrição bibliográfica [impressa na ficha técnica] e eventualmente dos cabeçalhos de assunto, elaborados por organismos centrais ou de cooperação, com a finalidade de uma uniformização e de uma utilização comuns»^[59]. Tendo como objetivo «assegurar um melhor conhecimento do que é publicado no País e, simultaneamente proporcionar às bibliotecas e ao público em geral, uma rápida e pertinente disponibilização de informação coerente e normalizada em termos de catalogação e classificação sobre a obra» (*website* Biblioteca Nacional de Portugal (1)), o CIP «é um programa voluntário de cooperação entre os editores e a Biblioteca Nacional de Portugal e é um serviço gratuito»^[60]. Não obstante, é importante referir, que o registo CIP pode ser atribuído «à maioria das publicações monográficas editadas em Portugal desde que os editores estabeleçam com a Biblioteca Nacional de Portugal um protocolo de adesão ao Programa»^[61].

Neste sentido, em primeiro lugar, antes de enviar qualquer pedido de registo CIP para as obras da Imprensa da Universidade de Coimbra, como não tinha qualquer informação sobre o assunto, achei pertinente informar-me no serviço CIP da Biblioteca Nacional de Portugal sobre a adesão da editora ao programa. Pergunta à qual obtive resposta positiva: a Imprensa da Universidade de Coimbra já tinha aderido ao programa CIP da Biblioteca Nacional de Portugal a 16 de janeiro de 2009. E, portanto, poderia iniciar os pedidos de registo CIP para catalogação na publicação das obras da editora.

Ao iniciar a tarefa de requerimento do registo CIP, deparei-me com informações importantes no *website* da Biblioteca Nacional de Portugal. Para requerer o registo CIP foi necessário, para cada

^[58] *Website* Biblioteca Nacional de Portugal (1).

^[59] Faria, M. I., Pericão, M., cit. 39, p. 225.

^[60] *Website* Biblioteca Nacional de Portugal (1).

^[61] *Website* Biblioteca Nacional de Portugal (1).

título, em cada edição, da Imprensa da Universidade de Coimbra (o serviço requer preferencialmente que o registo seja efetuado com uma antecedência de dois meses): preencher devidamente a folha de recolha de dados CIP (**Anexo V**); uma cópia da folha de rosto e outra da ficha técnica, exatamente como iriam aparecer impressas; uma cópia do sumário, uma da introdução e outra do índice. No entanto, caso surgissem alterações nos dados enviados anteriormente, poderia preencher devidamente uma folha de alteração de dados CIP ^[62].

Apesar de ser um procedimento relativamente fácil de realizar, nem sempre tinha disponíveis alguns dos documentos das obras referidos *supra*, em razão de que o processo demorou algum tempo. Neste sentido, pedi registo CIP para catalogação na publicação para, aproximadamente, 45 obras, entre as quais se enumeram: *Aprendizagem Computacional em Engenharia*, de Catarina Silva e Bernardete Ribeiro; *A Escrita do Eu. A Literatura como Laboratório da Vida*, de Maria Helena de Jesus, Paulo de Jesus e Gonçalo Marcelo; *Oficinas de Muhipiti: planeamento estratégico, património, desenvolvimento*, de Walter Rossa Silva et al.; e *A receção da penicilina em Portugal na literatura médico-farmacêutica e na imprensa diária (anos 40-60 do século XX)*, de Victoria Bell, entre outras.

Por fim, após o pedido de registo CIP das obras mencionadas, o serviço da Biblioteca Nacional de Portugal envia um *e-mail* à editora com os registos para as várias obras (**Figura 6**).

Nossa Referência: Ofício CIP 29/2018 Data: 02/02/2018
Conforme solicitado junto enviamos a Catalogação CIP das obras "Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense", "Opera omnia", "A multidimensionalidade da paz" e "Cartas a Maria e outros escritos":
Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação
CURSO ARISTOTÉLICO JESUÍTA CONIMBRICENSE
Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense / Mário Santiago de Carvalho... [et al.]. – (Portugaliae monumenta neolatina ; 19) 1º t.: Comentários aos livros denominados Parva Naturalia. - p. - ISBN 978-989-26-1486-1 (ed. impressa). ISBN 978-989-26-1487-8 (ed. eletrónica)
I – CARVALHO, Mário Santiago de, 1958-
CDU 1Aristóteles

Figura 6 – Exemplo de resposta ao pedido de registo CIP ^[63]

Como se pode observar, a informação que surge neste registo de catalogação é bastante simples, e diz respeito ao título e subtítulo da obra, nome do autor, série ou coleção onde a obra se insere, ISBN impresso e digital, e ao CDU (Classificação Decimal Universal) —, que diz respeito à «classificação bibliográfica em que os assuntos são divididos em dez grandes classes, cada uma delas repartida em dez divisões, cada divisão em dez secções, cada secção em outras dez e assim

^[62] Website Biblioteca Nacional de Portugal (1).

^[63] Website Biblioteca Nacional de Portugal (1).

indefinidamente, o que permite designar-se cada assunto de forma simples e individual» (Faria & Pericão, 2008: 261).

Além disso, depois de inserir todos os registos CIP na pasta partilhada da IUC com os processos das obras, imprimi e guardei nos processos de cada obra os *e-mails* trocados entre a editora e o serviço CIP da Biblioteca Nacional de Portugal.

2.1.5. Elaboração de contratos de edição

Inserindo-se no processo editorial da Imprensa da Universidade de Coimbra, mais precisamente na elaboração dos contratos de edição, a quinta tarefa que realizei no estágio na editora foi a elaboração de contratos de edição, a enviar aos autores, para as obras prontas para impressão.

Desta forma, podendo ter por objeto «uma ou mais obras, existentes ou futuras, inéditas ou publicadas» ^[64], um contrato de edição é aquele «pelo qual o autor [«de uma obra intelectual do domínio literário, científico ou artístico» ^[65]] concede a outrem, nas condições nele estipuladas ou previstas na lei, autorização para produzir por conta própria um número determinado de exemplares de uma obra ou conjunto de obras, assumindo a outra parte a obrigação de os distribuir e vender» ^[66]. Contudo, um contrato de edição só é válido «quando celebrado por escrito» (Assembleia da República, 1912: Artigo 87.º).

Neste seguimento, numa editora, os contratos de edição, regulados pelo *Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos*, e demais legislação interna e internacional aplicável, são documentos legais importantíssimos no processo de produção de uma obra, pois não só esclarecem e oficializam a relação entre a editora e o autor (ou entre a editora e vários autores), como também definem as cláusulas pelas quais a obra (ou obras do mesmo autor) será(ão) publicada(s). Na Imprensa da Universidade de Coimbra, os contratos de edição elaborados para as obras, apesar de serem documentos legais fulcrais, pretendem ser claros e bastante acessíveis, podendo ter entre nove — quando são contratos de edição elaborados apenas para a publicação da obra em formato digital — e 11 cláusulas. Os contratos de edição estipulam ao longo dessas nove ou 11 cláusulas toda a informação necessária para que fiquem claros os direitos e deveres de cada uma das partes (editora e autor) no processo de produção de uma obra.

Na primeira cláusula, é definido quem é o titular dos direitos de autor da obra, ou seja, o autor (i.e., escritor). Nesta mesma cláusula, o autor declara que autoriza a casa editora a editar, em suporte papel e digital, essa mesma obra, mas também a divulgá-la e a comercializá-la através da livraria

^[64] Assembleia da República (2008). *Lei n.º 16/2008 de 1 de abril. Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos*. Diário da República: I.ª série, n.º 64, Artigo 85.º, p. 1912.

^[65] Faria, M. I., Pericão, M., cit. 39, p. 312.

^[66] Assembleia da República, cit. 64, Artigo 83.º, p. 1911.

online (da Imprensa da Universidade de Coimbra), de plataformas de venda e divulgação de conteúdos digitais (como o *Google Play* ou a *UC Digitalis*), ou através de impressões feitas segundo o sistema de *print on demand* (como a *Amazon*). O autor autoriza, ainda, a editora a disponibilizar essa mesma obra em Acesso Aberto, a qual será acompanhada de uma Licença *Creative Commons CC-BY*.

Na segunda cláusula, é determinada a tiragem inicial do número de exemplares disponibilizados pela editora, definindo-se a percentagem daqueles que são para venda ao público e daqueles que são destinados a encargos legais, serviços promocionais e publicidade, e a ofertas da editora, assim como daqueles que são destinados ao autor, correspondentes ao montante em euros, do qual o autor prescinde. Além disso, também é estabelecido nesta cláusula o preço de capa do livro em euros.

Na cláusula seguinte, são estabelecidas as obrigações do autor para com a casa editora: entregar o original da sua obra à editora; não autorizar nova edição da sua obra noutra editora enquanto o contrato se mantiver em vigor ou enquanto não estiverem esgotados todos os exemplares; e atribuir à IUC um direito de preferência para futuras reedições da obra. Já na quarta cláusula definem-se as obrigações da casa editora para com o autor: assumir as despesas com a pré-impressão, impressão, papel, capa e acabamentos; mencionar o nome do autor em cada exemplar da obra; facultar ao autor um jogo de provas em papel e em formato digital, e um jogo de prova de página e projeto gráfico da capa; promover a distribuição, venda e publicidade dos exemplares da obra; e entregar ao autor o número de exemplares determinado.

Na quinta cláusula, é determinado quanto o autor receberá em número de exemplares, correspondentes a um valor em euros do qual o autor prescinde, assim como prescinde de remuneração após autorizar a edição, publicação e comercialização da obra em formato digital, ou quando a obra é reimpressa ou reeditada no futuro. No entanto, em vez dos exemplares da obra, o autor poderá receber 10% das vendas sobre o preço de capa do livro. O autor é quem escolhe como pretende ser pago: em géneros ou em valor monetário.

Na sexta cláusula, refere-se que a edição da respetiva obra será objeto de depósito legal, enquanto na sétima cláusula, se refere que a obra, quando disponibilizada em Acesso Aberto, será acompanhada de uma Licença (a qual referi *supra*). Por fim, na cláusula oito, é definida a percentagem de desconto atribuída ao autor na aquisição de livros publicados pela IUC.

Apesar de estabelecido que o contrato de edição é feito em duplicado, ambos originais, sendo um exemplar assinado e rubricado entregue a cada parte — isto é, um para a IUC e outro para o autor —, alguns autores atrasam a sua assinatura e a sua devolução acaba por cair no esquecimento. Nestes casos, por questões legais, a editora mantém-se na responsabilidade de contactar o autor, para que este devolva o contrato assinado e rubricado.

Tendo em conta a descrição do contrato de edição produzido entre a Imprensa da Universidade de Coimbra e o autor, elaborei cerca de 17 contratos de edição para as obras prontas para impressão da editora, entre as quais se contam: *Lusitânia e a Galécia do séc. II a.C. e do séc. VI d.C.*, de Jorge Silva; *As cartas não mentem*, de José Júnior; *Cáriton. Quéreas e Calíroe*, de Maria de Fátima Sousa e Silva; e *Transparências: Linguagem e Reflexão de Cícero a Pessoa*, de Diogo Ferrer, entre outras. Além da elaboração do contrato de edição para cada obra com as devidas informações sobre o(s) autor(es) (nome, BI/CC, morada), calculei também o preço de custo e o preço de capa para cada uma delas.

Por fim, após o envio dos contratos preenchidos aos autores, necessitando apenas de assinatura e rubrica em todas as páginas, a IUC tem de esperar que os contratos sejam devolvidos à editora. Quando isso acontece, estes são arquivados no processo de cada obra e numa pasta individual com os contratos de edição de cada ano, assim como os *e-mails* trocados entre os autores e a editora que deverão ser impressos e guardados nesses mesmos processos.

2.1.6. Carregamento de uma obra na UC Digitalis

Inserindo-se no processo editorial da Imprensa da Universidade de Coimbra, mais precisamente no carregamento na *UC Digitalis*, a sexta tarefa que realizei no estágio foi o carregamento de uma obra na plataforma *UC Digitalis* e o consequente pedido de ativação do DOI para a mesma, tendo enviado, posteriormente, o *handle* da obra ao meu colega Luís Marques para ele o disponibilizar na plataforma referida.

Desta forma, tendo em conta que a Imprensa da Universidade de Coimbra sempre fez «uma forte aposta estratégica na criação e disponibilização de conteúdos digitais, de forma que, além de manter a versão tradicional impressa, todos os livros da IUC [fossem] também publicados em formato digital»^[67], foi criada, em 2012, pela Universidade de Coimbra, a *UC Digitalis*.

A *UC Digitalis* é uma plataforma *online* de indexação e disponibilização de livros e revistas científicas (incluindo algumas revistas vindas de fora), «que visa promover a agregação, difusão e impacto científico de conteúdos digitais de matriz lusófona, através de uma política ativa de transferência do saber, com incidência a nível nacional e internacional»^[68]. Sendo um projeto global da Universidade de Coimbra com o objetivo de agregar e difundir conteúdos digitais, «procura colocar a dinâmica da transferência do saber ao serviço do desenvolvimento económico, social e cultural, intensificando a ligação da Universidade com o meio envolvente, a nível nacional e internacio-

^[67] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (12).

^[68] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (12).

nal»^[69]. E, portanto, os autores publicados pela Imprensa da Universidade de Coimbra devem autorizar que as suas obras sejam disponibilizadas na *UC Digitalis*, pois, ao estarem disponíveis nesta plataforma, também poderão ser submetidas em bases de dados internacionais, como a *ISI Web of Knowledge* ou a *Scopus*. Deste modo, se não estiverem submetidas em primeiro lugar na *UC Digitalis*, não poderão ser disponibilizadas em bases de dados internacionais como as referidas.

Com um acervo superior a 15.000 documentos, encontra-se subdivida em três plataformas, sendo que as duas últimas estão organizadas por áreas temáticas. A *Alma Mater*^[70], gerida pelo Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra, «é a Biblioteca Digital de Fundo Antigo da Universidade de Coimbra, constituída por um vasto acervo de obras, em geral publicadas antes de 1940, valorizando importantes núcleos que integram o rico património bibliográfico e documental das bibliotecas de diversas faculdades»^[71]. A *UC Pombalina*^[72], «é uma biblioteca digital de livros [*e-books*], assim designado em homenagem ao Marquês de Pombal»^[73]. E a *UC Impactum*^[74], «é uma biblioteca digital de artigos científicos e publicações periódicas, vocacionada para promover a ciência produzida em espaço lusófono e incentivar a qualificação editorial dos títulos referenciados [...], [estando] aberta à colaboração das melhores revistas de toda a lusofonia»^[75]. Estas plataformas estão «direcionadas para a indexação dos trabalhos em bases internacionais de referência e desenvolvidas pela IUC e pelo Serviço Integrado de Bibliotecas da UC»^[76], por isso, para além dos livros da IUC estarem disponíveis na *UC Digitalis*, também se encontram indexados nas seguintes plataformas: *Book Citation Index* e *B-On – Biblioteca do Conhecimento Online*.

Embora de acesso global a qualquer pessoa e em qualquer parte do mundo, existem limitações quanto ao tipo de acesso aos documentos. As plataformas *Alma Mater* e *UC Impactum* encontram-se em Acesso Aberto, não necessitando de qualquer tipo de permissão para aceder aos seus documentos (**Figura 7**). Pelo contrário, a *UC Pombalina* encontra-se, geralmente, em Acesso Restrito, à exceção de alguns livros da série *Classica Digitalia* da IUC, entre outros casos, que estão em Acesso Aberto (**Figura 8**).

^[69] Website Universidade de Coimbra (3).

^[70] Disponível em <https://almamater.sib.uc.pt/>.

^[71] Website Universidade de Coimbra (4).

^[72] Disponível em <http://pombalina.uc.pt/>.

^[73] Website Universidade de Coimbra (5).

^[74] Disponível em <https://impactum.uc.pt/pt-pt>.

^[75] Website Universidade de Coimbra (6).

^[76] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (12).



Figura 7 – Exemplo de artigo científico de uma revista da *UC Impactum* em Acesso Aberto^[77]



Figura 8 – Exemplo de livro da *UC Pombalina* em Acesso Restrito^[78]

Neste sentido, tendo em conta a informação disponibilizada *supra*, carreguei apenas uma obra na plataforma *UC Digitalis*, mais propriamente na *UC Pombalina: Career Development in Context. Festschrift for Fred Vondracek*, de Joaquim Ferreira, Matthias Reitzle e Eduardo Santos. Durante o processo de carregamento desta obra, pude constatar que é um processo longo e que se torna repetitivo.

Antes de se iniciar o processo de carregamento da obra na plataforma *UC Digitalis*, foi necessário separar os capítulos, de autores diferentes, do livro como um todo, pois assim os seus leitores poderiam aceder apenas a um capítulo sem terem de aceder a todo o livro para lerem apenas o que

^[77] Website Universidade de Coimbra (7).

^[78] Website Universidade de Coimbra (8).

lhes interessava. Esta tarefa de adaptação do livro à plataforma digital coube ao meu colega Carlos Costa, que criou vários documentos PDF diferentes para a mesma obra: um com o livro completo, e 10 documentos PDF diferentes correspondentes a cada capítulo da obra. A separação dos diferentes capítulos do livro na sua totalidade, implicou que, para cada capítulo diferente do livro, se juntasse a capa, que já aparecia no PDF do livro completo. Concluídos os documentos PDF, iniciou-se o processo de carregamento da obra na *UC Digitalis*,

Em primeiro lugar, entrando com a conta da IUC na *UC Digitalis*, selecionei a plataforma *UC Pombalina*. Já nesta plataforma, selecionei “Comunidades & Coleções”, optando pela área científica em que a obra se inseria (neste caso, Ciências Sociais). Posteriormente, optei por “Depositar nesta coleção”.

Em segundo lugar, comecei por preencher um formulário para carregar a obra como um todo (o qual repeti para todos os capítulos do livro). Neste formulário de registo (**Figura 9**), as informações a preencher para o livro no seu todo foram as seguintes: o primeiro e último nome dos autores (em primeiro lugar o apelido e depois o primeiro nome); o título da obra (aqui deve dar-se especial atenção à pontuação, usando-se preferencialmente os dois pontos para separar o título do subtítulo); a data de publicação (preferencialmente o mês e o ano); o nome do editor (neste caso, Imprensa da Universidade de Coimbra); o local de publicação da obra (neste caso, Coimbra); a área científica onde a obra se insere (neste caso, Ciências Sociais); o ISBN impresso e o ISBN digital (este último deve ter especificado entre parêntesis PDF), e o DOI da obra; o tipo de acesso que pretende que a obra tenha, livre ou condicionado (neste caso, acesso condicionado); e o número de páginas (especificar o número de páginas com um p., por exemplo, 315 p.). Logo de seguida, ainda para a obra como um todo, preenchi os campos relativos aos assuntos (ou palavras-chave em português e em inglês, e noutras línguas caso existam) e ao resumo (em português e inglês, ou noutros idiomas).

UC Digitalis

Descrver Descrver Descrver Carregar Verificar Licença Completo

Depositar: Descreva o seu registo

Por favor, introduza a informação necessária acerca do seu Depósito em baixo. Na maioria dos browsers pode usar a tecla TAB para navegar no formulário. (Mais Ajuda...)

Enter the names of the authors of this item below.
 Último nome: Primeiro Nome:
 ex. Silva ex. Manuel

Autores [Adicionar mais](#)

Título Introduza o título principal.

Please give the date of previous publication or public distribution below. You can leave out the day and/or month if they aren't applicable.
Data de publicação Mês: (Sem Mês) Dia: Ano:

Editor [Remover esta entrada](#)
 Imprensa da Universidade de Coimbra [Adicionar mais](#)

Citação Introduza o nome do editor.

Local de publicação [Remover esta entrada](#)
 Coimbra [Adicionar mais](#)

Área científica Introduza a área científica do documento.
 Ciências Sociais

Se o documento tiver número normalizado (ISBN, ISSN, ...), introduza-o neste campo.
Número normalizado DOI: [Adicionar mais](#)

Selecione a língua principal do documento.
Língua Portuguese, Inglês, Alemão, Latim, Espanhol, Francês

Selecione o tipo de documento.
Type Livro, Artigo, Artigo de opinião, Comunicação em conferência, Decisões jurisprudenciais (jurisprudence), Documento de trabalho

Especificar acesso livre ou condicionado.
Direitos de acesso Acesso condicionado

Figura 9 – Formulário de registo da obra na *UC Digitalis* ^[79]

UC Digitalis

Descrver Descrver Descrver Carregar Verificar Licença Completo

Depositar: Descreva o seu registo

Por favor preencha mais informações sobre o seu depósito em baixo. (Mais Ajuda...)

Assunto(s) - português [Adicionar mais](#)

Assunto(s) - Inglês [Adicionar mais](#)

Assunto(s) - outras línguas [Adicionar mais](#)

Resumo - português Introduza o resumo do documento em português.

Resumo - Inglês Introduza o resumo do documento em Inglês.

Resumo - outras línguas [Adicionar mais](#) Introduza o resumo do documento (outras línguas).

Patrocinado por Introduza o nome dos patrocinadores ou entidades financiadoras.

Descrição Introduza qualquer outra descrição ou informação.

< Anterior Próximo > Cancelar/Guardar

Figura 9 – Formulário de registo da obra na *UC Digitalis* (cont.) ^[80]

^[79] Imprensa da Universidade de Coimbra.

^[80] Imprensa da Universidade de Coimbra.

Por fim, ao carregar a obra completa (em formato PDF), recebi um resumo do depósito da obra na plataforma (**Figura 10**), podendo verificar se existia algum erro. Este processo foi repetido para cada capítulo do livro. Neste caso, os elementos a serem preenchidos foram: o nome do autor do capítulo e o título deste; os ISBN's impresso e digital (são os mesmos do livro na sua totalidade), trocando-se apenas o DOI que passa a ser o do capítulo; o título do livro completo e o *handle* do documento principal; e o número de páginas em que começa e termina o capítulo separadas por um traço. Outras informações substituídas foram as palavras-chave e o resumo, que passaram a ser os dos capítulos.

UCDigitalis >
POMBALINA >
Partes e Capítulos >

Exportar Registro

Exportar (migrar) Registro

Exportar metadados

Alterar

Utilize este identificador para referenciar este registro: <http://hdl.handle.net/10316.2/43649>

Registro completo

Campo DC	Valor	Idioma
dc.contributor.author	Lerner, Richard M.	-
dc.contributor.author	Lerner, Jacqueline V.	-
dc.contributor.author	Ettelkal, Andrea Vest	-
dc.contributor.author	Ferris, Kaitlyn A.	-
dc.contributor.author	Batanova, Milena	-
dc.contributor.author	Hunter, Cristina	-
dc.date.accessioned	2018-03-26T15:12:42Z	-
dc.date.available	2018-03-26T15:12:42Z	-
dc.date.issued	2018	-
dc.identifier.isbn	ISBN:978-989-26-1450-2	-
dc.identifier.isbn	ISBN:978-989-26-1451-9 (PDF)	-
dc.identifier.uri	URI: http://hdl.handle.net/10316.2/43649	-
dc.language.iso	eng	por
dc.publisher	Imprensa da Universidade de Coimbra	por
dc.relation.ispartof	Parte: http://hdl.handle.net/10316.2/43647	por
dc.rights	closed access	por
dc.title	Days of Future Passed: On the Prescient Relational Developmental Systems Vision of Fred W. Vondracek	por
dc.type	bookPart	por
ucdigitalis.publication.location	Local:Coimbra	por
ucdigitalis.publication.pages	Páginas:55-78	por
dc.identifier.doi	DOI: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1451-9_2	-
ucdigitalis.publication.area	Area:Ciências Sociais	por
dc.subject.eng	relational developmental systems metatheory	por
dc.subject.eng	individual - context relations	por
dc.subject.eng	positive youth development	por
dc.subject.eng	life-span development	por
dc.subject.eng	optimization	por
dc.description.abstractEng	Res_eng:The scholarship that Fred W. Vondracek and his colleagues and students produced in the early to mid-1980s contributed in fundamental ways to framing a vision for both the process-relational paradigm and for relational developmental systems (RDS) metatheory-based models of human development derived from it. We provide an overview of RDS metatheory and review Vondracek's vision for developmental science, explaining that his use of a model of individual - context relations enabled depiction of how an individual's contributions to his or her context might be a source of the person's own positive, healthy development. We illustrate the usefulness of such individual - context models through a discussion of the Lerner and Lerner "Five Cs" model of positive youth development. This illustration affords the conclusion that the career contributions of Fred Vondracek enrich the ability of developmental scientists to describe, explain, and optimize the development of diverse individuals across the life span.	por
ucdigitalis.publication.booktitle	TítuloLivro:Career development in context: Festschrift for Fred Vondracek	por

Aparece nas coleções: Partes e Capítulos

Figura 10 – Resumo do depósito da obra na *UC Digitalis* ^[81]

^[81] Imprensa da Universidade de Coimbra.

Em terceiro lugar, após a obra e os seus capítulos em formato digital terem sido carregados na *UC Digitalis*, procedi ao pedido de ativação do DOI, tanto do livro como dos seus capítulos, através de um *software* denominado *XML Notepad* (a IUC já possui um modelo para este programa denominado “Modelo de livro com capítulos.xml”, sendo apenas necessário inseri-lo no *software*). Criado um ficheiro XML para o livro (“Título do livro.xml”) a partir do “Modelo de livro com capítulos.xml”, “arrastei-o” para o *software* e comecei a preencher os campos de informações relativas à obra (**Figura 11**).

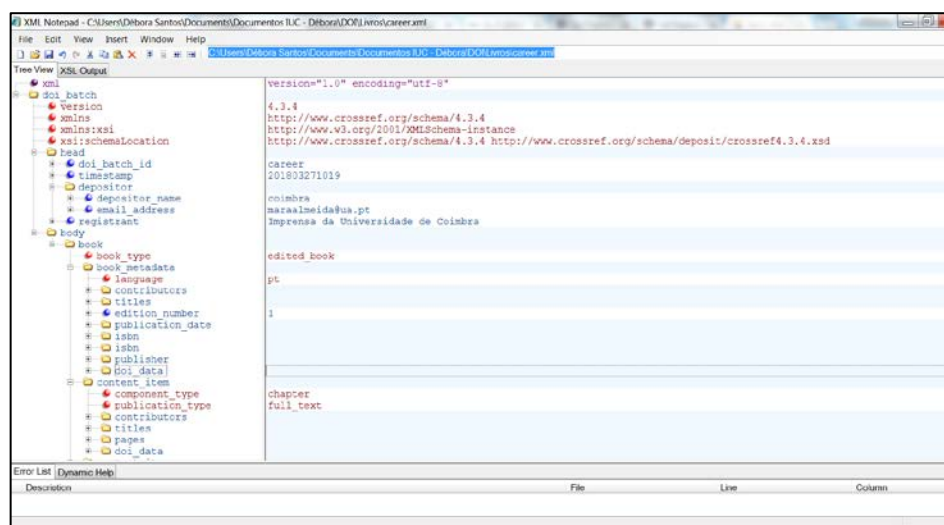


Figura 11 – Campos de preenchimento para ativação do DOI no *XML Notepad* ^[82]

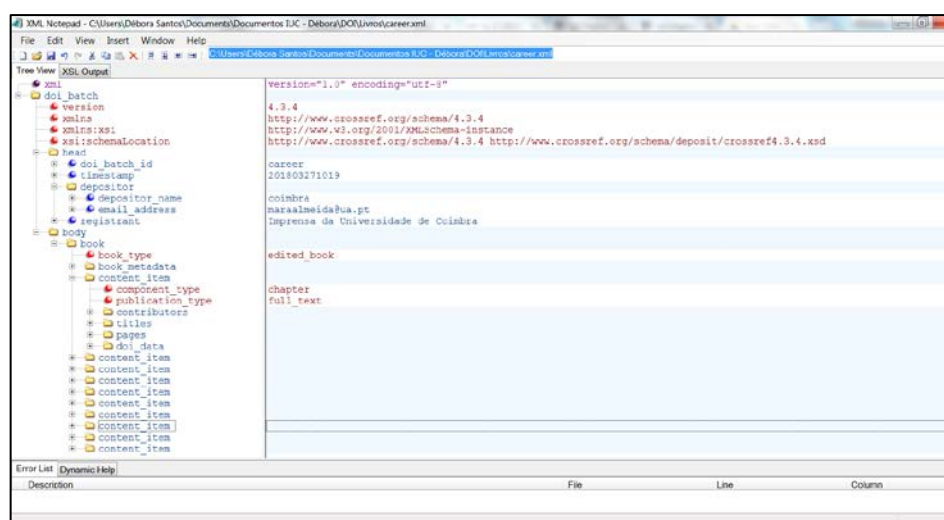


Figura 11 – Campos de preenchimento para ativação do DOI no *XML Notepad* (cont.) ^[83]

^[82] Imprensa da Universidade de Coimbra.

^[83] Imprensa da Universidade de Coimbra.

O DOI (*Digital Object Identifier*) é um «sistema de identificação [numérico] de objetos digitais que fornece uma infraestrutura para a identificação única persistente de objetos de qualquer tipo»^[84], surgido em 2000, que «para além de reservar os direitos autorais através de um sistema de distribuição de textos digitais, serve também para localizar o acesso a diversos conteúdos *online*, facilitando assim a autenticação de documentos [...] [assim] a entidade que implementa o sistema DOI consegue, assim, ter um maior controlo sobre o seu catálogo e saber exatamente onde se encontra»^[85].

Logo depois do pedido de ativação do DOI para o livro e para cada um dos seus capítulos, fui ao *website* Crossref^[86], agência oficial de registo de DOI para publicações académicas e profissionais, para submeter o DOI através da disponibilização do ficheiro “Título da obra.xml”. Finalizado este processo, recebi um *e-mail* com a informação detalhada para saber se a ativação tinha ou não sido bem-sucedida (neste caso, foi) (**Figura 12**), incluindo a informação sobre o *handle* do livro e de cada capítulo (**Figura 13**), que enviei por *e-mail* ao meu colega Luís Marques para ele poder disponibilizar na *UC Digitalis* (**Figura 14**), pois de outra forma os respetivos *handles* não estariam ativos na plataforma apesar do carregamento da obra.

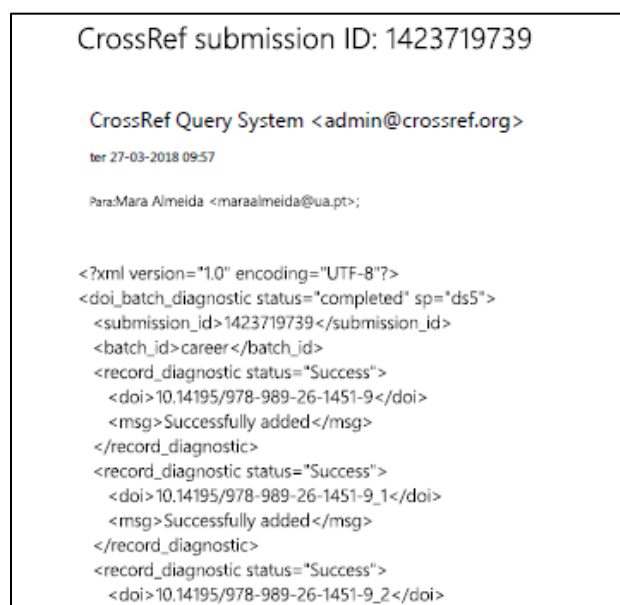


Figura 12 – *E-mail* com a informação detalhada para saber se a ativação do DOI foi ou não bem-sucedida^[87]

^[84] Website DOI.

^[85] Timóteo, A. M. M. (2015). *Relatório de Estágio em Edição na Imprensa da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, p. 38.

^[86] Disponível em <https://doi.crossref.org/servlet/useragent>.

^[87] Imprensa da Universidade de Coimbra.

```

<doi_batch xmlns="http://www.crossref.org/schema/4.3.4"
xmlns:xsi="http://www.w3.org/2001/XMLSchema-instance" version="4.3.4"
xsi:schemaLocation="http://www.crossref.org/schema/4.3.4
http://www.crossref.org/schema/deposit/crossref4.3.4.xsd">
  <head>
    <doi_batch_id>career</doi_batch_id>
    <timestamp>201803271019</timestamp>
    <depositor>
      <depositor_name>coimbra</depositor_name>
      <email_address>maralmeida@ua.pt</email_address>
    </depositor>
    <registrant>Imprensa da Universidade de Coimbra</registrant>
  </head>
  <body>
    <book book_type="edited_book">
      <book_metadata language="pt">
        <contributors>
          <person_name sequence="first" contributor_role="author">
            <given_name>Joaquim Armando</given_name>
            <surname>Ferreira</surname>
          </person_name>
          <person_name sequence="additional" contributor_role="author">
            <given_name>Reitle</given_name>
            <surname>Matthias</surname>
          </person_name>
          <person_name sequence="additional" contributor_role="author">
            <given_name>Eduardo</given_name>
            <surname>Santos</surname>
          </person_name>
        </contributors>
        <titles>
          <title>
            Career development in context: Festschrift for Fred Vondracek
          </title>
        </titles>
        <edition_number>1</edition_number>
        <publication_date>
          <year>2018</year>
        </publication_date>
        <isbn media_type="electronic">9789892614519</isbn>
        <isbn media_type="print">9789892614502</isbn>
        <publisher>
          <publisher_name>Imprensa da Universidade de Coimbra</publisher_name>
        </publisher>
        <doi_data>
          <doi>10.14195/978-989-26-1451-9</doi>
          <resource>https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/43647</resource>
        </doi_data>
      </book_metadata>
    </book>
  </body>
</doi_batch>

```

Figura 13 – Informação sobre o *handle* do livro e de cada capítulo ^[88]

Career - Para disponibilizar na UC Digitalis

Mara Almeida

ter 27-03-2018 10:14

Para: Luís Miguel Carreira Marques <lmcm@uc.pt>;
 cmjcastro@ci.uc.pt <mjcastro@ci.uc.pt>; Delfim <leo@fi.uc.pt>; catarina.saigado@uc.pt <catarina.saigado@uc.pt>;

Luís,

Envio os *handle*'s do livro com capítulos *Career development in context: Festschrift for Fred Vondracek* para serem disponibilizados na UC Digitalis: <http://hdl.handle.net/10316.2/43647>

Capítulos:

1. <http://hdl.handle.net/10316.2/43648>
2. <http://hdl.handle.net/10316.2/43649>
3. <http://hdl.handle.net/10316.2/43650>
4. <http://hdl.handle.net/10316.2/43651>
5. <http://hdl.handle.net/10316.2/43652>
6. <http://hdl.handle.net/10316.2/43653>
7. <http://hdl.handle.net/10316.2/43654>
8. <http://hdl.handle.net/10316.2/43655>
9. <http://hdl.handle.net/10316.2/43656>
10. <http://hdl.handle.net/10316.2/43657>

Muito obrigada.

Figura 14 – E-mail que enviei ao meu colega Luís Marques com o *handle* do livro e de cada capítulo para ele poder disponibilizar na *UC Digitalis* ^[89]

No fim, coloquei na pasta partilhada da IUC as seguintes informações relativas às obras: em “Carregar na Plataforma” coloquei “Sim”; em “Atribuição de DOI” coloquei “11”, pois existem 11

^[88] Imprensa da Universidade de Coimbra.

^[89] Imprensa da Universidade de Coimbra.

DOI's (um para o livro e 10 para os capítulos); e em “Data da atribuição de DOI” coloquei “março de 2018”.

2.1.7. Revisão de texto

Apesar de, na maioria das vezes, ser feita externamente, a revisão de texto insere-se no processo editorial da Imprensa da Universidade de Coimbra. Deste modo, a sétima tarefa que realizei no estágio na editora foi a revisão de texto, por sugestão do Prof. Doutor António Andrade, de seis artigos científicos que tiveram por base temas abordados no Ciclo de Conferências “Do manuscrito ao livro impresso”, organizado pela Universidade de Aveiro. Estes, numa fase posterior, serão publicados num livro que será editado pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

Desta forma, tendo em conta que a revisão textual consiste na «observação das provas tipográficas de um texto que é feita por um revisor profissional, pelo autor ou por pessoa em quem ele delegou, com a finalidade de corrigir possíveis erros de impressão ou outros»^[90], o revisor tem como funções «conferir a fonte e todas as determinações estabelecidas, como mancha, espaços interlineares, de seções, formatação das ilustrações; comparar o texto original com as provas; assinalar erros de digitação e gramaticais»^[91].

Neste seguimento, apesar de todas as tarefas que realizei na editora terem sido importantes e trabalhosas, a revisão de texto foi uma das mais exigentes que executei, tendo sido também uma das que levei mais tempo a concretizar, pois careceu de um trabalho minucioso e muito atento.

Em primeiro lugar, após ter lido as normas genéricas de redação e de citação bibliográfica, enviadas em conjunto com os textos e os demais documentos relativos aos mesmos, procedi à leitura integral e atenta dos seis artigos científicos de forma a ter uma visão geral dos mesmos, entre os quais se contam: *O Advento da Tipografia e a nova circulação da informação*, de Maria da Graça Pericão; *O primeiro livro impresso no Brasil: censo e validação dos exemplares conhecidos - a case study*, de Pedro de Azevedo; *As problemáticas do livro médico em Portugal nos séculos XVI e XVII. Com a bibliografia das obras médicas impressas em Portugal (1496-1598)*, de Hervé Baudry; *100 anos de livros para crianças em Portugal: olhares sobre o mar na literatura infantil*, de Ana Margarida Ramos; *Livro Científico nas Coleções da BPMP. Ciências Exatas, séculos XVI e XVII*, de Júlio Manuel Rodrigues Costa; e *Oralidade, Escrita e Livro no Mundo Antigo*, de Alexandra Santos.

Em segundo lugar, após a leitura dos seis textos, procedi à revisão de cada um, incluindo-se nesta a revisão dos anexos, imagens e respetivas legendas, quadros, referências bibliográficas e notas

^[90] Almeida, A. R. (2011). *Relatório de Estágio em Edição na Imprensa da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, p. 35.

^[91] Medeiros, J. B. (2002). *Manual de redação e normalização textual: técnicas de editoração e revisão*. Brasil, São Paulo: Editora Atlas, pp. 27-31.

de rodapé respeitantes aos mesmos. Depois de uma primeira revisão meticulosa e atenta, procedi a mais duas revisões, sendo a última considerada mais uma leitura do que uma revisão, que tiveram também em consideração a tabela e os comentários que fiz aos textos.

Ainda que tenha tido em linha de conta os sinais utilizados na Norma Portuguesa 61 (**Anexo VI**), que servem para marcar, através de sinais específicos, todas as alterações e correções necessárias à correção e melhoria dos textos, não os utilizei para fazer a revisão dos artigos científicos. A revisão textual foi feita diretamente nos documentos *word*, acompanhada de comentários com correções e sugestões que fiz aos textos dos autores (**Figura 15**). No entanto, de forma a complementar esses comentários feitos nos próprios documentos *word*, optei por construir uma tabela no *word* para cada texto, contendo escritas explicitamente todas as correções/comentários/sugestões feitas aos textos de cada um dos seis autores (**Figura 16**).

Oralidade, Escrita e Livro no Mundo Antigo

Orality, Writing and Books in the Ancient World

Alexandra Santos
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH)
Universidade de Coimbra
alexasantos54@hotmail.com

Resumo: A Humanidade sempre quis preservar o seu legado social e cultural, e através da escrita foi possível materializá-lo. Desde os tempos da Antiga Mesopotâmia ao Império Romano, passando por sociedades amplamente orais, como foi o caso da grega, a introdução do alfabeto transformou as sociedades e as culturas da Antiguidade; o livro surgiu como possibilidade perene desse legado, desde os rolos de papiro ao formato de *codex*.

Apesar de o homem grego estar imerso nessa cultura predominantemente oral, foi aos poucos dando espaço à introdução da palavra escrita e, na Grécia do **péc. V a. C.**, o livro começa a assumir uma gradual importância, e mais tarde, no **péc. I, os poetas romanos** reconhecem igualmente a relevância do material escrito.

Comentado [MA1]: Nota de revisão 1: Sugiro à autora que o título em português e o título traduzido fiquem em versais (maiúsculas), por uma questão de coerência entre os textos.

Comentado [MA2]: Nota de revisão 2: Sugiro à autora que "Alexandra Santos" fique em versaletes (maiúsculas pequenas).

Comentado [MA3]: Nota de revisão 3: Sugiro à autora colocar "Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos" a itálico, por uma questão de estética e de destaque da filiação institucional da autora.

Comentado [MA4]: Nota de revisão 4: Sugiro à autora colocar "Universidade de Coimbra" a itálico, por uma questão de estética e de destaque da filiação institucional da autora.

Comentado [MA5]: Nota de revisão 5: Sugiro à autora remover a hiperligação de "alexasantos54@hotmail.com".

Comentado [MA6]: Substituir "péc." por "século".

Comentado [MA7]: Suprimir o espaço a mais entre "a." e "C.", e portanto, fica "a.C." em vez de "a. C.".

Comentado [MA8]: Substituir "péc." por "século".

Figura 15 – Exemplo de comentários com correções e sugestões feitas no documento *word* a um dos textos ^[92]

^[92] Própria.

Revisão de Ciclo de Conferências “Do manuscrito ao livro impresso”	
Obras	Correções/Comentários/Sugestões
<i>Oralidade, Escrita e Livro no Mundo Antigo</i> , de Alexandra Santos	<p>Revisão ortográfica – de acordo com o novo acordo ortográfico de 1990</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Egipto” passa a “Egito” (p. 3, l. 12) <p>Revisão de normalização, linguística, tipográfica e de conteúdo/científica – notas de revisão</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nota de revisão 1: Sugiro à autora que o título em português e o título traduzido fiquem em versais (maiúsculas), por uma questão de coerência entre os textos (p. 1, l. 1 a 2) • Nota de revisão 2: Sugiro à autora que “Alexandra Santos” fique em versaletes (maiúsculas pequenas) (p. 1, l. 3) • Nota de revisão 3: Sugiro à autora colocar “Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos” a itálico, por uma questão de estética e de destaque da filiação institucional da autora (p. 1, l. 4) • Nota de revisão 4: Sugiro à autora colocar “Universidade de Coimbra” a itálico, por uma questão de estética e de destaque da filiação institucional da autora (p. 1, l. 5) • Nota de revisão 5: Sugiro à autora remover a hiperligação de “alexasantos54@hotmail.com” (p. 1, l. 6) • Nota de revisão 6: Sugiro à autora abrir parágrafo nos títulos como “Introdução” e nos parágrafos, de modo a existir coerência entre os textos (p. 2, l. 9 a 10, e seguintes) • Nota de revisão 7: Sugiro à autora, como a citação ocupa mais de 4 linhas, colocá-la a ocupar um parágrafo próprio, sem aspas, recolhida em relação à margem, com letra em tamanho inferior ao texto e com espaço interlinear menor (p. 2 a 3, l. 21 a 25)

Figura 16 – Exemplo de tabela no *word* com as correções/comentários/sugestões feitas a um dos textos ^[93]

Tentando sempre respeitar os textos dos autores, não os reescrevendo nem interferindo no seu estilo, e evitando emendas desnecessárias assim como alterações que não se justificassem gramaticalmente, procurei corrigir, mas não divulgar os possíveis erros gramaticais ou ortográficos dos autores. Procurei igualmente, ater-me às correções gramaticais ou ortográficas, mas também a possíveis erros relacionados com os conteúdos dos textos, fazendo correções/comentários/sugestões claras e compreensíveis. Para tal, usei dos meus conhecimentos obtidos na disciplina de *Revisão de Texto*, assim como dos documentos fornecidos pelos professores, principalmente de um documento denominado *Cartilha de Edição* que contém todas as regras e convenções sobre notas, extratextos, formatação do texto, destaques, citações, referências bibliográficas, questões de ortografia, aspas, travessões, percentagens, números, itálico, maiúsculas iniciais, versais e versaletes, divisão de palavras, entre outros. Sempre que necessário, utilizei também, entre outras ferramentas para a solução de dúvidas durante a revisão, o *website* Conversor do Acordo Ortográfico da Porto Editora ^[94] e o *website* Ciberdúvidas da Língua Portuguesa ^[95].

Procurando fazer a melhor revisão possível dos textos, tentei manter a coerência e a uniformidade entre eles, como por exemplo manter a estrutura das notas bibliográficas e das notas de rodapé, uniformizar a apresentação das citações e dos nomes próprios, usar sempre a mesma forma de destaque, entre outros.

Consequentemente, a abordagem que utilizei para fazer a revisão a cada um dos seis textos e que explicitiei através de comentários com as correções e sugestões feitas aos autores, foi uma abordagem restritiva — ou seja, fiz correções predominantemente tipográficas (como gralhas, normalização de situações e elementos gráficos e de paginação, translineações ou sugestões de melhoramento gráfico) e linguísticas (como emendas gramaticais, frásicas e contextuais). No entanto,

^[93] Própria.

^[94] Disponível em <https://www.portoeditora.pt/lingua-portuguesa/conversor-acordo-ortografico>.

^[95] Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/>.

também utilizei uma abordagem extensiva, na medida em que procedi a uma revisão literária, com um melhoramento linguístico, mas também científica, de verificação de conteúdo.

Nesta medida, comecei por fazer uma revisão ortográfica, tendo por base o novo acordo ortográfico de 1990. Ainda que as normas genéricas de redação e de citação bibliográfica refiram que fica ao critério de cada autor a adoção, ou não, no seu texto do novo acordo ortográfico de 1990, a Imprensa da Universidade de Coimbra, desde 2016, publica as suas obras utilizando este novo acordo. E, portanto, como as obras serão publicadas pela editora, e após ter alertado a Dr.^a Maria João Castro sobre o facto, optei por corrigir todas as palavras encontradas nos textos que ainda estavam no antigo acordo ortográfico (**Figura 17**).

Revisão ortográfica – de acordo com o novo acordo ortográfico de 1990
• "Egipto" passa a "Egito" (p. 3, l. 12)

Figura 17 – Exemplo de correção num dos textos segundo o novo acordo ortográfico ^[96]

Logo de seguida, fiz uma revisão de normalização, linguística, tipográfica e de conteúdo/científica, onde faço, entre outras, sugestões aos autores de correções ou melhoria nos textos (**Figura 18**).

• **Nota de revisão 7:** Sugiro à autora, como a citação ocupa mais de 4 linhas, colocá-la a ocupar um parágrafo próprio, sem aspas, recolhida em relação à margem, com letra em tamanho inferior ao texto e com espaço interlinear menor (p. 2 a 3, l. 21 a 25)

Figura 18 – Exemplo de sugestão dada ao autor de um dos textos ^[97]

Revisão de normalização, linguística, tipográfica e de conteúdo/científica (outras correções)
• Substituir "séc." por "século" (p. 1, l. 14)

Figura 18 – Exemplo de sugestão dada ao autor de um dos textos (cont.) ^[98]

Na revisão de normalização, detetei situações recorrentes e de formatação tipográfica tendo em conta os critérios definidos pelas normas, assim como outras situações: pesquisa de duplos espaços; pesquisa de espaços antes ou depois de pontuação; regularização de numerais ordinais e cardinais; substituição do hífen por travessão quando se justificava; normalização de versaletes, itálicos, redondos, caixas altas e baixas, notas de rodapé, citações ou referências bibliográficas; pesquisa pela abertura e fecho das aspas, e sua normalização; substituição dos três pontos por reticências; uniformização de siglas; utilização da pontuação nas citações e no fecho dos parêntesis; regularização da

^[96] Própria.

^[97] Própria.

^[98] Própria.

utilização dos parêntesis; e verificação de correspondência entre as chamadas de notas e as respectivas notas de rodapé.

Na revisão linguística, tive em conta, para além da normalização de soluções linguísticas em geral, uma correção gramatical e de gralhas, como por exemplo: uniformização da coerência gráfica e ortográfica; normalização de tempos verbais e de pessoas gramaticais; clarificação da linguagem face ao contexto dos textos; verificação da clareza da linguagem dos textos; verificação da acentuação e pontuação; e correção de construções fráscas.

Quanto à revisão tipográfica, para além da “caça à gralha” e da referida normalização, pressupôs a verificação da estrutura e organização dos textos, como a divisão das suas secções ou a estruturação dos seus elementos gráficos (prestando maior atenção a translineações, referências bibliográficas e notas de rodapé). E quanto à revisão de conteúdo/científica, tive em conta uma preocupação crescente com o rigor do conteúdo dos textos.

Contudo, para além da revisão feita a estes seis textos, também fiz revisão do índice e do índice onomástico da obra *Cidade e religião. A colegiada de Santa Justa de Coimbra na Idade Média*, de Maria Amélia Álvaro de Campos. Comecei a realizar esta tarefa com a minha colega Débora Santos, que me explicou como deveria proceder, e terminei-a sozinha. A tarefa consistiu na revisão comparativa entre o miolo, o índice e o índice onomástico, mas também na verificação do número de página e dos títulos (perceber se coincidia), apontando quaisquer possíveis erros encontrados.

2.2. Outras atividades

Outras tarefas realizadas no estágio na Imprensa da Universidade de Coimbra consistiram na preparação de originais e na elaboração de ofícios a enviar aos autores.

Em primeiro lugar, a preparação de originais consistiu no “estender a mancha no word” das obras em versão final prontas a serem paginadas na editora. Isto é, esta tarefa compreendeu a preparação dos originais entregues pelos autores, tendo em conta as normas da Imprensa da Universidade de Coimbra, pois nem sempre são cumpridas as normas de publicação ^[99] estabelecidas pela editora. O objetivo destas instruções é assegurar que o livro publicado tenha «o aspeto gráfico pretendido pela IUC e possa passar pelas fases de pré-impressão e impressão de forma rápida e eficiente» ^[100]. Seguindo as seguintes normas propostas pela IUC — formato do documento (16x23 cm), tipo de letra (*ITC Garamond Std*, tamanho 11 pt) e margens do documento (Superior: 2,5 cm; Inferior: 2 cm; Esquerda: 2 cm; Direita: 2 cm) —, preparei, aproximadamente, oito originais, entre os quais: *A Escrita do Eu. A Literatura como Laboratório da Vida*, de Maria de Jesus, Paulo de Jesus e Gonçalo

^[99] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (3).

^[100] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (3).

Marcelo; *Escrever para não morrer. Retórica da imortalidade no epistolário de Damião de Góis*, de Luiz Júnior; *História Antiga. Relações Interdisciplinares – volume I e II* (Volume I), de Carmen Soares, José Luís Brandão e Pedro Carvalho; *História Antiga. Relações Interdisciplinares – volume I e II* (Volume II), de Carmen Soares, José Luís Brandão e Pedro Carvalho; *Os Estados e a ordem internacional contemporânea*, de José Pureza; *Rituais hermenêuticos da convivência: variações sobre Gadamer*, de Maria Luísa Portocarrero; *Ricardo Jorge. Ciência, humanismo e modernidade*, de Rui Costa; e *Gil Vicente*, de José Augusto Bernardes e José Camões. Além do mais, é importante referir que esta tarefa também me permitiu realizar outra atividade na editora: ao “estender a mancha no word” das obras referidas, pude ficar com uma estimativa de quantas páginas cada obra iria ter; a partir dessa estimativa calculei, aproximadamente, os custos de paginação.

Por fim, a elaboração de ofícios a enviar aos autores. Um ofício é um «documento escrito em forma de carta com redacção convencional que as autoridades, as secretarias, as associações, etc. endereçam aos seus subordinados, iguais ou superiores, em objecto de serviço público ou particular» ^[101], neste caso, é um documento elaborado pela Imprensa da Universidade de Coimbra endereçado aos autores. E, portanto, tive de elaborar dois ofícios: o primeiro serviu para enviar aos autores (Maria João Feio e Verónica Ferreira) da obra *Rios de Portugal. Comunidades, processos e alterações*, o parecer — «opinião fundamentada de um perito sobre um assunto que lhe foi apresentado» (Faria & Pericão, 2008: 937) — e o original em formato papel com as correções sugeridas pelo *referee* — «árbitro ou consultor que tem como função analisar e avaliar a qualidade de um texto científico, propondo ou não a sua publicação» ^[102]; e o segundo serviu para enviar ao autor (Mário Santiago de Carvalho) as primeiras provas em formato papel — «contendo as primeiras correcções» (Faria & Pericão, 2008: 998) — da obra *O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense*.

^[101] Faria, M. I., Pericão, M., cit. 39, p. 889.

^[102] Faria, M. I., Pericão, M., cit. 39, p. 1053.

3. *Classica Digitalia*: (re)organização da série

Na parte teórica do relatório, que é também a parte que mais desenvolvi, pretendo apresentar num primeiro momento, aspetos como o livro (impresso vs. eletrónico; Acesso Aberto vs. Acesso Restrito) e as séries/coleções da IUC, enquanto num segundo momento, exponho aquele que foi o meu grande projeto enquanto estagiária da Imprensa da Universidade de Coimbra — a (re)organização da série *Classica Digitalia* —, analisando como os assuntos apontados anteriormente se refletem nesta série da editora.

Desta forma, em primeiro lugar, pretendo abordar o livro enquanto objeto, fazendo uma breve introdução àquilo que é considerado, pelo *Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos*, uma obra de índole literária, científica e artística, protegida pelos direitos de autor, na qual se insere o livro publicado por uma editora (em suporte impresso e/ou eletrónico), disponibilizado (em Acesso Aberto ou Restrito), divulgado e comercializado por esta em plataformas digitais ao leitor. No entanto, refiro também o que é um contrato de edição definido por esse mesmo *Código*, e duas cláusulas pelas quais se rege o contrato de edição entre a Imprensa da Universidade de Coimbra e o autor (ou autores) de uma obra (ou obras).

Em segundo, tenciono falar do livro impresso em contraposição ao livro eletrónico, dos seus antecedentes, das continuidades e transformações que provocaram no mundo da edição. Em terceiro lugar, tenho como objetivo falar do Acesso Aberto, em oposição ao Acesso Restrito, fazendo sempre a comparação com a indústria do livro. Logo a seguir, referirei como os pontos anteriormente mencionados se refletem no caso da imprensa universitária, mais propriamente na Imprensa da Universidade de Coimbra. Em quinto lugar, abordarei a questão das séries e coleções, primeiro em geral e depois na IUC. Por último, tendo em conta todos os aspetos referidos *supra*, pretendo apresentar o grande projeto que realizei durante o estágio na editora conimbricense — a (re)organização da série *Classica Digitalia*.

3.1. O livro

3.1.1. Introdução

Uma obra é uma criação intelectual «do domínio literário, científico e artístico» ^[103] — como um livro, uma revista, um jornal, uma composição cinematográfica, um musical, uma fotografia ou

^[103] Assembleia da República, cit. 64, n.º 1 do Artigo 1.º, p. 1901.

outro tipo de produção intelectual —, «por qualquer modo exteriorizada» ^[104] e protegida pelo *Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos*, no qual se inclui a proteção do direito do respetivo autor. Enquanto criador intelectual de uma obra, o autor pode, a qualquer momento, reivindicar a respetiva paternidade e assegurar a genuinidade e integridade da mesma, assim como «dispor da sua obra e de fruí-la e utilizá-la, ou autorizar a sua fruição ou utilização por terceiro, total ou parcialmente» (Assembleia da República, 1902: n.º 2 e 3 do Artigo 9.º). De facto, o autor pode, através da celebração por escrito de um contrato de edição, conceder «a outrem, nas condições nele estipuladas ou previstas na lei, [o direito que possui sobre a sua obra, nomeadamente a] autorização para produzir por conta própria um número determinado de exemplares de uma obra ou conjunto de obras [«existentes ou futuras, inéditas ou publicadas» (Assembleia da República, 1902: Artigo 85.º)], assumindo a outra parte a obrigação de os distribuir e vender» ^[105].

Nesta medida, também o livro é uma criação intelectual original «do domínio literário, científico e artístico» (Assembleia da República, 1901: n.º 1 do Artigo 1.º) protegida pelo *Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos*, no qual se inclui, como já referi *supra*, a proteção do direito do respetivo autor. No entanto —, tendo em conta as cláusulas 1.ª e 7.ª da minuta de contrato de edição da Imprensa da Universidade de Coimbra —, através da celebração de um contrato de edição, o autor pode autorizar uma editora (neste caso, a Imprensa da Universidade de Coimbra) a editar a sua obra em suporte impresso e/ou digital e a disponibilizá-la em Acesso Aberto (acompanhada de uma Licença *Creative Commons CC-BY*) ou Restrito, assim como pode autorizar a sua divulgação e comercialização «junto de um determinado universo de consumidores [i.e., leitores]» ^[106], seja através da livraria *online* da editora, seja através de plataformas de venda e divulgação de conteúdos digitais (como o *Google Play* ou a *UC Digitalis*) ou de impressões feitas segundo o sistema de *print on demand* (como a *Amazon*).

3.1.2. Livro impresso vs. Livro eletrónico

O livro, enquanto objeto, evoluiu ao longo dos tempos — do impresso ao eletrónico —, no entanto, apesar «das claras evoluções deste objeto e da transição entre ausência/presença de um mercado editorial» ^[107], este deve ser sempre entendido, de acordo com Penha (2016: 35), como um objeto resultante de um processo. Processo que se inicia na «produção de conteúdo (atividade desenvolvida pelo autor quando produz o conteúdo literário da obra) [, passando pela] edição (atividade

^[104] Assembleia da República, cit. 64, n.º 1 do Artigo 1.º, p. 1901.

^[105] Assembleia da República, cit. 64, Artigo 83.º, p. 1911 (cf. Faria, M. I., Pericão, M., cit. 39, p. 312).

^[106] Faria, M. I., Pericão, M., cit. 39, p. 1018.

^[107] Penha, A. E. (2016). *Livro híbrido: analógico e digital*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 35.

desenvolvida pelo setor editorial, prototipagem da forma e formatação da obra) [e pela] replicação (atividade desenvolvida pelas empresas de impressão, onde reproduzem os exemplares para venda) [, e que termina no] produto final (objeto literário material ou imaterial que chega até ao leitor)» (Penha, 2016: 35).

Enquanto produto final, resultante de um processo de criação, edição, impressão e distribuição, o livro deve ser compreendido de duas formas (indissociáveis uma da outra): enquanto forma e enquanto função. Enquanto forma, o livro é «toda a obra literária, científica e artística que constitui uma publicação unitária em um ou mais volumes, destinada a ser posta à disposição do público, qualquer que seja o formato de publicação, nomeadamente, impresso, áudio e eletrónico, independentemente da possibilidade de apropriação do seu conteúdo por qualquer dos modos atualmente conhecidos ou de que futuro o venham a ser» ^[108]. E enquanto função, o livro é «um meio de transporte, isto é, de expressão, de substituição e de reprodução» (Penha, 2016: 33) — é um transmissor de conteúdo e uma exteriorização do pensamento.

Contudo, apesar das «transformações existentes na forma como livro é escrito, [editado], replicado e distribuído» ^[109] —, isto é, no suporte que é utilizado para tal —, devido às «invenções surgidas na segunda metade do século XX e trazidas pela revolução digital» (Penha, 2016: 19), a sua função mantém-se: ser um «meio de transporte ao serviço da comunicação» ^[110]. Em síntese, não obstante as transformações e evoluções ocorridas nos suportes utilizados para a escrita, a forma e a função do livro enquanto objeto mantiveram-se iguais e, portanto, independentemente de o livro eletrónico ter vindo a ganhar o seu próprio espaço, o livro impresso nunca perdeu «grande parte do seu» (Penha, 2016: 19).

Desta forma, como se desenrolou todo este percurso do livro, desde o impresso ao eletrónico?

Desde sempre, o Homem procurou «assegurar a continuidade do passado, perpetuando hábitos, saberes, conhecimentos, disseminando-o para as gerações seguintes» ^[111], seja através da oralidade, seja, posteriormente, através da escrita, que surgiu numa «tentativa de materializar visualmente a fala, habilidade precocemente desenvolvida pela espécie humana» (Penha, 2016: 48). O Homem sempre demonstrou uma «enorme necessidade de registro e transmissão da informação [...] [, procurando, constantemente, revolucionar] a comunicação entre os povos [...] [e melhorar] a qualidade das mensagens e do registro da informação» (Rosa, Barros & Meirelles, 2015: 2): durante a Pré-história, o Homem paleolítico utilizava as paredes das cavernas onde habitava para fixar imagens do seu quotidiano «através de pictogramas e inscrições» ^[112]; na Antiguidade, a invenção da escrita

^[108] Penha, A. E., cit. 107, p. 31.

^[109] Penha, A. E., cit. 107, p. 19.

^[110] Furtado, J. A., cit. 29, pp. 9-23.

^[111] Rosa, F, Barros, S., & Meirelles, R. (2015). *Do livro impresso ao digital: trajetória de uma editora universitária*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 2.

^[112] Rosa, F, Barros, S., & Meirelles, R., cit. 111, p. 2.

possibilitou a evolução dos sistemas de escrita — dos ideogramas ao alfabeto (Rosa, Barros & Meirelles, 2015: 2) — e dos suportes de registo: da pedra às placas de argila e às tábuas de madeira cobertas de cera, dos rolos de papiro aos rolos de pergaminho, do códice (i.e., a nova forma adotada pelo pergaminho) ao papel — «invenção dos chineses no século II a.C.» (Rosa, Barros & Meirelles, 2015: 3).

A evolução dos sistemas de escrita e dos diversos suportes utilizados para esse fim, proporcionou o aparecimento do livro enquanto «necessidade de uma materialização portátil e manuseável»^[113] da escrita.

Nesse sentido, é possível falar do livro manuscrito — ou livro escrito à mão «em papiro, pergaminho ou papel»^[114] —, primeiro em formato de rolo (de papiro ou pergaminho) e depois em formato de códice — «composto por folhas dobradas certo número de vezes, o que determinava o formato e a sucessão dos cadernos que, por sua vez, eram costurados uns aos outros e protegidos pela encadernação» (Pozza, 2015: 59). Este, por sua vez, foi substituído pelo livro impresso, isto é, um «conjunto de folhas impressas e reunidas num volume brochado ou encadernado» (Penha, 2016: 30). Para além de ter herdado o formato do códice, o livro impresso também herdou «a distribuição do texto na superfície da página; paginação, numeração, sumário e índices, presentes até hoje, inclusive nos *e-books*»^[115].

No entanto, a passagem do manuscrito ao impresso só foi possível graças à invenção da imprensa por Gutenberg, em meados do século XV. Embora os chineses, aquando da invenção do papel, já utilizassem um «método de “impressão em bloco”» (Pozza, 2015: 59) denominado xilografia, só Gutenberg e a sua tecnologia dos caracteres móveis tornaram «possível a produção industrial de livros e de outras publicações [...] e a sua comercialização em larga escala» (Pereira, 2014: 31). Nessa perspetiva, apesar de o livro ser considerado «uma ferramenta de alfabetização e de acesso ao conhecimento»^[116], o livro manuscrito «era um objeto reservado a poucos e preservado religiosamente pelos monges copistas» (Pereira, 2014: 31) e, portanto, só com a invenção da imprensa foi possível democratizar «o acesso ao saber contido nos livros [...] [e difundir os] novos saberes»^[117], o que a transformou numa «ferramenta básica para a mercantilização da informação» (Rosa, Barros & Meirelles, 2015: 3).

De acordo com Ferreira (2010: 19), após a invenção de Gutenberg, a imprensa começou a espalhar-se por todos os países da Europa e as oficinas tipográficas começaram a concentrar-se nas

^[113] Penha, A. E., cit. 107, p. 49.

^[114] Website Tipografos.net.

^[115] Pozza, C. D. (2015). O livro ao longo do tempo: do manuscrito ao impresso e à tela; leitura, letramentos, mídia e consumo. *Revista Versalete*, 3 (4), 2015, p. 60.

^[116] Pereira, A. L. D. (2014). Imprensa Universitária, *e-Books* e novos modelos de negócio. *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro*, 3 (II.ª série), 2014, p. 31.

^[117] Pereira, A. L. D., cit. 116, p. 31.

grandes cidades universitárias, pois eram formadas, principalmente, por estudantes, o «seu principal grupo de consumidores» ^[118].

Contudo, a partir do século XX, a Revolução Industrial permitiu que a sociedade evoluísse mecânica e industrialmente em todos os setores, possibilitando igualmente a evolução da indústria do livro. As transformações ocorridas na imprensa nesta altura, proporcionaram a mecanização e a modernização das máquinas de produção de livros, aumentando o volume de publicações concebidas. Consequentemente, não só a indústria livreira teve de «se adequar a esta nova realidade para alcançar novos públicos [, como também] os livros tiveram que se enquadrar aos formatos mais hábeis para a mecanização e consequente comercialização» (Ferreira, 2010: 20). Neste seguimento, com o advento de novos equipamentos eletrônicos, surge a informática, que «trouxe inúmeras mudanças para a imprensa, as principais diferenças existentes entre a tipográfica e a eletrônica» ^[119].

Mas só com a chegada da sociedade pós-industrial, organizada «em torno da informação e do conhecimento» (Penha, 2016: 76), é que «começam a notar[-se] os primeiros sinais do paradigma tecnológico» ^[120], tendo a indústria do livro de se adequar a estes novos modelos. É neste cenário de novas «invenções surgidas na segunda metade do século XX e trazidas pela revolução digital» (Penha, 2016: 32), que surge, como uma evolução do livro impresso, o livro eletrónico (ou *e-book*) — «que pode ser lido em uma tela de computador ou em dispositivos eletrônicos como os *e-readers* e os *tablets*» (Rokohl, 2012: 15).

Todavia, convém, antes de avançar, esclarecer um ponto importante. De acordo com Penha (2016: 38), os conceitos de livro eletrónico e edição eletrónica relacionam-se, pois «o termo edição eletrónica abrange uma imensidão de conteúdos, dos quais, alguns são livros eletrónicos» ^[121]. Deste modo, a edição eletrónica pode ser dividida da seguinte forma: «versões eletrónicas, derivadas dos livros impressos, ou seja, a distribuição do texto dá-se sob a forma eletrónica, porém, este em nada acrescenta à versão em papel, sendo portanto um equivalente [, e] novas gerações de publicações, pensadas e concebidas para se moverem no suporte eletrónico desde a sua génese, explorando as suas potencialidades, podendo abranger o hipertexto, som, movimento entre outros» (Penha, 2016: 36). Neste sentido, o livro eletrónico é «uma obra literária sob a forma de objeto digital, consistindo num ou mais standards de identificação, metadata, e um corpo de conteúdo monográfico, destinado a ser acedido eletronicamente» ^[122], que «padece de funcionalidades que não alterando o seu conteúdo, alteram a forma como o utilizador se relaciona com o mesmo, possibilitando alterações do tipo de letra, do tamanho, inserção de anotações entre outros» (Penha, 2016: 38).

^[118] Ferreira, M. T. R. (2010). *A evolução do livro: do papiro ao iPad*. Natal/RN: Departamento de Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, p. 19.

^[119] Ferreira, M. T. R., cit. 118, p. 21.

^[120] Penha, A. E., cit. 107, p. 76.

^[121] Penha, A. E., cit. 107, p. 38.

^[122] Penha, A. E., cit. 107, p. 38.

De acordo com Ribeiro (2012: 17), a passagem do impresso para o digital admite uma questão temporal, isto é, enquanto no impresso, o tempo — longo — é marcado por uma «temporalidade linear e sequencial, que muitas vezes se transforma em temporalidade circular» ^[123]; no digital, o tempo — curto — é marcado por uma «temporalidade não sequencial, sem ordem estabelecida, relacionada com a simultaneidade dos novos media» ^[124]. Consequentemente, relacionado com este tempo curto do digital, está «um dos mais poderosos media da atualidade» ^[125]: a internet.

A internet, criada em meados da década de 40 do século XX, teve como primeiro objetivo «manter a comunicação [entre os militares norte-americanos] em caso de ataques inimigos que destruíssem os meios convencionais de telecomunicações» (Ferreira, 2010: 24), enquanto nas décadas de 70 e 80 do mesmo século, foi utilizada como «importante meio de comunicação académico, onde estudantes e professores universitários, principalmente dos Estados Unidos, trocavam ideias, mensagens e descobertas pelas linhas da rede mundial» ^[126]. Ligados ao conceito de internet, surgem outros conceitos, como hipertexto (1963), *World Wide Web* (1980), *Web 2.0* (2005), entre outros. Sendo a rapidez em transferir e trocar informações —, «proveniente de uma infinidade de ferramentas, programas e aparatos tecnológicos responsáveis por criar e transmitir recursos operacionais que permitam ao internauta [...] realizar de maneira prática o máximo de atividades» (Ferreira, 2010: 25) —, uma das principais características da internet, é neste contexto que surge o livro eletrónico.

Neste seguimento, relacionado com a internet e com o mundo digital, surge e desenvolve-se, na década de 40 do século apontado, o primeiro suporte utilizado pelo livro eletrónico, o computador digital, como um dos «primeiros impulsionadores do acesso facilitado a informações» (Penha, 2016: 76). A par dos computadores digitais «foram também criados outros dois dispositivos que promoviam a edição eletrónica — os *Tablets PC's* e *E-readers*» ^[127]. No entanto, só na década de 80 do mesmo século, «é que os produtores fizeram a sua primeira tentativa de iniciação da transgressão do livro para o meio digital» (Penha, 2016: 76) —, através de CD-ROM's. A passagem do livro para CD-ROM caracterizava-se pela realização do «*scanning* de livros impressos [, convertendo-os] para texto usando tecnologias próprias [e] difundindo-os posteriormente no formato ASCII» ^[128]. Esse formato «era porém, pouco apelativo e não suportava gráficos, tendo sido desenvolvidos no futuro uma diversidade de formatos criados para possibilitar uma melhor leitura e acompanhando a metáfora do livro impresso, característica inerente ao livro eletrónico» ^[129] —, como TXT, HTM, HTML,

^[123] Ribeiro, A. F. C. H. G. (2012). *Passagem do Impresso para o Digital*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 17.

^[124] Ribeiro, A. F. C. H. G., cit. 123, p. 17.

^[125] Ribeiro, A. F. C. H. G., cit. 123, p. 17.

^[126] Ferreira, M. T. R., cit. 118, p. 24.

^[127] Penha, A. E., cit. 107, p. 76.

^[128] Penha, A. E., cit. 107, p. 76.

^[129] Penha, A. E., cit. 107, p. 76.

XHTML, XML, OPF, LIT, PRC, PDB, WAP, x-doc, WML, DOC, DocPalm, RTF, RB, EXE, ePub, ou PDF (Rokohl, 2012: 16). A partir do século XXI, surgem novos formatos «tecnológicos para subsidiar a leitura e armazenamento» (Ferreira, 2010: 30) de livros, como o *Kindle* da *Amazon* ou o *iPad* da *Apple*, ou até o *smartphone*.

O livro eletrónico veio revolucionar tanto ao nível da produção e da reprodução de textos, como do suporte de escrita e das práticas de leitura. Por um lado, no mundo editorial, as mudanças que ocorreram foram as seguintes (cf. Ferreira, 2010: 30): um autor que não conseguisse publicar o seu livro através de uma editora, poderia publicá-lo ele mesmo através dos suportes e dos formatos referidos *supra*; as editoras tiveram de se adaptar ao mundo do digital, começando a disponibilizar na internet e em *websites* dedicados à divulgação e venda de *e-books*; e o sistema de produção de um livro eletrónico, apesar de ser resultante de um processo (referido no primeiro parágrafo deste subcapítulo) tal como o livro impresso, difere deste quanto ao meio de distribuição, ou seja, é distribuído através de suportes digitais, ao contrário do livro impresso que é distribuído e vendido em livrarias físicas ou *online*.

Por outro lado, a tecnologia e o mundo digital, penetraram em todos os aspetos da edição dos livros, isto é, os autores, após escreverem os seus textos em processadores que servem esse objetivo, enviam-nos para a editora via *online*; as imagens, quadros e gráficos são, regra geral, criados nos computadores; enquanto a edição, a escolha do *layout* e outras tarefas correspondentes à produção dos livros ocorrem também *online*, independentemente de o produto final vir a ser impresso ou eletrónico. Contudo, o livro eletrónico também permitiu uma «transformação dos hábitos de leitura, dos letramentos, das mídias e, consequentemente do consumo»^[130] dos seus utilizadores. Segundo Pozza (2015: 62), «o livro em formato digital não é manuseado pelo leitor como o livro manuscrito e impresso, pois o fluxo sequencial, a continuidade e as fronteiras mudaram, pois não são mais visíveis»^[131]. Por fim, tendo em consideração que no livro impresso encontramos características como textualidade, linearidade, abstração, raciocínio dedutivo, monomedialidade, e contexto fechado, ao contrário do livro eletrónico onde encontramos multimedialidade, hipertextualidade, hipermédia, multilinearidade, imersão, raciocínio analógico e contexto aberto (cf. Furtado, 2000: 47), é essencial apontar as vantagens e desvantagens do livro eletrónico em relação ao livro impresso.

Quanto às vantagens, é importante separar as do editor do autor (cf. Coutinho, 2014: 38-47). Nesta medida, quanto ao editor, as vantagens são: poupança de custos de edição, produção e distribuição dos livros; eliminação dos custos com excesso de *stock* de livros; e facilidade em editar os livros para futuras correções de erros, acrescentar informações ou lançar novas edições. Quanto ao leitor: maior comodidade, pois o leitor não precisa de sair de casa para comprar os livros, podendo

^[130] Pozza, C. D., cit. 115, p. 58.

^[131] Pozza, C. D., cit. 115, p. 62.

ser adquiridos em livrarias *online* ou descarregados (por vezes, gratuitamente) na internet, em qualquer parte do mundo por qualquer pessoa; poupança de custos, pois, regra geral, são mais baratos do que a versão impressa, podendo em alguns casos ser mesmo gratuitos; permitem grande interatividade; poupança no espaço físico, pois num mesmo aparelho podem ser carregados centenas de livros; podem ser lidos no escuro; maior facilidade na leitura de obras antigas que deixaram de ser editadas; maior portabilidade; podem ser lidos em qualquer lugar. Outras vantagens são: contribuem para o meio-ambiente, evitando o corte de árvores para o fabrico de papel; e preservação das obras.

Quanto às desvantagens, para editor, são: forte investimento inicial, pois é necessário um grande investimento quando se aposta no digital; enquanto para o leitor: os dispositivos utilizados para a leitura dos livros (como computadores, *tablets*, *e-readers* ou *smartphones*) consomem energia; causam problemas oftalmológicos depois de um certo período de leitura, devido ao facto de serem visualizados num ecrã; alteram hábitos de leitura; são comprados por impulso pois, regra geral, são mais acessíveis a todos os níveis; existem poucos exemplares eletrónicos em algumas áreas do saber; possuem pouca diferenciação estética; menos contacto físico das pessoas com os livros impressos; desformatação do texto. Acresce outra desvantagem: podem ser pirateados, pois estão disponíveis na internet.

3.1.3. Acesso Aberto

Desencadeadas pelas invenções e pela revolução digital surgidas na segunda metade do século XX, a internet — «um meio onde as distâncias geográficas perderam o status de barreiras [e onde] todos os tipos de comunicação se viram facilitados»^[132] — e as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) — «que vêm oferecendo novas possibilidades de organização e ampla disseminação das informações» (Amaro, Labbé, Lisowska & Nakano, 2013: 124) —, possibilitaram a transformação e evolução, não só do suporte de apresentação do livro enquanto objeto, mas também da forma como o seu conteúdo é disponibilizado ao público: em Acesso Aberto ou Restrito. Tal como referi *supra*, qualquer que seja o suporte de apresentação do livro — impresso ou eletrónico —, ou o tipo de acesso concedido ao seu conteúdo, a sua função será sempre a mesma, ser um meio de transporte da comunicação e de transmissão de conteúdos e conhecimento.

Neste sentido, poder-se-á falar do conceito de Ciência Aberta e da Política Nacional de Ciência Aberta (2016), cujos objetivos assentam no seguinte enunciado: «O conhecimento é de todos e para

^[132] Amaro, B., Labbé, C., Lisowska, M., & Nakano, S. (2013). Rede Federada de Repositórios Institucionais de Publicações Científicas em Acesso Aberto. LA Referencia: a integração da produção científica regional. In E. Rodrigues, A. Swan, & A. Baptista (eds.). *Uma Década de Acesso Aberto na UMinho e no Mundo*. Braga: Universidade do Minho, Serviços de Documentação, p. 124.

todos» ^[133]. De acordo com a Comissão Europeia, a Ciência Aberta «trata a forma como a investigação é realizada, divulgada, implementada e transformada através de ferramentas digitais, redes e meios de comunicação [baseando-se] em efeitos que combinam o desenvolvimento tecnológico e a mudança cultural para a colaboração e abertura da investigação» ^[134]. Enquanto projeto colaborativo feito para a comunidade e com a comunidade, que permitiu democratizar o acesso ao conhecimento científico e fomentar o desenvolvimento, o conceito de Ciência Aberta estabelece-se como uma nova forma de produzir, partilhar e reutilizar o conhecimento — isto é, os resultados de investigação científica, principalmente os decorrentes de financiamento público —, em formato digital e em Acesso Aberto, entre a comunidade científica, a sociedade em geral e as empresas, «possibilitando ampliar o reconhecimento e o impacto social e económico da ciência» ^[135]. No entanto, mais do que a disponibilização de dados e publicações em Acesso Aberto, a Ciência Aberta deve ser entendida como a «abertura do processo científico enquanto um todo, reforçando o conceito de responsabilidade social científica» ^[136], e como a transferência do conhecimento científico para a comunidade e a sociedade. Além disso, o conceito é gerador de «múltiplas oportunidades de inovação» (*website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (3)), viabilizando o desenvolvimento de novos produtos, serviços, negócios e empresas.

Apoiado em princípios fundamentais como «a transparência nas práticas, metodologia, observação e recolha de dados; a disponibilização, acesso público e reutilização dos resultados da investigação (publicações e dados); a transparência na comunicação científica; [e] a utilização de ferramentas baseadas na web para facilitar a colaboração científica» (*website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (2)), o conceito de Ciência Aberta é determinado por quatro pilares principais:

Acesso Aberto [referente aos] resultados científicos com revisão por pares, disponíveis online e sem limitações de acesso; Dados Abertos [relativos a] publicações online de dados de investigação recolhidos durante um projeto de investigação e disponibilizados para acesso e reutilização [sem restrições relacionadas com direitos autorais, patentes ou outros quaisquer mecanismos de controlo ^[137]]; Código Aberto [respeitante ao] software que pode ser acedido online de forma livre com uma licença de código fonte que permite a sua utilização, criação de derivados e distribuição; [e] Investigação Replicável Aberta [, isto é,] ato de praticar a Ciência Aberta para permitir a replicabilidade independente dos resultados de investigação». (*website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (1))

^[133] Disponível em <http://www.ciencia-aberta.pt/>.

^[134] *Website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (1).

^[135] *Website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (2).

^[136] *Website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (3).

^[137] *Website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (3).

Tendo em consideração o que foi dito anteriormente, as principais vantagens da Ciência Aberta ^[138] são: o aumento da eficiência na investigação, acelerando a criação de novos temas de investigação; a promoção do rigor académico e o aumento da qualidade e reprodutibilidade da investigação; o aumento do conhecimento do processo do trabalho científico; a valorização e proteção da propriedade intelectual; o aumento do impacto económico e social da ciência; a promoção do envolvimento da sociedade na ciência e na investigação, a cultura e a literacia científicas; e a promoção do retorno científico para as instituições. Importa ainda referir que a Ciência Aberta traz vantagens específicas para cada um dos seus intervenientes:

as instituições: cumprem as exigências das entidades financiadoras, aumentam a visibilidade e o impacto, reduzem a duplicação de esforços e promovem a replicabilidade/reproducibilidade (benefício económico); as entidades financiadoras: maior retorno do investimento, acelera a troca de ideias, acelera a inovação; [e] o público: transparência na investigação, acesso a investigação com grande impacto na sociedade, maior consciência para os desafios sociais. (*website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (1 e 3))

Desta forma, como se define o conceito de Acesso Aberto e como chegamos até ele?

A disseminação, circulação e partilha do conhecimento científico e académico, como a comunicação dos resultados de investigações, sempre se fez através da publicação de artigos em revistas científicas. Este meio de divulgação do conhecimento, para além de permitir uma «ampla circulação do periódico» ^[139], também atribuíra reconhecimento ao seu autor pelo trabalho realizado, «muitas vezes traduzido no número de citações ao seu trabalho publicado, [o que produzia uma enorme] satisfação pessoal [e gerava] facilidades para a obtenção de recursos para a realização de novas pesquisas» (Amaro, Labbé, Lisowska & Nakano, 2013: 124). No entanto, a função das revistas científicas, de divulgação de resultados de investigação para promover a disseminação do conhecimento e o avanço da ciência, «foi obscurecida pelos objetivos comerciais das editoras (que no mesmo período viveram um processo de fusões e aquisições, que criou um mercado com contornos monopolistas)» ^[140], pois passaram a cobrar preços exorbitantes pela subscrição das suas revistas.

Aliado ao «crescimento acentuado do volume da literatura científica [, à] “comercialização” do sistema de comunicação da ciência e [à] perda do seu controlo por parte do mundo académico e científico» (Rodrigues, 2015: 210), o número de revistas subscritas pelas bibliotecas das Universidades e por outras instituições científicas diminuiu, assim como houve «uma perda de eficiência do

^[138] Cf. *website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (1 e 3).

^[139] Amaro, B., Labbé, C., Lisowska, M., & Nakano, S., cit. 132, p. 124.

^[140] Rodrigues, E. (2015). O Acesso Aberto e o futuro da investigação e comunicação científica. In J. Bernardes, A. Miguéis, & C. Ferreira (coords.). *A Biblioteca da Universidade: permanência e metamorfoses*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 210.

sistema de comunicação científica e um crescimento das limitações já existentes ao acesso à documentação publicada nas revistas científicas» ^[141].

Daqui resultou a chamada “crise dos periódicos”, resultante do «aumento brutal do custo das assinaturas de revistas e consequentes cancelamentos de assinaturas por muitas bibliotecas» ^[142], e das «graves consequências que as limitações ao acesso à literatura produziam ao próprio sistema científico» (Rodrigues, 2015: 210). Coincidente com este período, a «generalização da utilização da Internet e da Web [e das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)] acompanhada por uma maior compreensão das suas potencialidades e aplicações na publicação científica» ^[143], impulsionou «o desenvolvimento de softwares para a criação e gerenciamento de revistas eletrônicas, softwares para a criação de repositórios digitais e bibliotecas digitais [...]» ^[144]. Segundo Rodrigues (2015: 211), a conjugação destes dois acontecimentos resultou numa série de iniciativas, manifestações e declarações em várias partes do mundo, incluindo Budapeste, dando origem ao atual Movimento de Acesso Aberto ao conhecimento.

A Declaração de Budapeste (2002), que teve como objetivo produzir uma declaração de princípios, afirmar um compromisso e promover uma estratégia de forma a melhorar o acesso a publicações resultantes de investigações financiadas publicamente, foi o primeiro documento a estabelecer e a definir o conceito de Acesso Aberto, e a apontar as duas vias para a sua concretização (as revistas e os repositórios de Acesso Aberto).

Tal como definido na dita declaração, o conceito de Acesso Aberto assenta na disponibilização, livre, gratuita e sem restrições de acesso, na Internet de «literatura de carácter académico ou científico (em particular os artigos de revistas científicas com revisão pelos pares, mas também outros tipos de publicações e documentos que os investigadores produzem sem qualquer intenção de pagamento), permitindo a qualquer utilizador ler, descarregar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou referenciar o texto integral dos documentos» ^[145]. A este, opõe-se o conceito de Acesso Restrito, um «método que consiste em conservar o leitor afastado dos fundos bibliográficos» ^[146].

Para se atingir o Acesso Aberto existem duas vias complementares: a publicação em revistas de Acesso Aberto (ou via dourada) e o auto-arquivo (ou depósito) em repositórios de Acesso Aberto (ou via verde). As revistas de Acesso Aberto não utilizam «os direitos de autor (ou copyright) para restringir o acesso e o uso do material que publicam, não cobram assinatura nem taxas de acesso (à versão online) e recorrem a outras fontes (subsídios das instituições que as publicam, taxas de publicação ou Article Processing Charges – APC, pagamento da versão impressa, etc.) para cobrir as suas

^[141] Website SIGARRA U.Porto.

^[142] Rodrigues, E., cit. 140, p. 210.

^[143] Rodrigues, E., cit. 140, p. 210.

^[144] Amaro, B., Labbé, C., Lisowska, M., & Nakano, S., cit. 132, p. 124.

^[145] Website Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (1).

^[146] Faria, M. I., Pericão, M., cit. 39, p. 31.

despesas» ^[147]. O auto-arquivo é o depósito pelos autores (ou seus representantes) «dos artigos publicados nas revistas científicas (independentemente do seu modelo de publicação) em repositórios disciplinares ou institucionais» (Rodrigues, 2015: 211).

De facto, de acordo com Rodrigues (2015: 211), foi a partir da Declaração de Budapeste, que começaram a proliferar os repositórios institucionais nas Universidades e noutros centros de investigação. Tendo sido os que melhor concretizaram o objetivo do Acesso Aberto, os repositórios institucionais não servem apenas para «armazenar e tornar acessível a literatura publicada em revistas científicas, mas igualmente os outros tipos de documentos produzidos no quadro das atividades de investigação e ensino (*working papers*, relatórios técnicos, comunicações a conferências, teses e dissertações, etc.)» ^[148], servem também para promover as instituições que os criam, «aumentando a visibilidade, acesso e impacto dos resultados das suas atividades de investigação e ensino» ^[149].

Após a Declaração de Budapeste, seguiram-se outras declarações semelhantes, como a de Bethesda e de Berlim. A Declaração de Bethesda (2003), tal como a de Budapeste, assenta no princípio do «acesso total e livre de constrangimentos e condições ao conhecimento científico» (*website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (1)), no entanto, propõe que «os autores e os detentores dos direitos de autor disponibilizem de forma livre e gratuita a sua produção científica e que a depositem na íntegra e imediatamente à sua publicação em, pelo menos, um repositório institucional» ^[150]. Já a Declaração de Berlim (2004), alarga «o âmbito do livre acesso ao conhecimento, clarificando-o, já que se refere, explicitamente, ao “Conhecimento nas Áreas das Ciências e das Humanidades”» (*website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (1)), e recomenda «o uso consistente da Internet para divulgação e publicação dos resultados da investigação científica, encorajando os investigadores a publicarem os seus outputs científicos em repositórios científicos e em revistas de acesso aberto» ^[151].

De acordo com Rodrigues (2015: 212), o progresso que o Movimento de Acesso Aberto ao conhecimento conheceu em Portugal e no resto do Mundo é perceptível pela avaliação de diversos indicadores como «a evolução do número de repositórios e revistas de acesso aberto, do número e natureza das políticas de acesso aberto de instituições que realizam ou financiam investigação, ou do volume de publicações científicas e académicas disponíveis em acesso aberto e da percentagem que representam no universo da produção científica à escala global» ^[152].

Deste modo, Portugal foi um dos primeiros países a acompanhar o Movimento de Acesso Aberto e a fomentar atividades neste sentido. A Universidade do Minho, com a criação do seu

^[147] Rodrigues, E., cit. 140, p. 211.

^[148] Rodrigues, E., cit. 140, p. 211.

^[149] Rodrigues, E., cit. 140, p. 211.

^[150] *Website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (1).

^[151] *Website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (1).

^[152] Rodrigues, E., cit. 140, p. 212.

repositório institucional — *RepositóriUm* (2003) — e «a definição de uma pioneira política institucional de Acesso Aberto» ^[153], protagonizou uma das primeiras iniciativas de Acesso Aberto no país, entre outras iniciativas como a criação da *B-On – Biblioteca do Conhecimento Online* (2004) ou do *SciELO Portugal* (2005). Contudo, o Movimento de Acesso Aberto ganhou outra dimensão em Portugal quando o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) recomendou a criação de repositórios institucionais, apoiando a sua interligação e interoperabilidade através da criação de um portal único de acesso à literatura científica nacional: o projeto *RCAAP – Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal* (2008).

Assinalando o início de uma nova fase na evolução do Acesso Aberto em Portugal, o projeto *RCAAP* partiu da iniciativa da Agência para a Sociedade do Conhecimento (UMIC), em conjunto com Fundação para a Computação Científica Nacional (FCCN) e a Universidade do Minho, com o objetivo de «desenvolver um projeto de criação de um meta-repositório nacional e de um serviço de alojamento de novos repositórios» (Carvalho, Moreira & Saraiva, 2013: 154). Na sua conceção foram considerados três objetivos principais: «aumentar a visibilidade, acessibilidade e difusão dos resultados da atividade académica e de investigação científica portuguesa [...]; facilitar o acesso à informação sobre a produção científica nacional [...]; [e] integrar Portugal num conjunto de iniciativas internacionais» ^[154].

Reunindo um conjunto de serviços integrados e complementares, como o Portal *RCAAP*, o *SARI*, o *SARC*, *SARDC*, o *Repositório Comum*, o validador de repositórios e o serviço de apoio ao utilizador (*Helpdesk*), entre outros, o projeto *RCAAP*, enquanto meta-repositório comum a várias instituições de ensino e investigação produtoras de literatura científica, democratizou «a disponibilização de conteúdos em regime de Acesso Aberto» ^[155], pois, muitas vezes, a dimensão da literatura destas instituições «ainda não justificava a criação de um repositório próprio» (Carvalho, Moreira & Saraiva, 2013: 156). A partir de 2009, «a evolução do movimento de Acesso Aberto em Portugal tem sido em grande medida pautada pelo aparecimento e desenvolvimento do projeto *RCAAP* [...]» ^[156]. Interligada ao projeto *RCAAP*, e talvez a maior evidência do seu reconhecimento nacional, está a criação da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), que o *RCAAP* adotou «como instrumento de suporte, quer ao nível legislativo, quer ao nível de suporte da política/mandato de Acesso Aberto da maior agência financiadora do país – a FCT» (Carvalho, Moreira & Saraiva, 2013: 171).

O Movimento de Acesso Aberto também conheceu importantes desenvolvimentos na implementação de políticas de Acesso Aberto, seja por parte das instituições de investigação, seja por parte

^[153] Carvalho, J., Moreira, J., & Saraiva, R. (2013). O *RCAAP* e a evolução do Acesso Aberto em Portugal. In E. Rodrigues, A. Swan, & A. Baptista (eds.). *Uma Década de Acesso Aberto na UMinho e no Mundo*. Braga: Universidade do Minho, Serviços de Documentação, p. 152.

^[154] Carvalho, J., Moreira, J., & Saraiva, R., cit. 153, p. 154.

^[155] Carvalho, J., Moreira, J., & Saraiva, R., cit. 153, p. 156.

^[156] Carvalho, J., Moreira, J., & Saraiva, R., cit. 153, p. 154.

das organizações financiadoras, públicas ou privadas, da investigação científica. As primeiras políticas de Acesso Aberto surgiram em instituições de investigação como a Universidade do Minho (2004), logo após a Declaração de Budapeste. Todavia, só a partir do ano de 2006, é que essas políticas se começaram a multiplicar nas instituições de investigação e nas organizações financiadoras da Europa e de Portugal.

Na Europa, a Comissão Europeia desenvolveu um conjunto de iniciativas com vista à implementação e suporte ao Acesso Aberto para o crescimento da investigação no espaço europeu, entre elas, a criação de um programa-quadro de investigação e inovação: Horizonte 2020 (2014). Este programa-quadro estabelece que todos os investigadores, cujo trabalho tenha sido financiado pelo Horizonte 2020, devem «depositar uma cópia de todas as publicações científicas, com revisão por pares que sejam respeitantes aos resultados do projeto, num repositório e assegurar o acesso aberto logo que possível [, de forma gratuita] e no limite até seis ou doze (para as ciências sociais e humanidades) meses após a publicação» ^[157], de forma a viabilizar a sua utilização e reutilização por parte da comunidade académica. No âmbito do programa-quadro Horizonte 2020, as vias para se alcançar o Acesso Aberto são: as revistas de Acesso Aberto (ou via dourada) e o auto-arquivo em repositórios (ou via verde). A Comissão Europeia declara que «tanto a “via verde” (repositórios) como a “via dourada” (revistas) são opções válidas para o acesso aberto, estabelecendo em qualquer caso o depósito de uma cópia dos artigos num repositório de acesso aberto como o requisito base da política» (Rodrigues, 2015: 217) Horizonte 2020. Sendo assim, no Horizonte 2020, «o acesso aberto não é um requisito para publicar [nem] afeta a decisão de explorar comercialmente os resultados de investigação, por exemplo através de patentes» ^[158].

Porém, esta orientação europeia também foi adotada em Portugal, com a criação, em 2014, da política de Acesso Aberto da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). A política de Acesso Aberto da FCT aplica-se a artigos em revistas científicas, atas de conferências, *posters*, livros e capítulos de livros, monografias, e teses de mestrado e de doutoramento, sempre que estes documentos tiverem sido resultado de projetos de I&D (Investigação e Desenvolvimento), bolsas ou contratos de emprego científico. Neste sentido, a política de Acesso Aberto da FCT «recomenda a disponibilização em acesso aberto de publicações sujeitas a revisão por pares e de dados resultantes da investigação científica financiada pela FCT; [e] obriga ao depósito das publicações de resultados científicos sujeitas a revisão por pares num repositório integrante do RCAAP logo que possível, de preferência por altura da aceitação da publicação» ^[159], apesar de prever «um período de embargo, após o qual as publicações devem ser disponibilizadas em acesso aberto» (*website* Ministério da Ciência,

^[157] Rodrigues, E., cit. 140, p. 218.

^[158] *Website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (4).

^[159] *Website* Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (5).

Tecnologia e Ensino Superior (5)). No âmbito desta política, as vias para se alcançar o Acesso Aberto são: o acesso imediato — «para publicações em revistas de Acesso Aberto ou em revistas de assinatura que não exijam períodos de embargo» ^[160] e o acesso diferido — «para publicações em revistas de assinatura que exijam períodos de embargo» ^[161].

Segundo Rodrigues (2015: 219), «o crescimento do número de repositórios, de revistas e de políticas de acesso aberto, tem sido acompanhado também pelo aumento significativo da percentagem da produção científica a nível mundial que está disponível em acesso aberto» ^[162]. Nesse sentido, o Acesso Aberto é inevitável, tendo-se tornado «o modo dominante na comunicação científica» (Rodrigues, 2015: 219). Aliado a isto, o número de repositórios institucionais ligados às Universidades tem vindo a crescer, pois exercem um «importante papel na disseminação da produção científica das instituições de ensino e pesquisa ampliando a visibilidade tanto do autor quanto da instituição» ^[163].

Igualmente importante, será referir que as próprias editoras universitárias aderiram ao Movimento de Acesso Aberto e às políticas de Acesso Aberto das Universidades onde se integram. Tendo como principal objetivo «promover a difusão da produção científica» ^[164] das suas Universidades, caracterizam-se por «abranger todas as áreas do conhecimento, publicando textos de qualidade, avaliados por pares e de autoria de pesquisadores com filiações institucionais diversas» (Rosa, Shintaku, Meirelles, Barros & Hoffmann, 2013: 153). O uso de processos editoriais digitais, como o livro eletrónico, e a disseminação da produção científica e académica nos repositórios institucionais das suas Universidades, aumentou a «visibilidade, acessibilidade, uso e impacto dos livros» ^[165]. No entanto, apesar de também terem como objetivo a comercialização dos seus títulos, as editoras universitárias «são parte de instituições sem fins lucrativos e como a maioria dos títulos são oriundos de pesquisas financiadas com recursos públicos, o interesse volta-se para a divulgação da produção científica da instituição, sua circulação e impacto, estando dessa forma em pleno acordo com os princípios do movimento do acesso aberto» (Rosa, Shintaku, Meirelles, Barros & Hoffmann, 2013: 153).

^[160] Website Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (6).

^[161] Website Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (6).

^[162] Rodrigues, E., cit. 140, p. 219.

^[163] Rosa, F., Shintaku, M., Meirelles, R., Barros, S., & Hoffmann, C. (2013). A presença das editoras universitárias nos acervos dos repositórios institucionais. In *CID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, 4 (2), 2013, p. 152.

^[164] Rosa, F., Shintaku, M., Meirelles, R., Barros, S., & Hoffmann, C., cit. 163, p. 153.

^[165] Rosa, F., Shintaku, M., Meirelles, R., Barros, S., & Hoffmann, C., cit. 163, p. 153.

3.2. Imprensa universitária: o caso da Imprensa da Universidade de Coimbra

Tal como referi *supra*, o livro é uma «ferramenta de alfabetização e de acesso ao conhecimento» ^[166] e, apesar de o livro manuscrito ter servido esse mesmo propósito, só a invenção da imprensa, através do livro impresso, permitiu transformar e revolucionar «todo o processo de armazenamento, disseminação e recuperação da informação» (Rosa, Barros & Meirelles, 2015: 3).

Deste modo, com o objetivo de transmitir e preservar o saber, e a produção académica e científica da Universidade, criou-se a imprensa universitária ^[167] que se desenvolveu «com o propósito de disponibilizar à comunidade académica e ao público em geral suportes duradouros de conhecimentos gerados ou transmitidos na Universidade» (Pereira, 2014: 32). Inicialmente, segundo Pereira (2014: 32), a imprensa universitária não tinha «sido pensada como uma oportunidade de negócio, mas antes como instrumento de suprir uma falha do mercado» ^[168], pois a falta de procura por livros académicos e revistas científicas não justificava «uma oferta espontânea em condições de mercado» ^[169]. No entanto, para garantir «a existência de recursos necessários para que a produção científica da instituição pudesse realizar-se ainda que os seus custos fossem superiores aos seus proventos» (Pereira, 2014: 33), a imprensa universitária apenas publicava e distribuía as obras universitárias comercialmente interessantes, enquanto aquelas «cientificamente valiosas mas com reduzido interesse comercial» ^[170] eram só publicitadas por esta.

Porém, tendo em conta os desafios colocados pela internet e pelas novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), a imprensa universitária tem procurado adaptar-se ao mundo digital, de forma a melhorar o seu desempenho e posicionamento no mercado, desenvolvendo novos modelos de livros como o livro eletrónico (*e-book*) — «edição em formato digital do texto de um livro» (Pereira, 2014: 32). De acordo com Pereira (2014: 32), uma obra é escrita e convertida em livro eletrónico, «disponibilizando-se seguidamente ao público em termos de acesso reservado ou de acesso livre» ^[171]. Logo, desaparece o elemento de compra do livro em formato impresso e, ainda que o livro eletrónico possa estar sujeito a pagamento, «o acesso à obra passa ser feito por meio de transferência electrónica, temporária ou permanente, do ficheiro que contém a obra» ^[172].

Atualmente, de acordo com Pereira (2014: 33), a internet e a utilização das TIC são os meios privilegiados pela imprensa universitária para disponibilizar os seus livros eletrónicos *online*, seja em Acesso Restrito ou em Acesso Aberto. Isto é, a imprensa universitária utiliza as plataformas de

^[166] Pereira, A. L. D., cit. 116, p. 31.

^[167] Cf. Pereira, A. L. D., cit. 116, p. 32; e Rosa, F, Barros, S., & Meirelles, R., cit. 111, p. 1 e 3.

^[168] Pereira, A. L. D., cit. 116, p. 32.

^[169] Pereira, A. L. D., cit. 116, p. 32.

^[170] Pereira, A. L. D., cit. 116, p. 32.

^[171] Pereira, A. L. D., cit. 116, p. 32.

^[172] Pereira, A. L. D., cit. 116, p. 32.

edição digital ou os repositórios institucionais de Acesso Aberto (como os pertencentes às Universidades onde se incorporam), para comercializarem as suas obras, no primeiro caso, ou para transmitirem livremente (i.e., em Acesso Aberto) a literatura de carácter académico ou científico (principalmente aquela produzida, no todo ou em parte, com fundos públicos, como o Horizonte 2020 ou a FCT) das Universidades onde se integram, permitindo divulgar não só os seus livros e o conhecimento gerado e transmitido nas instituições de ensino superior, como também dando-lhes visibilidade e às Universidades onde se integram.

Para dar um exemplo, a Universidade de Coimbra também tem um repositório digital dedicado à produção científica da instituição de ensino superior, denominado *Estudo Geral* (2008). Parte integrante do projeto *RCAAP*, mencionado anteriormente, a criação deste repositório insere-se no Movimento de Acesso Aberto à literatura científica, e tem como objetivo «preservar, divulgar e dar acesso [livre] à produção científica da UC, aumentando a sua visibilidade e a dos seus investigadores»^[173]. Tal como outras Universidades que aderiram aos repositórios institucionais, a Universidade de Coimbra definiu uma Política de Acesso Livre de depósito das suas publicações científicas e académicas (como artigos em revistas, atas e outras publicações sujeitas à revisão por pares, bem como livros, dissertações de mestrado ou de doutoramento, documentos académicos, entre outros). Neste documento refere-se, entre outros assuntos, que o Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra (SIBUC), o qual gere o repositório *Estudo Geral*, deve «colaborar com a Imprensa da Universidade de Coimbra e com as Direcções das Publicações Periódicas editadas na UC com vista à inclusão no “Estudo Geral” dos conteúdos apropriados»^[174].

A Imprensa da Universidade de Coimbra sempre apostou na criação e disponibilização de conteúdos digitais e, por isso, os seus livros, para além da versão impressa, também são publicados em formato eletrónico. Nesta perspetiva, a Imprensa da Universidade de Coimbra, enquanto editora universitária, para além de se integrar no repositório digital da Universidade como referido, edita e promove publicações geradas e transmitidas na Universidade de Coimbra, assim como publica aquelas que se insiram nos seus objetivos editoriais e sejam de âmbito cultural, artístico, científico e pedagógico-didático. No entanto, como referido no ponto 3.1.1. deste relatório, todas as obras estão protegidas pelo *Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos*, no qual se inclui também a proteção dos respetivos autores. E, portanto, só os autores, a partir da celebração de um contrato de edição com a editora, podem autorizar a edição, disponibilização, divulgação e comercialização da sua obra junto dos leitores.

À exceção de raros casos, o autor (ou autores), regra geral, autoriza(m), através da celebração de um contrato de edição, a Imprensa da Universidade de Coimbra a editar a sua obra (ou obras) em

^[173] Website Universidade de Coimbra (9).

^[174] Website Universidade de Coimbra (10).

dois formatos — impresso e digital —, a divulgá-la e a comercializá-la pelos meios que a editora julgue mais adequados, como a sua livraria *online* ou através de plataformas de venda e divulgação de conteúdos digitais — como a *Amazon* (através de impressões feitas segundo o sistema de *print on demand*), o *Google Play* (em formato digital) ou a *UC Digitalis* (plataforma *online* de indexação e disponibilização de livros e revistas científicas, geralmente em Acesso Aberto, constituída por três plataformas: *Alma Mater*, *UC Pombalina* e *UC Impactum*) —, e a disponibilizá-la em Acesso Aberto (acompanhada de uma Licença *Creative Commons CC-BY*). As obras publicadas em Acesso Aberto utilizam licenças criadas pelo *Creative Commons*, «que determinam as condições de utilização de uma obra» ^[175]. Uma licença do tipo *CC-BY* «permite aos utilizadores a maior liberdade de reutilização de conteúdos: desde que o autor seja reconhecido, não há qualquer limite à cópia e à reutilização para criação de trabalhos derivados ou para usos comerciais» (Fonseca, 2017: 24). Além disso, importa referir que algumas das obras publicadas pela IUC em Acesso Aberto são financiadas, total ou parcialmente, por exemplo, pela FCT.

3.3. Séries e coleções da Imprensa da Universidade de Coimbra

De acordo com o Regulamento da Imprensa da Universidade de Coimbra (cf. Anexo II), a editora tem como missão não só «contribuir para a definição da política editorial da Universidade [...] [, como também] programar, coordenar e orientar a publicação de obras de interesse cultural, científico e pedagógico» (cf. Anexo I e II). Nesse sentido, é política editorial da IUC editar obras que se insiram nos seus objetivos editoriais e que representem uma mais valia de carácter didático e/ou científico, no âmbito cultural, artístico, científico, pedagógico-didático, e de documentos e história da Universidade de Coimbra (cf. ponto 1.2.). Todavia, a editora dá prioridade às obras de índole pedagógico-didática, como os manuais voltados para o ensino universitário.

Nesta perspetiva, respeitando a sua missão e política editorial, as obras da Imprensa da Universidade de Coimbra são publicadas, regra geral, em dois formatos — impresso e digital (nalguns casos, as obras são publicadas apenas em suporte impresso ou digital) —, e disponibilizadas em Acesso Aberto (à exceção de alguns casos em que se apresentam em Acesso Restrito). Tendo isto em consideração, para que as obras sejam publicadas e disponibilizadas pela editora nestes formatos e tipo de acesso, é necessário o autor enviar a sua proposta para ser avaliada, e caso seja aceite pelo Conselho Editorial, é marcada uma reunião com o autor para que seja estabelecida a série ou coleção em que a obra será integrada.

^[175] Fonseca, I. (2017). *Acesso Aberto: modelos, políticas e custos de acesso*, p. 23.

Desta forma, no que respeita às séries e coleções, as publicações da Imprensa — seja em que formato ou tipo de acesso for — estão organizadas em «séries de âmbito alargado e com designação adequada [as quais terão elementos distintivos] e em coleções» ^[176]. A organização do catálogo da editora em séries e coleções tem como objetivo representar as diversas áreas científicas da Universidade de Coimbra e construir um catálogo equilibrado nesse sentido. No entanto, a criação de novas séries e coleções só acontece quando, após apresentação fundamentada da proposta de abertura, e existindo um número suficiente de obras para a sua abertura, o Conselho Editorial aceita que seja criada nova série ou coleção numa determinada área do saber.

Tendo em conta o que foi dito *supra*, é então necessário entender o que são e qual o papel das séries e coleções, assim como compreender como se estrutura e organiza o catálogo da Imprensa conimbricense.

Em primeiro lugar, os conceitos de série e coleção serão descritos tendo em consideração dois tipos de publicação: publicação monográfica e publicação em série (este último, engloba o conceito de série monográfica).

Uma publicação em série, segundo o Código de Redação Interinstitucional ^[177], é uma obra colocada à disposição do público, sob qualquer forma de suporte — impresso ou digital —, cujas edições sucessivas ou em partes distintas, não estão limitadas no tempo e geralmente são numeradas, como as revistas, os jornais, as publicações anuais, as memórias, as atas de sociedades, ou as séries monográficas. A estas, para além do ISBN (impresso e digital), é atribuído o ISSN (*International Standard Serial Number*) ^[178], isto é, um «código numérico [, constituído por dois grupos de quatro dígitos separados por um hífen], que constitui um identificador unívoco para cada título da publicação em série» ^[179]. Nesta aceção, uma série monográfica é um conjunto, numerado ou não, de obras relacionadas entre si pelo tema, que são publicadas umas a seguir às outras, regra geral, pela mesma editora, «num estilo mais ou menos com a mesma forma e apresentam um título comum, que se aplica ao conjunto como a um todo e com duração, à partida, não delimitada; o título colectivo da série aparece impresso em geral no alto da folha de rosto, da guarda inicial ou da capa do livro» ^[180].

Uma série é, geralmente, caracterizada por uma «sucessão de coisas que se continuam ou que vêm umas após outras» ^[181], isto é, uma sequência. Numa editora, como a Imprensa da Universidade de Coimbra, uma série é um conjunto ilimitado de livros, constituído por várias obras distintas umas das outras (cada uma dessas obras tem um autor e título próprio), que por tratarem diversos aspetos de um mesmo tema/assunto, se relacionam com um grupo e são publicadas sob um título comum

^[176] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (13).

^[177] Website Europa – Código de Redação Interinstitucional.

^[178] Website Biblioteca Nacional de Portugal (2).

^[179] Website Biblioteca Nacional de Portugal (2).

^[180] Faria, M. I., Pericão, M., cit. 39, p. 1124.

^[181] Website Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2).

(Faria & Pericão, 2008; Medeiros, 2002). Além disso, uma série pode ser dividida em subséries, numerada ou não, assim como ser ativa (ainda se publicam obras) ou passiva (já não se publicam obras). Para melhor se compreender o que é uma série num cenário editorial, observe-se:

Nome da série (i.e., título comum que engloba um conjunto de obras distintas que tratam diversos aspetos de um mesmo tema/assunto) = Obra 1 (autor e título próprio) + Obra 2 (autor e título próprio) + Obra 3 (autor e título próprio) + ...

Pelo contrário, uma publicação monográfica é, segundo o Código de Redação Interinstitucional ^[182], uma obra não periódica, «completa e constituída por uma só parte ou destinada a ser completada num número limitado de volumes separados [em simultâneo ou não], e colocadas à disposição do público sob qualquer suporte» ^[183] — impresso ou eletrónico. A estas é atribuído o ISBN (impresso e digital), como visto anteriormente no ponto 2.1.2.

Uma coleção é, geralmente, caracterizada por uma «reunião de objectos da mesma natureza» ^[184], isto é, uma compilação. Numa editora, como a Imprensa da Universidade de Coimbra, uma coleção é um conjunto limitado de livros, constituído por várias obras distintas umas das outras (cada uma dessas obras tem um autor [expresso ou não] e título próprio), que por tratarem do mesmo tema/assunto, se relacionam entre si e são publicadas sob um título geral indicativo do tema/assunto (Faria & Pericão, 2008; Medeiros, 2002). Além do mais, uma coleção pode ter um ou mais responsáveis, assim como ser ou não numerada, e dividida ou não em subcoleções, com numeração própria ou apenas com aquela da coleção onde se inserem. Uma coleção, geralmente, obedece «a regras editoriais que regem o formato, a capa, as ilustrações, o número de pesquisas, a impressão de um conjunto de textos sobre temas considerados homogéneos pelo editor» ^[185]. Importa referir ainda que uma coleção pode ser aberta (cujo número de obras não foi fixado à partida) ou fechada (cujo número de obras foi fixado à partida), assim como estar em livre acesso (o público-leitor pode consultar livremente) ou em acesso restrito (o público-leitor só pode consultar em condições especiais, devido à raridade, fragilidade e importância das suas obras). Para melhor se compreender o que é uma coleção em cenário editorial, observe-se:

Nome da coleção (i.e., título geral que engloba um conjunto de obras distintas que se relacionam entre si por tratarem do mesmo tema/assunto) = Obra 1 (autor e título próprio) + Obra 2 (autor e título próprio) + Obra 3 (autor e título próprio) + ...

^[182] Website Europa – Código de Redação Interinstitucional.

^[183] Website Europa – Código de Redação Interinstitucional.

^[184] Website Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (3).

^[185] Faria, M. I., Pericão, M., cit. 39, p. 1124.

Deste modo, atendendo aos conceitos descritos *supra* e às 841 obras publicadas entre 1999 e 18 de maio de 2018 pela editora (como referido no ponto 1.2.), pode observar-se que o catálogo ^[186] da Imprensa da Universidade de Coimbra se divide, para além das Revistas Científicas e das Revistas Institucionais, em cinco séries e 23 coleções:

As coleções *Arquitetura* (**Figura 19**) e *Camoniana* (**Figura 20**) são compostas por três e dois títulos, respetivamente, subordinados à área temática das Artes e Humanidades (área temática adotada na *UC Digitalis*): todos os títulos estão disponíveis para venda em formato impresso e para serem descarregados da plataforma em formato eletrónico, à exceção de dois títulos da primeira coleção que só estão em formato eletrónico; e todos estão em Acesso Restrito na *UC Digitalis* (apenas os utilizadores membros da comunidade da Universidade de Coimbra ou aqueles com acesso à rede da Universidade terão acesso).

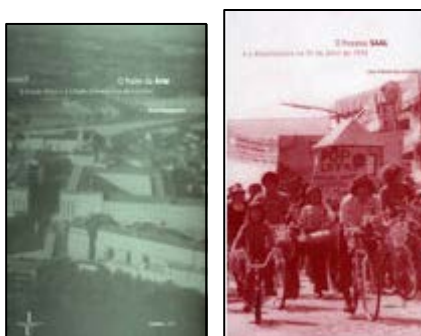


Figura 19 – Capas de dois títulos da coleção *Arquitetura* ^[187]



Figura 20 – Capas de dois títulos da coleção *Camoniana* ^[188]

As coleções *Ciências da Saúde* (**Figura 21**) e *Ciências e Culturas* (**Figura 22**) são constituídas por 16 e 22 títulos, respetivamente, subordinados às áreas temáticas das Ciências da Saúde (na primeira coleção), e Ciências Sociais, Ciências Naturais e Ciências Exatas (na segunda coleção): à exceção de dois títulos (um em formato impresso e outro em formato DVD) da primeira coleção, todos

^[186] Cf. *Website* Imprensa da Universidade de Coimbra (7).

^[187] *Website* Imprensa da Universidade de Coimbra (14).

^[188] *Website* Imprensa da Universidade de Coimbra (15).

os títulos estão disponíveis para venda em formato impresso e para serem descarregadas da plataforma em formato eletrónico; e todos estão em Acesso Restrito na *UC Digitalis*.



Figura 21 – Capas de dois títulos da coleção *Ciências da Saúde* ^[189]



Figura 22 – Capas de dois títulos da coleção *Ciências e Culturas* ^[190]

A série *Classica Digitalia* (**Figura 23**) é composta por 257 títulos subordinados a áreas temáticas como as Artes e Humanidades ou as Ciências Sociais: todos os títulos (à exceção de alguns que estão apenas em formato eletrónico) estão disponíveis para venda em formato impresso, enquanto em formato eletrónico estão disponíveis para serem descarregados da plataforma; e todos estão em Acesso Aberto na *UC Digitalis* (todos os utilizadores, incluindo aqueles que não fazem parte da comunidade da Universidade de Coimbra têm acesso às obras). No entanto, é preciso ter em conta que a série *Classica Digitalia* se subdivide em 12 séries/coleções (cf. ponto 1.2.): *Textos Gregos*, *Textos Latinos*, *Portugaliae Monumenta Neolatina*, *Classica Instrumenta*, *DIAITA: Scripta & Realia*, *Humanitas Supplementum*, *Ensaaios Breves*, *Ideia*, *Mito e (Re)escrita*, *Ricoeuriana*, *Mundos e Fundos* e *Varia* (pela ordem enumerada).

^[189] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (16).

^[190] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (17).



Figura 23 – Capas de 12 títulos de cada uma das séries/coleções da série *Classica Digitalia* ^[191]

A série *Coimbra Companions* (**Figura 24**) e a coleção *Coimbra Jurídica* (**Figura 25**) são constituídas por um e três títulos, respetivamente, subordinados à área temática das Ciências Sociais: todos os títulos estão disponíveis para venda em formato impresso e para serem descarregados da plataforma em formato eletrónico; no entanto, todos estão em Acesso Restrito na *UC Digitalis* no caso da série e em Acesso Aberto no caso da coleção.

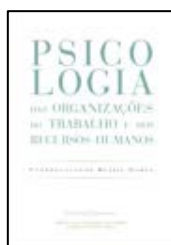


Figura 24 – Capa do título da série *Coimbra Companions* ^[192]

^[191] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (8).

^[192] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (18).



Figura 25 – Capas de dois títulos da coleção *Coimbra Jurídica* ^[193]

As coleções *Descobrir as Ciências* (**Figura 26**) e *Documentos* (**Figura 27**) são compostas por 14 e 102 títulos, respetivamente, subordinados às áreas temáticas das Artes e Humanidades, Ciências Naturais ou Ciências da Saúde (inclusive Ciências Sociais na segunda coleção): à exceção de alguns títulos da primeira coleção que estão apenas em formato impresso e em formato digital no segundo caso, todos os títulos estão disponíveis para venda em formato impresso e para serem descarregados da plataforma em formato eletrónico; e todos estão em Acesso Restrito na *UC Digitalis*.



Figura 26 – Capas de dois títulos da coleção *Descobrir as Ciências* ^[194]



Figura 27 – Capas de dois títulos da coleção *Documentos* ^[195]

A coleção *Dramaturgia* (**Figura 28**) e a série *Empreendedorismo e Gestão* (**Figura 29**) são constituídas por oito e três títulos, respetivamente, subordinados às áreas temáticas das Artes e Humanidades (no caso da coleção), e das Ciências Sociais e Ciências da Engenharia e Tecnologias (no caso da série): todos os títulos estão disponíveis para venda em formato impresso, enquanto em

^[193] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (19).

^[194] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (11).

^[195] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (20).

formato eletrónico estão disponíveis para serem descarregados da plataforma; e todos estão em Acesso Restrito, à exceção de alguns títulos da coleção que estão em Acesso Aberto na *UC Digitalis*.



Figura 28 – Capas de dois títulos da coleção *Dramaturgia*^[196]



Figura 29 – Capas de dois títulos da série *Empreendedorismo e Gestão*^[197]

As coleções *Ensino* (**Figura 30**) e *Estado da Arte* (**Figura 31**) são compostas por 94 e 15 títulos, respetivamente, subordinados às áreas temáticas das Artes e Humanidades, Ciências Sociais, Ciências Exatas, Ciências da Saúde, Ciências Naturais ou Ciências da Engenharia e Tecnologias: à exceção de alguns títulos que apenas estão em formato impresso, todos estão disponíveis para venda em formato impresso e para serem descarregados da plataforma em formato eletrónico; e todos, à exceção de alguns casos, estão em Acesso Restrito na *UC Digitalis* ou em Acesso Aberto.



Figura 30 – Capas de dois títulos da coleção *Ensino*^[198]

^[196] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (21).

^[197] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (22).

^[198] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (23).

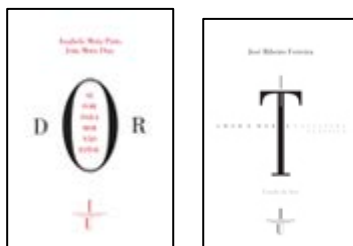


Figura 31 – Capas de dois títulos da coleção *Estado da Arte* ^[199]

A série *Geografias* (**Figura 32**) e a coleção *Estudos – Humanidades* (**Figura 33**) são constituídas por dois e oito títulos, respetivamente, subordinados às áreas temáticas das Ciências Sociais e das Artes e Humanidades (no segundo caso): todos estão disponíveis para venda em formato impresso, enquanto em formato eletrónico estão disponíveis para serem descarregados da plataforma; e todos estão em Acesso Restrito.



Figura 32 – Capas de dois títulos da série *Geografias* ^[200]



Figura 33 – Capas de dois títulos da coleção *Estudos – Humanidades* ^[201]

As coleções *História Contemporânea* (**Figura 34**) e *III: Conferências & Debates Interdisciplinares* (**Figura 35**) são compostas por 17 e dois títulos, respetivamente, subordinados às áreas temáticas das Ciências Sociais ou Artes e Humanidades: todos os títulos estão disponíveis para venda

^[199] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (24).

^[200] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (25).

^[201] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (26).

em formato impresso e para serem descarregados da plataforma em formato eletrónico (à exceção de um título da primeira coleção que está apenas em formato impresso); todos estão em Acesso Restrito, à exceção de um da segunda coleção que está em Acesso Aberto.



Figura 34 – Capas de dois títulos da coleção *História Contemporânea* ^[202]



Figura 35 – Capas de dois títulos da coleção *III: Conferências & Debates Interdisciplinares* ^[203]

As coleções *Investigação* (**Figura 36**) e *IUC/Annablume* (**Figura 37**) são constituídas por 143 e 27 títulos, respetivamente, subordinados às áreas temáticas das Ciências Sociais, Artes e Humanidades, Ciências da Saúde (no primeiro caso) e Ciências da Engenharia e das Tecnologias (na segunda coleção): todos os títulos estão disponíveis para venda em formato impresso e prontos a serem descarregados da plataforma em formato eletrónico (à exceção de um título da segunda coleção que está apenas em formato eletrónico e de dois que estão apenas em formato impresso); e todos estão em Acesso Restrito, à exceção de alguns títulos da segunda coleção que estão em Acesso Aberto.

^[202] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (27).

^[203] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (28).



Figura 36 – Capas de dois títulos da coleção *Investigação* ^[204]



Figura 37 – Capas de dois títulos da coleção *IUC/Annablume* ^[205]

As coleções *Li* (**Figura 38**) e *Lusitana Organa* (**Figura 39**) são compostas por três e um título, respetivamente, subordinados à área temática das Artes e Humanidades: todos os títulos estão disponíveis para venda em formato impresso, enquanto em formato eletrónico podem ser descarregados da plataforma; e todos estão em Acesso Restrito.



Figura 38 – Capas de dois títulos da coleção *Li* ^[206]

^[204] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (29).

^[205] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (30).

^[206] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (31).



Figura 39 – Capa título da coleção *Lusitana Organa* ^[207]

As coleções *Natura Naturata* (**Figura 40**) e *Olhares* (**Figura 41**) são constituídas por sete e 12 títulos, respetivamente, subordinados às áreas temáticas das Ciências Naturais (na primeira coleção), Ciências Sociais e Artes e Humanidades (na segunda coleção): à exceção de um título que está apenas em formato impresso na segunda coleção, todos os títulos estão disponíveis para venda em formato impresso e em formato eletrónico para serem descarregados da plataforma; e todos estão em Acesso Restrito.



Figura 40 – Capas de dois títulos da coleção *Natura Naturata* ^[208]



Figura 41 – Capas de dois títulos da coleção *Olhares* ^[209]

As coleções *Outros Títulos* (**Figura 42**) e *Poesia XXI* (**Figura 43**) são compostas por 111 e três títulos, respetivamente, subordinados às áreas temáticas das Artes e Humanidades, Ciências da

^[207] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (32).

^[208] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (33).

^[209] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (34).

Engenharia e Tecnologias e Ciências Sociais (no primeiro caso): à exceção de alguns da primeira coleção que estão apenas em formato impresso, todos os títulos estão disponíveis para venda em formato impresso, enquanto em formato eletrónico estão disponíveis para serem descarregados da plataforma; e todos estão em Acesso Restrito na *UC Digitalis*, à exceção de alguns casos na primeira coleção que estão em Acesso Aberto.



Figura 42 – Capas de dois títulos da coleção *Outros Títulos*^[210]



Figura 43 – Capas de dois títulos da coleção *Poesia XXI*^[211]

A coleção *República* (**Figura 44**) e a série *Riscos e Catástrofes* (**Figura 45**) são constituídas por sete e quatro títulos, respetivamente, subordinados às áreas temáticas das Ciências Sociais e das Artes e Humanidades (no caso da coleção): todos os títulos estão disponíveis para venda em formato impresso, enquanto em formato eletrónico estão prontos a serem descarregados da plataforma; e todos estão em Acesso Restrito.

^[210] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (35).

^[211] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (36).

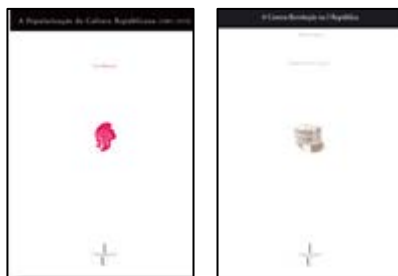


Figura 44 – Capas de dois títulos da coleção *República* ^[212]



Figura 45 – Capas de dois títulos da série *Riscos e Catástrofes* ^[213]

Por fim, a coleção *Theke* (**Figura 46**) é composta por apenas dois títulos subordinados às áreas temáticas das Artes e Humanidades ou Ciências Naturais: ambos estão disponíveis para venda em formato impresso e prontos a serem descarregados da plataforma em formato eletrónico, no entanto, em Acesso Restrito.



Figura 46 – Capas de dois títulos da coleção *Theke* ^[214]

3.4. (Re)organização da série *Classica Digitalia*

Tal como pude constatar anteriormente, todas as publicações da Imprensa da Universidade de Coimbra, salvo raras exceções, são editadas em dois formatos — impresso e eletrónico —, divulgadas e comercializadas ao leitor através da sua livraria *online* e de plataformas de venda e divulgação

^[212] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (37).

^[213] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (38).

^[214] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (39).

de conteúdos digitais — como a *Amazon* (através de impressões feitas sob o sistema de *print on demand*), o *Google Play* (em formato digital) ou a *UC Digitalis* (plataforma *online* de indexação e disponibilização de livros e revistas científicas, constituída por três plataformas: *Alma Mater*, *UC Pombalina* e *UC Impactum*) —, e disponibilizadas em Acesso Aberto (acompanhadas de uma Licença *Creative Commons CC-BY*). Igualmente verificado foi o facto de essas mesmas publicações estarem dispostas em séries e coleções que permitem à editora, por um lado, ter um catálogo organizado e equilibrado que abrange diferentes âmbitos do saber e, por outro, representar as diversas áreas científicas da Universidade de Coimbra, oferecendo, assim, ao público-leitor conteúdos variados.

Nesse sentido, tendo por base obras da Imprensa da Universidade de Coimbra em suporte impresso e eletrónico, e disponibilizadas em Acesso Aberto, o maior projeto que tive o privilégio de realizar nesta editora universitária foi a (re)organização da série *Classica Digitalia*. A proposta partiu de uma sugestão feita pela Dr.^a Maria João Castro e pelo Prof. Doutor Delfim Leão, tendo por objetivo a realização de uma análise minuciosa e atenta às obras que constituem esta série da IUC, numa tentativa de a (re)organizar, mantendo-a coerente e de acordo com as linhas editoriais seguidas pela editora. Esta foi, de longe, a tarefa mais exigente que tive de concretizar, sem menosprezo pelas restantes tarefas realizadas (cf. pontos 2.1. e 2.2.), pois requereu um trabalho de análise, revisão e comparação muito rigoroso e atento de cada uma das obras pertencentes às séries/coleções em que se divide os *Classica Digitalia*.

«Os “Classica Digitalia” são hoje o maior projeto editorial da lusofonia» ^[215], de acordo com uma entrevista realizada pelo Jornal SOL ao Prof. Doutor Delfim Leão. Sob direção e responsabilidade do Diretor da IUC, nasceram em Coimbra, há dez anos, como uma biblioteca digital especializada ^[216], que tinha como objetivo criar um amplo espaço de difusão para a área dos Estudos Clássicos, em que «qualquer pessoa deveria ter acesso à informação, descarregá-la sem pagar nada, e isto para garantir que muitos mais leitores, estivessem eles onde estivessem, pudessem aceder à informação» ^[217]. Atualmente, enquanto série, fruto da colaboração entre a Imprensa da Universidade de Coimbra e o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, esta biblioteca especializada visa cumprir o objetivo estabelecido anteriormente: «criar um grande espaço de difusão internacional da cultura científica para a área dos Estudos Clássicos, dando especial atenção ao desenvolvimento de sinergias dentro do espaço lusófono» ^[218]. As suas obras — em formato impresso e eletrónico, e disponibilizadas em Acesso Aberto a partir da plataforma *UC Digitalis* — «cobrem um leque variado de temas e perspectivas de abordagem (literatura,

^[215] Jornal SOL (2018). *Delfim Leão. “Os clássicos são portos seguros. Há milénios que resistem”*. In Jornal SOL, 28 de fevereiro de 2018.

^[216] Website Universidade de Coimbra (11).

^[217] Jornal SOL, cit. 215.

^[218] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (8).

cultura, história antiga, arqueologia, história da arte, filosofia, língua e linguística), mantendo embora como denominador comum os Estudos Clássicos e a sua projeção na Idade Média, Renascimento e receção na atualidade» ^[219].

Com um total de 257 obras subordinadas a áreas temáticas como as Artes e Humanidades ou as Ciências Sociais (áreas temáticas adotadas na plataforma digital *UC Digitalis*), a série *Classica Digitalia* subdivide-se em 12 séries/coleções (cf. nota de rodapé 20), nomeadamente: *Textos Gregos*; *Textos Latinos*; *Portugaliae Monumenta Neolatina*; *Ensaio Breves*; *Humanitas Supplementum*; *Classica Instrumenta*; *Mito e (Re)escrita*; *DIAITA: Scripta & Realia*; *Ideia*; *Ricoeuriana*; *Mundos e Fundos*; e *Varia*.

Deste modo, tendo como objetivo (re)organizar a série *Classica Digitalia*, optei por dividir o processo de análise, revisão e comparação de cada uma das suas obras em diferentes etapas, na esperança de que no final não passassem pormenores despercebidos, e que cada uma das obras das séries/coleções dos *Classica Digitalia* se apresentasse coerente e de acordo com as linhas editoriais estabelecidas pela Imprensa da Universidade de Coimbra. Não obstante, é importante referir que neste processo tive em consideração a estruturação da série *Classica Digitalia* apresentada no *website* do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ^[220], pois foi aí que a série foi criada. No entanto, e como se trata de uma série atualmente pertencente à Imprensa da Universidade de Coimbra —, a qual se mantém em constante colaboração com o Centro referido —, não pude deixar de ter em conta o *website* da IUC ^[221], com o qual fiz uma comparação permanente.

A primeira etapa, de forma a facilitar as etapas que se seguiram, consistiu em repartir as 12 séries/coleções dos *Classica Digitalia* por três grupos distintos, os quais identifiquei através de cores no documento *excel* (**Figura 47**) para uma maior diferenciação:

- a azul, as “séries/coleções a manter”, ou seja, aquelas que já existiam na série *Classica Digitalia* da IUC, e que por isso não necessitariam de ser acrescentadas à mesma (*Classica Instrumenta*; *Mito e (Re)escrita*; *DIAITA: Scripta & Realia*; e *Humanitas Supplementum*);
- a roxo, as “séries/coleções a acrescentar”, ou seja, aquelas que por estarem fora do “chapéu” dos *Classica Digitalia* (i.e., no *website* da IUC estas séries/coleções são independentes, à exceção da *Ricoeuriana* que ainda não foi criada), necessitariam de ser acrescentadas à série (*Mundos e Fundos*; *Ricoeuriana*; *Ideia*; e *Portugaliae Monumenta Neolatina*);

^[219] *Website* Imprensa da Universidade de Coimbra (8).

^[220] Disponível em http://www.uc.pt/iii/research_centers/CECH/ClassicaDigitalia.

^[221] Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/classicadigitalia.

- e as sem cor estabelecida, devido ao facto de ainda não terem sido analisadas, correspondentes às “séries/coleções a alterar”, ou seja, aquelas que, apesar de já fazerem parte da série *Classica Digitalia* no *website* da IUC, sofreram alterações nas suas designações (*Textos Gregos*; *Textos Latinos*; *Ensaaios Breves*; e *Varia*)^[222].

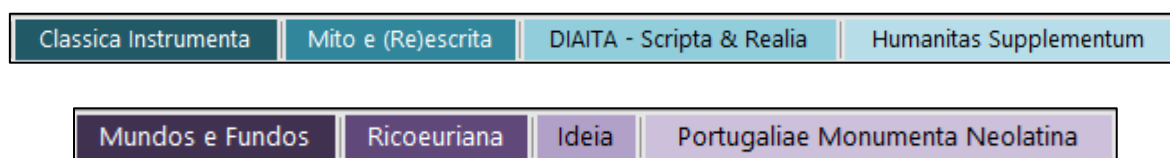


Figura 47 – Divisão de oito das 12 séries dos *Classica Digitalia* no documento *excel*^[223]

Divididas as séries/coleções em grupos, a segunda etapa compreendeu, para cada uma das “séries/coleções a manter” e das “séries/coleções a acrescentar”, uma análise dividida em quatro fases (**Figura 48**):

- em primeiro lugar, analisei o resumo de cada série/coleção, de forma a perceber se este estava em conformidade com o estabelecido e se estava também presente na mesma série/coleção do *website* da IUC;
- em segundo lugar, no que respeita a cada uma das obras das séries/coleções, verifiquei se estas tinham os elementos necessários para se integrarem nas linhas editoriais da IUC, como: ISBN (impresso e digital) da editora e DOI atribuído e ativo; ficha de entrega de originais (i.e., documento fornecido pela IUC ao autor para que este o preencha com os dados da obra e com os seus dados pessoais) e contrato de edição normalizado e de acordo com as cláusulas estabelecidas atualmente pela editora — estes dois elementos foram verificados a partir dos respetivos processos das obras e das pastas em arquivo que contêm toda a documentação da editora referente às obras;
- em terceiro lugar, após o *download* (através da plataforma digital *UC Digitalis*) de cada uma das obras, pude verificar se a capa, a folha de rosto e a ficha técnica, de cada uma, estavam atualizadas e uniformizadas de acordo com o modelo da IUC;
- em último lugar, verifiquei outros elementos como as hiperligações dos títulos das obras e dos nomes dos autores, as datas de publicação e o número de páginas das mesmas.

^[222] Em vez de *Autores Gregos e Latinos – Textos*, *Autores Gregos e Latinos – Ensaaios*, “*Varia*” – *Monografias* e “*Varia*” (cf. *website* Imprensa da Universidade de Coimbra (8)).

^[223] Própria.



Figura 48 – Exemplo de obra objeto de análise ^[224]

A terceira etapa consistiu em organizar os aspetos analisados e verificados de cada obra numa tabela *excel* (cada série/coleção tem uma tabela própria, apesar de divididas em grupos distintos) (**Anexo VII**). Os elementos a preencher na tabela diziam respeito ao título e subtítulo da obra (e muitas vezes, ao autor estudado); ao nome do autor; ao ano de publicação; à editora (ou editoras, quando as obras eram publicadas com dupla chancela); à ficha de entrega de originais (FEO) e ao contrato de edição (especificando se tinham ou não); ao ISBN (o qual divido em impresso e digital) e ao DOI (especificando se eram ou não os da IUC); à capa/folha de rosto e à ficha técnica (especificando se tinham a chancela da IUC); ao carregamento nas plataformas digitais *UC Digitalis*, *Google Play* e *Amazon* (informações ainda não preenchidas); ao *website* (se o *website* do Centro estava ou não de acordo com o *website* da IUC); aos “Outros erros” (especificando pequenos erros encontrados no *website* do Centro e em cada obra); e às “Alterações na obra/Sugestões” do autor (estas dizem respeito a alterações ou sugestões que os autores querem fazer às suas obras).

A quarta etapa incluiu a redação de três documentos: fichas de entrega de originais (**Anexo VIII**); contratos de edição (para as obras que não tinham contrato normalizado com a editora); e aditamentos ao contrato de edição (para as obras que tinham contrato normalizado com a editora e para aquelas que ainda não tinham contrato de edição com a mesma). Após a sua redação, elaborei um *e-mail* (**Anexo IX**) a enviar (através do endereço oficial da IUC e em nome do Diretor da IUC) aos autores (ou para os herdeiros e representantes legais, quando os autores já tinham falecido) das obras de cada série/coleção, com os documentos referidos *supra* em anexo, para que estes os preenchessem e assinassem, e remetessem, posteriormente, à editora.

^[224] *Website* Universidade de Coimbra (12).

Por fim, a última etapa consistiu em reunir em pastas — uma para cada série/coleção dos *Classica Digitalia* — os processos das obras e os *e-mails* que iam sendo trocados com os autores (Figura 49).



Figura 49 – Pastas com os processos das obras de cada série/coleção ^[225]

Além disso, importa referir que, após a conclusão deste processo em todas as obras das séries/coleções referidas, será necessário normalizar as situações referidas *supra* (como ISBN's, DOI, entre outras situações), alterar a capa e a ficha técnica, normalizando-as de acordo com o modelo da Imprensa, e proceder ao carregamento das obras nas plataformas digitais (*Amazon*, *Google Play* e *UC Digitalis*). Nesta última, a versão revista de cada obra deverá substituir a anteriormente carregada na plataforma.

^[225] Própria.

Considerações finais

Quando recuo até ao momento em que nos deram a escolher entre apresentar uma dissertação ou projeto, ou realizar um estágio curricular em ambiente empresarial, de forma a podermos concluir o Mestrado em Estudos Editoriais, percebo que a opção por este último foi a mais acertada. De facto, devido a um conjunto de razões que enumero de seguida, a escolha pela concretização de um estágio numa editora foi a mais correta, não só porque constituiu um complemento imprescindível à minha formação, enquanto estudante e enquanto pessoa, mas também porque representou uma experiência única e valiosa que me enriqueceu bastante, profissional e pessoalmente, beneficiando-me a longo prazo.

Em primeiro lugar, a oportunidade. O facto de ter usufruído do privilégio de estagiar permitiu-me, por um lado, ter o primeiro contacto com o mundo do trabalho e, por outro, possibilitou-me conhecer o funcionamento interno de uma editora e o processo de produção dos livros. Antes desta experiência não tinha a perceção exata e real de que o processo que subjaz a um produto final aparentemente tão simples como o livro, tão fácil de obter por empréstimo numa biblioteca ou através da compra numa livraria, poderia requerer um trabalho tão complexo.

Em segundo, a editora. Tendo em consideração que a Imprensa da Universidade de Coimbra é uma das casas editoras académicas mais prestigiadas de Portugal, reconhecida internacionalmente, com uma história tão rica e com tanto para ensinar a quem lá passa, o estágio proporcionou-me uma aprendizagem imensa. Permitiu-me adquirir diversos e valiosos conhecimentos e competências práticas, que, além de terem complementado aqueles que obtive ao longo do Mestrado em Estudos Editoriais, também me poderão vir a ser bastante úteis em futuras situações de trabalho numa editora.

Em terceiro lugar, a equipa da editora conimbricense. A pequena/grande família que compõe a equipa da IUC constituiu um apoio fundamental durante a realização do meu estágio. Por um lado, porque, desde o primeiro dia, me acolheram de braços abertos, integrando-me na equipa e no processo editorial de cada obra, nunca deixando que me sentisse relegada. E por outro, porque, ao acompanhar cada membro da equipa, pude compreender as suas funções e apreender os seus métodos, absorvendo novos conhecimentos e preenchendo lacunas nos ensinamentos do Mestrado. Além disso, durante este período, sempre se mostraram disponíveis para me orientar, apoiar e ajudar em todas os projetos que fui realizando.

Por último, o estágio em edição na Imprensa da Universidade de Coimbra. Durante quatro meses, o estágio na IUC foi uma experiência de aprendizagem contínua, tendo-me sentido sempre útil — como se já fizesse parte da equipa — e sem períodos de inatividade. A realização de um conjunto de tarefas muito variadas, mas todas essenciais no processo de criação de cada livro, proporcionou-me uma visão completa e alargada acerca do trabalho numa editora, e possibilitou-me

aprender sobre cada tarefa que realizei. Apesar do receio inicial —, do medo de falhar —, e das dificuldades encontradas em algumas das atividades concretizadas, procurei sempre superar os obstáculos, através de investigação sobre o assunto e do apoio e orientação de toda a equipa da editora. E, portanto, cada tarefa terminada era uma nova conquista pessoal conseguida, o que me incentivou constantemente a querer aprender e saber sempre mais.

Umas mais exigentes que outras —, como a análise de obras, o pedido de ISBN's, de orçamentos a gráficas ou de registos CIP, a elaboração de contratos de edição ou de ofícios a enviar aos autores, o carregamento de obras na *UC Digitalis* ou a preparação de originais —, todas as atividades que executei durante o estágio na editora foram essenciais para o processo de criação de cada livro, e algumas delas permitiram-me compreender as relações interpessoais que se mantêm entre a editora e as gráficas e autores, por exemplo. Ainda que tenha apreciado bastante ter trabalhado em diferentes áreas do processo editorial, as duas tarefas que mais gostei de realizar foram a revisão de texto e a (re)organização da série *Classica Digitalia*. Apesar de terem sido as mais exigentes e as que mais trabalho me impuseram, no que diz respeito principalmente à atenção e à minúcia que requereram, foram as mais gratificantes e as que me deixaram mais orgulhosa, não só pelo facto de ter contribuído de forma útil para um determinado processo, mas também pelo meu trabalho ter sido reconhecido no final.

Assim, fazendo uma retrospectiva de todo o trajeto percorrido durante estes quatro meses enquanto estagiária da Imprensa da Universidade de Coimbra, considero que as minhas expetativas foram superadas e que o balanço final é mais do que positivo. Foi uma experiência que me fez evoluir e que me enriqueceu, tanto a nível profissional como pessoal, fazendo-me gostar ainda mais da área editorial e de livros. Contudo, ainda que tenha ampliado os meus conhecimentos e competências, aplicando a teoria adquirida nas diversas disciplinas do Mestrado, sinto que ainda existe um longo caminho a percorrer e que tenho muito a aprender.

Referências bibliográficas

Almeida, A. R. (2011). *Relatório de Estágio em Edição na Imprensa da Universidade de Coimbra* [em linha]. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/7224/1/5510.pdf> [Consultado em 31/05/2018].

Amaro, B., Labbé, C., Lisowska, M., & Nakano, S. (2013). Rede Federada de Repositórios Institucionais de Publicações Científicas em Acesso Aberto. LA Referencia: a integração da produção científica regional. In E. Rodrigues, A. Swan, & A. Baptista (eds.). *Uma Década de Acesso Aberto na UMinho e no Mundo* [em linha]. Braga: Universidade do Minho, Serviços de Documentação (pp. 123-132). Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/26144/3/RepositoriUM_10anos.pdf [Consultado em 31/05/2018].

Bandeira, J. R. (1947). *Universidade de Coimbra. Edifícios do Núcleo Central e Casa dos Melos* (Tomo II). Coimbra: [s.n.].

Brandão, M., Almeida, M. (1937). *A Universidade de Coimbra. Esboço da sua história*. Coimbra: Oficinas Gráficas da Atlântida [Memória histórica publicada por ordem do Senado Universitário no IV centenário do estabelecimento definitivo da Universidade em Coimbra].

Carvalho, J., Moreira, J., & Saraiva, R. (2013). O RCAAP e a evolução do Acesso Aberto em Portugal. In E. Rodrigues, A. Swan, & A. Baptista (eds.). *Uma Década de Acesso Aberto na UMinho e no Mundo* [em linha]. Braga: Universidade do Minho, Serviços de Documentação (pp. 151-172). Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/26144/3/RepositoriUM_10anos.pdf [Consultado em 31/05/2018].

Coutinho, P. (2014). *A transição do impresso ao digital no setor editorial: o caso da editora Publindústria* [em linha]. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Disponível em https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=370875 [Consultado em 31/05/2018].

Fantasia, M. M. G. (2013). *Análise da Cadeia de Valor como Suporte da Gestão Estratégica de Custos: Uma Aplicação à Indústria* [em linha]. Dissertação de Doutoramento. Braga: Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34479/1/Maria%20Manuela%20Gaspar%20Fantasia.pdf> [Consultado em 31/05/2018].

Faria, M. I., Pericão, M. (2008). *Dicionário do Livro: Da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina.

Ferreira, M. T. R. (2010). *A evolução do livro: do papiro ao iPad* [em linha]. Natal/RN: Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em

https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/1/92/1/MariaTRSF_Monografia.pdf [Consultado em 13/01/2018].

Furtado, J. A. (2000). *Os Livros e as Leituras. Novas Ecologias da Informação*. Lisboa: Livros e Leituras.

Imprensa da Universidade de Coimbra. *Arquivo com os relatórios de atividades, as atas do Conselho Editorial e os recortes de imprensa*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra [Consultado de 13 a 15/03/2018].

Imprensa da Universidade de Coimbra (coord.) (2001). *Imprensa da Universidade de Coimbra: a História, os Homens e os Livros*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Leão, D. F. (2014). Imprensa Universitária – oportunidades e desafios [em linha]. *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro*, 3 (II.^a série), 2014 (p. 51-55). Disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/rual2/article/viewFile/3741/3445> [Consultado em 31/05/2018].

Madalena, E. V. (2017). *Edição, Mediação, Comunicação: Reflexões sobre um Estágio na Porto Editora* [em linha]. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/22133/1/Relat%C3%B3rio%20Porto%20Editora%20-%20Emanuel%20Madalena.pdf> [Consultado em 31/05/2018].

Manso, A. (2014). O valor do livro universitário no universo editorial [em linha]. *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro*, 3 (II.^a série), 2014 (p. 43-50). Disponível em <http://revistas.ua.pt/index.php/rual2/article/view/3739/3444> [Consultado em 31/05/2018].

Medeiros, J. B. (2002). *Manual de redação e normalização textual: técnicas de editoração e revisão*. Brasil, São Paulo: Editora Atlas.

O'Grady Jr., A. J. (2001). *Cadeia Virtual de Valor: Um Estudo Exploratório*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto COPPEAD de Administração – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ.

Oliveira, T. C. A. (2012). *Relatório de Estágio em Edição na Imprensa da Universidade de Coimbra* [em linha]. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/15570792.pdf> [Consultado em 31/05/2018].

Penha, A. E. (2016). *Livro híbrido: analógico e digital*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Pereira, A. L. D. (2014). Imprensa Universitária, *e-Books* e novos modelos de negócio [em linha]. *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro*, 3 (II.^a série), 2014 (pp. 31-42). Disponível em revistas.ua.pt/index.php/rual2/article/download/3738/3443 [Consultado em 31/05/2018].

Pozza, C. D. (2015). O livro ao longo do tempo: do manuscrito ao impresso e à tela; leitura, letramentos, mídia e consumo [em linha]. *Revista Versalete*, 3 (4), 2015 (pp. 57-67). Disponível em <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol3-04/57CamilaPozza.pdf> [Consultado em 31/05/2018].

Regateiro, F. J. et al. (2001). *Imprensa da Universidade de Coimbra. Uma história dentro da História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Ribeiro, A. F. C. H. G. (2012). *Passagem do Impresso para o Digital* [em linha]. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <https://run.unl.pt/.../1/Passagem%20do%20Impresso%20para%20o%20Digital.pdf> [Consultado em 31/05/2018].

Rodrigues, E. (2015). O Acesso Aberto e o futuro da investigação e comunicação científica. In J. Bernardes, A. Miguéis, & C. Ferreira (coords.). *A Biblioteca da Universidade: permanência e metamorfoses* (p. 210). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra (pp. 207-228).

Rodrigues, M. E. P. et al. (2016). Os repositórios das instituições de ensino superior portuguesas: Estudo comparativo [em linha]. *Cadernos BAD. Revista da associação portuguesa de bibliotecários, arquivistas e documentalistas*, 2 (pp. 71-79). Disponível em <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1584/pdf> [Consultado em 19/05/2018].

Rokohl, T. I. (2012). *Livro digital: novo suporte, novos desafios* [em linha]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54275/000855813.pdf?sequence=1> [Consultado em 31/05/2018].

Rosa, F, Barros, S., & Meirelles, R. (2015). *Do livro impresso ao digital: trajetória de uma editora universitária* [em linha]. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/17861/1/ALCAR2015_gthistoriadamidiaimpressa%20%281%29.pdf [Consultado em 31/05/2018].

Rosa, F., Shintaku, M., Meirelles, R., Barros, S., & Hoffmann, C. (2013). A presença das editoras universitárias nos acervos dos repositórios institucionais [em linha]. In *CID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, 4 (2), 2013 (pp. 152-164). Disponível <https://www.revistas.usp.br/incid/article/viewFile/69307/71782> [Consultado em 31/05/2018].

Soares, N. M. G. (2016). *Relatório de Estágio em Edição na Porto Editora* [em linha]. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/22173/1/Relat%C3%B3rio%20de%20Est%C3%A1gio%20em%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20na%20Porto%20Editora%20-%20N%C3%A1dia%20Soares%20-%202016.pdf> [Consultado em 31/05/2018].

Timóteo, A. M. M. (2015). *Relatório de Estágio em Edição na Imprensa da Universidade de Coimbra* [em linha]. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas da

Universidade de Aveiro. Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/14869/1/Relat%C3%B3rio%20de%20Est%C3%A1gio%20em%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20na%20Imprensa%20da%20Universidade%20de%20Coimbra.pdf> [Consultado em 31/05/2018].

Webgrafia

Assembleia da República (2008). *Lei n.º 16/2008 de 1 de abril. Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos* [em linha]. Diário da República: I.ª série, n.º 64. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/246532> [Consultado em 17/05/2018].

Blogue Blog Da Le'Art. Disponível em <https://blogdaleart.wordpress.com/2014/09/18/os-6-principais-tipos-de-impressao/> [Consultado em 13/01/2018].

Fonseca, I. (2017). *Acesso Aberto: modelos, políticas e custos de acesso* [em linha]. Disponível em <https://www.fct.pt/acessoaberto/docs/modelosacessoaberto.pdf> [Consultado em 31/05/2018].

Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2018). *Política sobre Acesso Aberto a Publicações Científicas resultantes de Projetos de I&D Financiados pela FCT* [em linha]. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Disponível em https://www.fct.pt/documentos/PoliticaAcessoAberto_Publicacoes.pdf [Consultado em 19/05/2018].

International ISBN Agency (2011). *Manual do Usuário ISBN (Edição Internacional, 6.ª ed.)* [em linha]. London: International ISBN Agency. Disponível em <https://www.isbn-international.org/sites/default/files/Manual%20usu%C3%A1rios%20ISBN%20-%206%20edi%C3%A7%C3%A3o%2028Portuguese%29.pdf> [Consultado em 31/05/2018].

Jornal SOL (2018). Delfim Leão. “Os clássicos são portos seguros. Há milénios que resistem” [em linha]. In *Jornal SOL*, 28 de fevereiro de 2018. Disponível em <https://sol.sapo.pt/artigo/602385/delfim-leao-os-classicos-sao-portos-seguros-ha-milenios-que-resistem-> [Consultado em 31/05/2018].

Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – Gabinete do Ministro (2008). *Despacho Normativo n.º 43/2008 de 1 de setembro. Estatutos da Universidade de Coimbra* [em linha]. Diário da República: II.ª série, n.º 168. Disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/1782382> [Consultado a 21/01/2018].

Website Associação Portuguesa de Editoras do Ensino Superior. Disponível em <http://www.apees.pt/socios/socios-atuais.html> [Consultado em 21/01/2018].

Website Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (1). Disponível em <http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=217&langid=1> [Consultado em 13/01/2018].

——— (2). Disponível em <http://isbn.apel.pt/pedido> [Consultado em 13/01/2018].

Website Biblioteca Nacional de Portugal (1). Disponível em http://www.bnportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=157&Itemid=&lang=pt [Consultado em 20/01/2018].

——— (2). Disponível em http://www.bnportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=154&Itemid=&lang=pt [Consultado em 31/05/2018].

Website Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (1). Disponível em <https://www.priberam.pt/dlpo/or%C3%A7amento> [Consultado em 13/01/2018].

——— (2). Disponível <https://www.priberam.pt/dlpo/s%C3%A9rie> [Consultado em 31/05/2018].

——— (3). Disponível em <https://www.priberam.pt/dlpo/cole%C3%A7%C3%A3o> [Consultado em 31/05/2018].

Website DOI. Disponível em http://www.doi.org/doi_handbook/1_Introduction.html [Consultado em 13/01/2018].

Website Europa – Código de Redação Interinstitucional. Disponível em <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-240300.htm#i431> [Consultado em 31/05/2018].

Website Imprensa da Universidade de Coimbra (1). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/imprensa/historia [Consultado em 21/01/2018].

——— (2). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/procedimentos [Consultado em 21/01/2018].

——— (3). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/normas [Consultado em 21/01/2018].

——— (4). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/imprensa/patrocinios2 [Consultado em 21/01/2018].

——— (5). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/revistas [Consultado em 21/01/2018].

——— (6). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/revistas_institucionais [Consultado em 21/01/2018].

——— (7). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo [Consultado em 21/01/2018].

——— (8). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/classicadigitalia [Consultado em 21/01/2018].

——— (9). Disponível em http://www.uc.pt/imprensa_uc/fotos/lancamentos [Consultado em 21/01/2018].

——— (10). Disponível em http://www.uc.pt/imprensa_uc/fotos/clipping [Consultado em 21/01/2018].

- (11). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/descobrirasciencias [Consultado em 06/05/2018].
- (12). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/uc_digitalis [Consultado em 19/05/2018].
- (13). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/imprensa/politicaeditorial [Consultado em 21/01/2018].
- (14). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/arquitectura [Consultado em 31/05/2018].
- (15). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/estudoscamonianos [Consultado em 31/05/2018].
- (16). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/cienciassaude [Consultado em 31/05/2018].
- (17). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/cienciasculturas [Consultado em 31/05/2018].
- (18). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/companions [Consultado em 31/05/2018].
- (19). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/coimbra_juridica [Consultado em 31/05/2018].
- (20). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/documentos [Consultado em 31/05/2018].
- (21). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/dramaturgo [Consultado em 31/05/2018].
- (22). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/empreendedorismoe-gestao [Consultado em 31/05/2018].
- (23). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/ensino [Consultado em 31/05/2018].
- (24). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/estadodaarte [Consultado em 31/05/2018].
- (25). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/geografias [Consultado em 31/05/2018].
- (26). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/humanidades [Consultado em 31/05/2018].
- (27). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/historiacontemporanea [Consultado em 31/05/2018].

——— (28). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/iii_conferencias [Consultado em 31/05/2018].

——— (29). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/investigacao [Consultado em 31/05/2018].

——— (30). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/annablume [Consultado em 31/05/2018].

——— (31). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/li [Consultado em 31/05/2018].

——— (32). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/lusitana_organa [Consultado em 31/05/2018].

——— (33). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/naturanaturata [Consultado em 31/05/2018].

——— (34). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/olhares [Consultado em 31/05/2018].

——— (35). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/outros [Consultado em 31/05/2018].

——— (36). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/poesiaxxi [Consultado em 31/05/2018].

——— (37). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/republica [Consultado em 31/05/2018].

——— (38). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/riscos [Consultado em 31/05/2018].

——— (39). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/catalogo/theke [Consultado em 31/05/2018].

——— (40). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/imprensa/regulamento [Consultado em 21/01/2018].

——— (41). Disponível em https://www.uc.pt/imprensa_uc/contactos [Consultado em 21/01/2018].

Website Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (1). Disponível em <http://websectes.fccn.pt/MOOC-CA-modulo1/index.html> [Consultado em 31/05/2018].

——— (2). Disponível em http://docs.wixstatic.com/ugd/a8bd7c_db81e0b7fedd4e6a8f62355c1b922a5d.pdf [Consultado em 31/05/2018].

——— (3). Disponível em <http://www.ciencia-aberta.pt/sobre-ciencia-aberta> [Consultado em 31/05/2018].

——— (4). Disponível em http://docs.wixstatic.com/ugd/a8bd7c_3bf3bc7409194693b34ab2007953698e.pdf [Consultado em 31/05/2018].

——— (5). Disponível em <http://websectes.fccn.pt/MOOC-CA-modulo2/index.html> [Consultado em 31/05/2018].

——— (6). Disponível em http://docs.wixstatic.com/ugd/a8bd7c_403796b3acd048d8a8642841b1937e2e.pdf [Consultado em 31/05/2018].

——— (7). Disponível em <http://www.ciencia-aberta.pt/> [Consultado em 19/05/2018].

——— (8). Disponível em http://docs.wixstatic.com/ugd/a8bd7c_503bd4fcaa3d45f79a1a9702acad94f7.pdf [Consultado em 31/05/2018].

Website Portal Gestão. Disponível em <https://www.portal-gestao.com/artigos/6991-o-modelo-de-cadeia-de-valor-de-michael-porter.html> [Consulta em 22/04/2018].

Website SIGARRA U.Porto. Disponível em https://sigarra.up.pt/up/pt/WEB_GESSI_DOCS.download_file?p_name=F-1080500796/4_Historia_do_acesso_aberto.pdf [Consultado em 31/05/2018].

Website Tipografos.net. Disponível em <http://www.tipografos.net/glossario/manuscrito.html> [Consultado em 19/05/2018].

Website Universidade de Coimbra (1). Disponível em <http://www.uc.pt/ruas/mediakit/images> [Consultado em 21/01/2018].

——— (2). Disponível em http://www.uc.pt/iii/research_centers/CECH/ClassicaDigitalia [Consultado em 21/01/2018].

——— (3). Disponível em https://digitalis.uc.pt/pt-pt/content/uc_digitalis [Consultado em 19/05/2018].

——— (4). Disponível em https://digitalis.uc.pt/pt-pt/alma_mater [Consultado em 19/05/2018].

——— (5). Disponível em https://digitalis.uc.pt/pt-pt/content/uc_pombalina [Consultado em 19/05/2018].

——— (6). Disponível em <https://impactum.uc.pt/pt-pt> [Consultado em 19/05/2018].

——— (7). Disponível em <https://impactum.uc.pt/pt-pt/node/119777> [Consultado em 19/05/2018].

——— (8). Disponível em https://pombalina.uc.pt/pt-pt/livro/estudos_de_direito_internacional_privado_da_uni%C3%A3o_europeia [Consultado em 19/05/2018].

——— (9). Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/sobre.jsp> [Consultado em 31/05/2018].

——— (10). Disponível em http://www.uc.pt/sibuc/Estudo_Geral/mandatoUC [Consultado em 31/05/2018].

——— (11). Disponível em <https://classicadigitalia.uc.pt/> [Consultado em 31/05/2018].

——— (12). Disponível em http://www.uc.pt/iii/research_centers/CECH/ClassicaDigitalia/classicadigitalia/series/Serie_Classica_Instrumenta/Indice [Consultado em 31/05/2018].

Website WebArtigos. Disponível em <https://webartigos.com/artigos/literatura-infantil/12431> [Consultado em 06/05/2018].

ANEXOS

Anexo I

Regulamento da Imprensa da Universidade de Coimbra (13 de julho de 1999) ^[226]

O Regulamento da Imprensa foi aprovado por maioria com uma abstenção, por deliberação nº 47/99 do Senado da Universidade de Coimbra, em sessão de 13 de julho de 1999.

(Preâmbulo)

A “Imprensa da Universidade de Coimbra”, referida nos artigos 28º e 29º dos Estatutos da Universidade de Coimbra, homologados pelo Despacho Normativo nº 79/89, de 28 de agosto, tem, na verdade, uma longa história, que recua, pelo menos, ao final do século XVIII. Data de 9 de janeiro de 1790 o alvará régio de confirmação do seu primeiro regimento. No entanto, o seu funcionamento secular foi bruscamente interrompido no início do Estado Novo, quando era seu diretor o Doutor Joaquim de Carvalho, professor da Faculdade de Letras. O Decreto-Lei nº 24124, de 30 de junho de 1934, regulamentado pelo Decreto-Lei nº 24440, de 29 de agosto do mesmo ano, extinguiu a “Imprensa da Universidade de Coimbra”. Só em 1989 ela voltou a ser criada, no âmbito dos citados Estatutos, como estabelecimento anexo à Reitoria. Passará a reger-se pelo seguinte Regulamento:

Art.º 1º

(Atribuições)

1. Sem prejuízo da política científica, cultural e pedagógica definida pelos órgãos universitários estatutariamente competentes, a Imprensa da Universidade de Coimbra tem por missão específica:

- a) Contribuir para a definição da política editorial da Universidade;
- b) Programar, coordenar e orientar a publicação de obras de interesse cultural, científico e pedagógico;
- c) Desenvolver actividades e promover iniciativas de índole cultural, científica, pedagógica e promocional, que se enquadrem nos seus fins.

2. A Imprensa da Universidade de Coimbra poderá assegurar a realização das atribuições a que se referem as alíneas b) e c) do número anterior mediante a celebração de convénios, protocolos ou contratos de colaboração com outras instituições, ou entidades públicas ou privadas.

^[226] Regateiro, F. J. et al., cit. 1, pp. 132-137.

Art.º 2º

(Natureza)

A Imprensa da Universidade de Coimbra é um estabelecimento dotado de orçamento próprio, podendo, por proposta do Diretor aprovada pelo Reitor, vir a ser dotada de autonomia financeira por deliberação do Senado Universitário.

Art.º 3º

(Relacionamento institucional)

A Imprensa da Universidade poderá estabelecer relações, designadamente científicas, pedagógicas e culturais, com todas as Unidades Orgânicas, Instituições e Serviços da Universidade de Coimbra, bem como com quaisquer instituições ou entidades públicas e privadas, cuja colaboração se mostre necessária à prossecução das suas atribuições estatutárias.

Art.º 4º

(Órgãos e Serviços)

1. A Imprensa da Universidade dispõe dos seguintes órgãos:
 - a) O Diretor;
 - b) O Conselho Editorial.
2. A Imprensa da Universidade disporá de um Gabinete de Apoio.

Art.º 5º

(Director)

1. O Director é eleito pelo Senado universitário, por proposta do Reitor, para mandatos de quatro anos, podendo ser reeleito.
2. O Director cessa funções com as do Reitor que o propôs.
3. O Director é o órgão de gestão da Imprensa da Universidade, competindo-lhe, designadamente:
 - a) Programar, coordenar e orientar a publicação de obras de interesse cultural, científico e pedagógico, de acordo com o plano aprovado pelo Conselho Editorial;
 - b) Assegurar a distribuição, a venda e o intercâmbio de publicações;
 - c) Elaborar o plano anual e plurianual de atividades e o relatório anual de atividades, a apresentar ao Reitor da Universidade;
 - d) Elaborar o projeto de orçamento e a conta de gerência, a submeter à aprovação do Conselho Administrativo da Universidade;

- e) Exercer as competências que pelo Senado, pelo Reitor ou pelo Conselho Administrativo da Universidade lhe forem delegadas ou subdelegadas;
 - f) Representar a Imprensa da Universidade dentro e fora Universidade.
4. O Director pode ser coadjuvado por um Director-Adjunto, a designar pelo Reitor da Universidade, sob proposta do Director.
5. O Director da Imprensa da Universidade poderá delegar e subdelegar no Director-Adjunto parte das suas competências.
6. O Director-Adjunto cessa funções com o termo do mandato do Director.

Art.º 6º

(Conselho Editorial)

1. O Conselho Editorial é o órgão de consulta permanente do Director.
2. O Conselho Editorial, que é presidido pelo Director da Imprensa da Universidade, é composto por um professor representante de cada uma das unidades orgânicas da Universidade, o Director da Biblioteca-Geral da Universidade e o do Arquivo da Universidade, um representante da AAC designado pela respetiva Direção-Geral e um representante dos funcionários da Imprensa.
3. O Conselho Editorial tem reuniões ordinárias trimestrais e reuniões extraordinárias sempre que convocadas pelo Presidente, por sua iniciativa ou por solicitação de 1/3 dos seus membros.
4. O mandato dos membros do Conselho Editorial é de quatro anos, exceto o mandato do estudante que é de um.

Art.º 7º

(Competências do Conselho Editorial)

Compete ao Conselho Editorial:

- a) Definir a política editorial da Imprensa da Universidade;
- b) Emitir pareceres de natureza científica, cultural e/ou pedagógica sobre as obras a publicar;
- c) Indicar especialistas que possam coadjuvar o Conselho na avaliação de obras a publicar, quando julgado necessário;
- d) Definir os critérios que presidam ao concurso ou à encomenda de obras a publicar;
- e) Pronunciar-se sobre outros assuntos que lhe sejam submetidos pelo Director, no âmbito das atribuições da Imprensa da Universidade.

Art.º 8º

(Gabinete de Apoio)

1. Compete ao Gabinete de Apoio a realização de várias tarefas de natureza editorial e outras tarefas respeitantes ao funcionamento da Imprensa.
2. Compete também ao Gabinete de Apoio assegurar o Secretariado e o expediente do Diretor, do Diretor-Adjunto e do Conselho Editorial.

Art.º 9º

(Receitas)

São receitas da Imprensa da Universidade de Coimbra:

- a) As dotações que lhe forem concedidas;
- b) As receitas derivadas da prestação de serviços e o produto da venda das publicações por si editadas;
- c) Os rendimentos de bens próprios ou de que tenha a fruição;
- d) Os juros de contas de depósito;
- e) Os subsídios, subvenções, quotizações, doações, heranças ou legados de entidades públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras;
- f) Os saldos da conta de gerência dos anos anteriores;
- g) As que por lei, contrato ou qualquer outro título lhe sejam atribuídas.

Art.º 10º

(Pessoal)

1. Os elementos que constituem o Gabinete de Apoio serão recrutados pelo Reitor da Universidade, sob proposta do Diretor.
2. Por proposta do Diretor, será criado pelo Reitor da Universidade, um quadro de pessoal em que se integra o Gabinete de Apoio.

Art.º 11º

(Chancela da Imprensa da Universidade)

A Imprensa da Universidade usará como chancela a insígnia da Universidade de Coimbra sublinhada pelas palavras “Coimbra/Imprensa da Universidade”.

Art.º 12º

(Entrada em vigor)

O presente Regulamento entra em vigor, depois de aprovado pelo Senado.

Anexo II

Regulamento da Imprensa da Universidade de Coimbra (1 de fevereiro de 2006) ^[227]

A alteração do Regulamento da Imprensa da Universidade de Coimbra foi aprovada por maioria, por deliberação do Senado n.º 39/2006, em sessão de 1 de fevereiro de 2006.

Preâmbulo

A Imprensa da Universidade de Coimbra é uma Instituição com uma história que honra a nossa Universidade, a cujo serviço esteve desde finais do século XVIII até meados da década de 30 do século XX. Tem data de 9 de janeiro de 1790 o alvará régio de confirmação do seu primeiro regimento. E tem data de 30 de junho de 1934 o decreto-lei do Estado Novo (Decreto-Lei n.º 24.124, regulamento pelo Decreto-Lei n.º 24.440, de 29 de agosto de 1934) que extinguiu a Imprensa da Universidade de Coimbra, quando era seu Diretor o Doutor Joaquim de Carvalho, prestigiado Professor da Faculdade de Letras. Nos Estatutos elaborados no quadro da Lei de Autonomia das Universidades (Lei n.º 108/88, de 24 de setembro), a Universidade de Coimbra resolveu repor em funcionamento a sua Imprensa da Universidade, cujos objetivos são definidos no artigo 26º dos referidos Estatutos. A Imprensa da Universidade de Coimbra (adiante designada por Imprensa da Universidade) passa a reger-se pelo presente regulamento.

Artigo 1º

1. Em conformidade com as linhas gerais de política científica, cultural e pedagógica definidas pelos competentes órgãos de governo da Universidade, a Imprensa da Universidade tem por missão específica:

- a) Definir e executar a política editorial da Universidade;
- b) Programar, coordenar e orientar a publicação de obras de interesse cultural, científico e pedagógico;
- c) Desenvolver atividades e promover iniciativas de índole cultural, científica, pedagógica e promocional, que se enquadrem nos seus fins.

2. Para a realização dos seus objetivos, a Imprensa da Universidade pode celebrar convénios, protocolos ou acordos de cooperação com instituições congéneres e com outras entidades, públicas ou privadas.

^[227] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (40).

Artigo 2º

1. A Imprensa da Universidade é um estabelecimento dotado de orçamento próprio.
2. Mediante proposta do Reitor, o Senado pode atribuir autonomia financeira à Imprensa da Universidade.

Artigo 3º

A Imprensa da Universidade poderá estabelecer relações com as unidades orgânicas, estabelecimentos e serviços da Universidade de Coimbra ou com quaisquer instituições ou entidades, públicas ou privadas, cuja colaboração se mostre necessária à prossecução das suas atribuições estatutárias.

Artigo 4º

1. São órgãos da Imprensa da Universidade:
 - a) O Diretor
 - b) O Conselho Editorial
2. O Diretor é coadjuvado no exercício das suas funções por um Diretor-Adjunto.

Artigo 4º-A

1. O Diretor-adjunto é nomeado e exonerado pelo Reitor, sob proposta do Diretor.
2. O Diretor-adjunto auferirá um suplemento pelo exercício de cargos de gestão nos termos da alínea i) do n.º 1 do artigo 2º do Decreto-Lei n.º 388/90, de 10 de fevereiro.

Artigo 5º

1. O Reitor ou Vice-Reitor por ele indicado superintende na ação da Imprensa da Universidade, podendo, quando entender, convocar o Conselho Editorial e presidir às suas reuniões.
2. Cabe ao Reitor propor ao Senado a nomeação do Diretor da Imprensa da Universidade, para um mandato de quatro anos, que cessará no momento em que cesse funções o Reitor que o propôs.

Artigo 6º

Compete ao Diretor da Imprensa da Universidade:

- a) Convocar o Conselho Editorial e presidir às reuniões;
- b) Coordenar os trabalhos de definição da política editorial da Universidade;
- c) Assegurar a execução do plano de edições da Imprensa da Universidade e das atividades e iniciativas levadas a cabo ao abrigo da alínea c) do n.º 1 do artigo 1º deste regulamento;
- d) Assegurar a distribuição, a venda e o intercâmbio de publicações;

- e) Elaborar e apresentar ao Reitor o plano anual e plurianual de atividades, o relatório anual de atividades, o projeto de orçamento e a conta de gerência;
- f) Exercer as competências que lhe forem atribuídas pelo Senado ou pelo Reitor.

Artigo 7º

Compete ao Conselho Editorial:

- a) Pronunciar-se sobre as grandes linhas da política editorial da Imprensa da Universidade;
- b) Pronunciar-se sobre os critérios que devem presidir à encomenda de trabalhos para publicação;
- c) Emitir pareceres sobre os méritos das obras a publicar;
- d) Indicar especialistas que possam colaborar na concretização do disposto da alínea anterior;
- e) Pronunciar-se sobre outros assuntos que sejam submetidos à sua apreciação, no âmbito das atribuições da Imprensa da Universidade.

Artigo 8º

1. São membros do Conselho Editorial:

- a) O Diretor da Imprensa da Universidade;
- b) Um professor indicado pelo Conselho Científico ou órgão equiparado de cada uma das unidades orgânicas da Universidade;
- c) Dois membros do Senado eleitos em Plenário, um dos quais estudante;
- d) Duas personalidades indicadas pelo Reitor.

2. O mandato dos membros do Conselho Editorial é de quatro anos, salvo o do estudante que é de dois anos.

Artigo 9º

O Conselho Editorial reúne ordinariamente uma vez por trimestre e, extraordinariamente, sempre que convocado pelo Reitor ou pelo Diretor, por sua iniciativa ou a solicitação de um terço dos seus membros.

Artigo 10º

São receitas da Imprensa da Universidade de Coimbra:

- a) As dotações que lhe forem atribuídas;
- b) As receitas derivadas da prestação de serviços e o produto da venda das publicações por si editadas;
- c) Os rendimentos de bens próprios ou de que tenha a fruição;

- d) Os juros de contas de depósitos;
- e) Os subsídios, subvenções, quotizações, doações, heranças ou legados de entidades públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras;
- f) Os saldos da conta de gerência dos anos anteriores;
- g) As que por Lei, contrato ou qualquer outro título lhe forem atribuídas.

Artigo 11º

1. Imprensa da Universidade disporá de um Gabinete de Apoio cujo pessoal, nomeado pelo Reitor por proposta do Diretor, integrará o quadro da Reitoria e Serviços Centrais da Universidade.

2. São atribuições do Gabinete de Apoio:

- a) Executar os trabalhos necessários para a prossecução dos objetivos da Imprensa da Universidade referidos no n.º 1 do artigo 1º do presente regulamento;
- b) Assegurar o secretariado e o expediente dos órgãos da Imprensa da Universidade;
- c) Manter em dia a contabilidade e elaborar a conta gerência.

Artigo 12º

A Imprensa da Universidade usará como chancela a insígnia da Universidade de Coimbra sublinhada pelas palavras "Coimbra / Imprensa da Universidade".

Artigo 13º

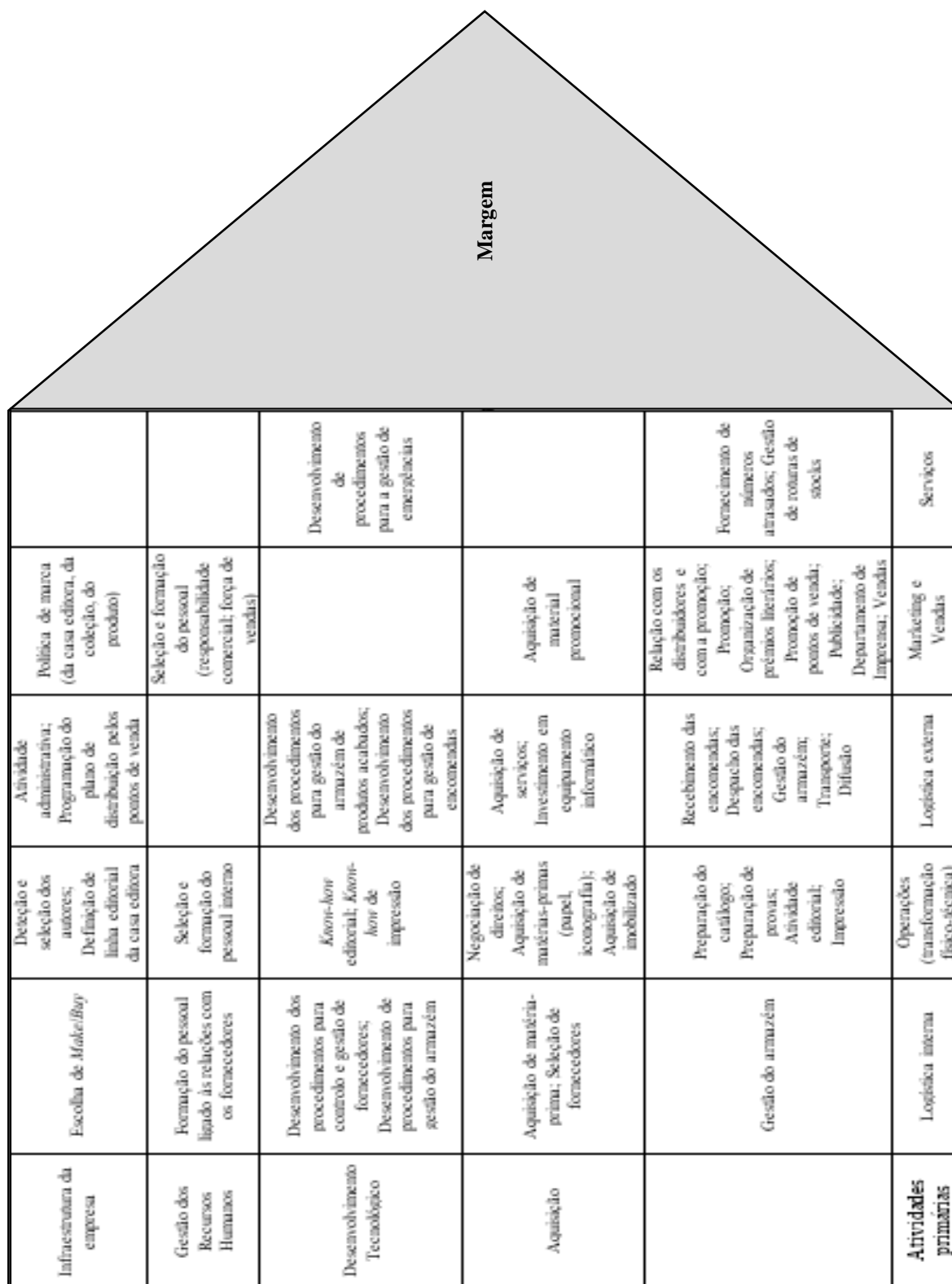
Logo que entre em vigor o presente Regulamento, o Reitor solicitará às unidades orgânicas que indiquem, no prazo máximo de um mês, os professores que passarão a integrar o Conselho Editorial, nos termos da alínea b) do artigo 8º.

Artigo 14º

O presente Regulamento entra em vigor logo que aprovado pelo Senado.

Anexo III

A cadeia de valor da edição de Dubini ^[228]



^[228] Furtado, J. A., cit. 29, p. 104.

Anexo IV

Relatório resultante da leitura e análise de duas obras infantojuvenis (sofreu algumas alterações, nomeadamente devido ao anonimato dado às obras e aos respetivos autores) ^[229]

Leitura e análise da primeira obra infantojuvenil:

Da análise que realizei à obra, dei conta de diversos aspetos que a tornam, e não a tornam, uma obra adequada a um público-leitor específico, as crianças e os mais jovens.

Quanto aos aspetos que a tornam uma obra adequada ao público infantojuvenil, convém ter em conta que não existem, em Portugal, ou até no mundo, livros adequados às crianças e aos jovens, à exceção dos guias itinerários sobre cidades portuguesas para crianças (cf. livro *Coimbra* de Inês Prazeres e Sofia Cardoso) ^[230], sobre uma herança arquitetónica histórica tão importante e rica como é uma das bibliotecas mais emblemáticas de Coimbra, deixada por D. João V. É importante ainda destacar que, sendo o autor (anónimo por uma questão de confidencialidade), detentor de um imenso conhecimento sobre essa mesma biblioteca, consegue, através do seu livro, transmitir aos mais novos um saber acerca desta, da História de Coimbra e de Portugal que, conjugado com a história de um animal que nela habita, permite às crianças e jovens darem azo à sua imaginação e, de mais tarde, darem o passo de visitar essa mesma biblioteca em Coimbra.

Contudo, a mesma obra apresenta aspetos que não a tornam visualmente atrativa e acessível para um público-leitor como o infantojuvenil. Em primeiro lugar, o formato da obra não ostenta ser o mais adequado tendo em consideração a quantidade de texto apresentada e, por isso, poderia adotar-se um formato mais “quadrado” (cf. obras da IUC *Cartas a um Pai Natal Ambiental*, de Maria Helena Henriques e *Mamã, porque sou uma ave? Mommy, Why Am I a Bird?*, de Anne Marie Wells e Anabela Marisa Azul).

Em segundo lugar, a capa e a contracapa contêm um *design* pouco atrativo e apelativo visualmente, com uma ilustração demasiado infantil e pouco profissional, em que a frente da ilustração da capa não coincide com a parte detrás da ilustração da contracapa. E, portanto, necessitava de ser melhor trabalhada, trocada por outra ilustração ou, em vez de a ilustração se prolongar da capa para a contracapa, inserir-se apenas ilustração na capa e cor na contracapa. Quanto ao título e nome do autor/ilustrador, estes deveriam ser trocados por uma fonte tipográfica menos redonda e mais “leve”, com um tamanho maior (e menor para o nome do autor/ilustrador) e um posicionamento diferente na capa, nunca deixando de conjugar estes com a ilustração da mesma.

^[229] Própria.

^[230] Capitão, S. Q. (2014). *Livro: Coimbra/Guia Infantil* [em linha]. Disponível em <http://mutante.pt/2014/12/livro-coimbra-ilustrada/#.W1YvXa5l-M8> [Consultado em 10/01/2018].

Em terceiro lugar, a folha de rosto da obra deveria apresentar um *design* mais simples, sem ilustração, em que o título e o nome do autor/ilustrador deveriam ser iguais aos apresentados na capa. Quanto à ficha técnica aponta-se apenas uma nota: centrada à esquerda da página.

Em quarto lugar, quanto ao miolo, ou seja, quanto ao texto da obra, também este apresenta ao longo do livro, ilustrações demasiado infantis e pouco profissionais tendo em conta o público-alvo, que necessitariam de ser melhor trabalhadas e mais explícitas, pois, muitas vezes, o leitor não consegue relacionar o texto com as ilustrações. Além do mais, as ilustrações, conjugadas com o texto, deveriam aparecer umas vezes em página dupla e outras vezes centradas apenas numa página ao lado do texto que apareceria noutra, alternadamente. Quanto ao texto em si, este apresenta ser pouco coerente, muito extenso por cada página e, por vezes, confuso, devendo adotar-se uma linguagem mais simples e acessível às crianças e jovens. Contudo, visualmente, apresenta-se muito desalinhado, com muitas quebras de linha, e com a falta de alguns travessões quando são introduzidas falas de personagens. Pode ainda acrescentar-se que algumas palavras e expressões apresentadas no texto poderiam ser melhor trabalhadas, de forma mais criativa e expressiva, retirando-se assim o negrito. Convém ainda salientar que a fonte tipográfica do texto poderia ser alterada para uma mais redonda e de tamanho maior, facilitando a legibilidade ao público-leitor.

Por último, algumas sugestões seriam: acrescentar numeração às páginas, acrescentar códigos de barras ilustrados à contracapa, se assim for o caso, e usar cores nas ilustrações e no livro que se relacionem com a biblioteca referida *supra*.

Análise da segunda obra infantojuvenil:

Quanto à análise da segunda obra, apenas poderei dar conta de aspetos que dizem respeito ao texto, pois a obra não contém ilustrações.

Desta forma, considero que o texto se apresenta muito bem escrito e muito ritmado, o que permite uma leitura animada e quase cantarolada pelo leitor. Além de ser um livro bastante alegre em questões textuais, a sua divisão em cartas permite ao leitor infantojuvenil ter uma leitura pausada, sem que se criem confusões. No entanto, o autor (anónimo por uma questão de confidencialidade) utiliza palavras que considero difíceis de compreender para alguns dos leitores mais jovens.

Por fim, considero que esta obra se enquadraria bastante bem numa coleção de continuidade da obra *Cartas a um Pai Natal Ambiental*, de Maria Helena Henriques, publicada pela IUC.

Anexo V

Folha de recolha de dados CIP^[231]



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

FOLHA DE RECOLHA DE DADOS CIP

1. NÚMERO DE CONTROLO CIP: (PARA USO EXCLUSIVO DO SERVIÇO CIP)	
2. DATA DE ENVIO:	
3. IDENTIFICAÇÃO DO EDITOR:	
NOME:	
ENDEREÇO:	CÓD. POSTAL: -
TELEFONE:	FAX: E-MAIL:
4. NOME DO EDITOR TAL COMO É MENCIONADO NA PÁGINA DE ROSTO:	
5. NOME DO CO-EDITOR (CASO EXISTA):	
6. CONTACTO DO EDITOR:	
NOME:	
TELEFONE:	FAX: E-MAIL:
7. NOME DO(S) AUTOR(ES) TAL COMO APARECE(M) NA PÁGINA DE ROSTO:	
8. INFORMAÇÕES RELATIVAS AO AUTOR OU AUTORES:	
NOME COMPLETO DO PRIMEIRO AUTOR:	DATA DE NASCIMENTO:
NOME COMPLETO DO SEGUNDO AUTOR:	DATA DE NASCIMENTO:
NOME COMPLETO DO TERCEIRO AUTOR:	DATA DE NASCIMENTO:

^[231] Website Biblioteca Nacional de Portugal (1).

9. TÍTULO E SUBTÍTULO TAL COMO APARECEM NA PÁGINA DE ROSTO: TÍTULO: SUBTÍTULO:	
10. MENÇÃO DE EDIÇÃO, CASO EXISTA (EX.: 2ª EDIÇÃO , EDIÇÃO REVISTA, ETC):	
11. DATA(S) DAS EDIÇÕES ANTERIORES:	
12. TÍTULO(S) DAS EDIÇÕES ANTERIORES, SE DIFERENTES DO ATUAL:	

13. É UMA REIMPRESSÃO? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO SE RESPONDEU SIM, INDIQUE A DATA DE PUBLICAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO: _____		
14. DATA PREVISTA DE PUBLICAÇÃO:	MÊS:	ANO:
15. O TÍTULO É UMA OBRA EM _____ VOLUMES ESTE FORMULÁRIO É PARA O VOLUME _____		
16. É UMA TRADUÇÃO? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO SE RESPONDEU SIM, INDIQUE: TÍTULO ORIGINAL: DATA DE PUBLICAÇÃO DO ORIGINAL:		
17. É UMA PUBLICAÇÃO BILÍNGUE? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO SE RESPONDEU SIM, INDIQUE AS LÍNGUAS DA PUBLICAÇÃO:		
18. TÍTULOS DA COLEÇÃO E DA SUBCOLEÇÃO, TAL COMO APARECEM NA OBRA, INCLUINDO A NUMERAÇÃO DOS VOLUMES: COLEÇÃO: _____ Nº: _____ SUBCOLEÇÃO: _____ Nº: _____		
19. CASO SE TRATE DE ATAS DE CONGRESSO OU CONFERÊNCIA INDICAR: NOME DO CONGRESSO / CONFERÊNCIA Nº DO CONGRESSO / CONFERÊNCIA LOCAL: _____ DATA : _____		
20. FORMA DE CONTEÚDO (POESIA, CONTOS, BIOGRAFIA, FICÇÃO, ATAS DE CONGRESSO, ETC):		

21. SINOPSE DO ASSUNTO, INDICANDO A COBERTURA GEOGRÁFICA E CRONOLÓGICA DO TEMA		
22. AUDIÊNCIA (ADULTOS, CRIANÇAS, JOVENS, GRUPOS PROFISSIONAIS, ETC):		
23. INDICAR OS ISBN'S ASSOCIADOS A ESTE TÍTULO, INCLUINDO O Nº DO VOLUME, TIPO DE ENCADERNAÇÃO E PREÇO APROXIMADO		
ISBN:	Nº DO VOLUME:	PREÇO PREVISTO:
24. NOME E ENDEREÇO DA PESSOA A QUEM SE DEVE ENVIAR O REGISTO CIP:		
NOME:		
ENDEREÇO:	CÓD. POSTAL:	-

Campo Grande, 83 – 1749-081 Lisboa ♦ Tel.: 21 7982011 / 21 7982014 / 21 7982407 ♦ Fax: 217982432 ♦ cip@bnportugal.pt




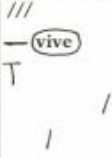
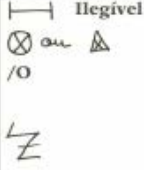

Anexo VI

Simbologia utilizada na Norma Portuguesa 61 ^[232]

MAPA DE CORRECÇÕES
(Segundo a NP-61, p. 8 de 9)

Justificação		Sinais
Acrescentar	Uma letra	/
	Uma palavra	/
	Várias palavras	/ ver original, p. ...
Substituir	Uma letra	/
	Uma palavra	/
	Um tipo ou corpo de letra	/ tipo pretendido
	Uma letra por outra de outro tipo	/ tipo pretendido
	Versais por versaletes	/=
	Versaletes por versais	/≡
Suprimir	Uma letra	/
	Uma palavra	/
	Um sinal de pontuação	/
Trocar	Letras	~
	Palavras consecutivas	{ }
	Várias palavras	3 1 2 4
	Linhas	- 2 - 1 - 4 - 3
Aumentar espaço	Entre palavras	/ +
	Entre linhas	> <
Diminuir espaço	Entre palavras	/ -
	Entre linhas	← →
	Entre as letras para formar um carácter	U

^[232] Website Imprensa da Universidade de Coimbra (3).

Justificação		Sinais
Parágrafos	Abrir Suprimir	
Alinhamento vertical	À esquerda À direita	
Alinhamento horizontal	De elementos na palavra De expoentes De índices	
Emenda	Repetida Anulada Posterior De divisão silábica	
Elegibilidade	De palavras no original De números no original De letras defeituosas no texto De letras voltadas ou deitadas	
Alinhamento	De espaço levantado De entrelinha levantada	

Anexo VII

Exemplo de preenchimento da tabela *excel* para uma obra ^[233]

Classica Digitalia: Portugaliae Monumenta Neolatina (mudar resumo da série para português e inglês tanto no CECH como na IUC, cons								
Autor estudado	Título	Subtítulo	Autor	Ano	Editora 1	Editora 2	FEO	Contrato de Edição/ou Aditamento ao Contrato de Edição
Manuel Pimenta	Opera Omnia. Tomo I		António Guimarães Pinto, Sebastião Pinho	2016	IUC		Sim	Sim

pante o documento "Resumos"; no site da IUC a série Portugaliae Monumenta Neolatina é independente, por isso, deve ser acrescentada à série Classica Digitalia)							
ISBN impresso	ISBN digital	DOI	Capa/Folha de rosto	Ficha técnica	UC Digitalis	Google Play	Amazon
IUC: 978-989-26-1240-9	IUC: 978-989-26-1241-6	IUC: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1241-6	IUC	IUC			

Site	Outros erros	Alterações na obra/Sugestões (autor/es)
CECH ≠ IUC (esta série é independente no site da IUC)	CECH: o título da obra apresenta uma pequena variação na página de entrada e na da UC Digitalis; na página de apresentação da obra falta o ISBN digital; falta (Vol. XVII) ao título.	

^[233] Própria.

Anexo VIII

Minuta de ficha de entrega de originais da Imprensa da Universidade de Coimbra ^[234]

FICHA DE ENTREGA DE ORIGINAIS

1. Dados sobre a obra

Titulo	
<i>Title</i>	
Autor	
Coautores (se existirem)	
N.º de caracteres, incluindo espaços	
Suporte de apresentação	
Tipo de publicação	
Caracterização do Público Alvo	
Sugestão de tiragem	
Países onde a obra poderá ser vendida	
Por favor, insira o Sumário da obra (anexar se necessário)	

^[234] Imprensa da Universidade de Coimbra (2).

Que outras obras deste género/tema já existem no mercado?	Nome da obra concorrente	Diferenças da obra proposta
Que características distinguem esta obra das outras obras da mesma temática? (razão de ser da publicação)		
Possíveis instituições interessadas em financiar a obra		

Breve resumo da obra (máx. 1000 caracteres), que deverá figurar na badana da capa e no site da IUC.	
Palavras chave	
<i>Abstract</i>	

<i>Keywords</i>	
-----------------	--

1.1. Classificação da Obra

Área temática Geral

Assinalar a área temática adotada na UC Digitalis.

<input type="radio"/> Artes e Humanidades <input type="radio"/> Ciências da Engenharia e Tecnologias <input type="radio"/> Ciências da Saúde	<input type="radio"/> Ciências Exatas <input type="radio"/> Ciências Naturais <input type="radio"/> Ciências Sociais
--	--

Código BISAC

Assinalar a área temática adotada na Web of Science / Scopus, Amazon e GooglePlay.

<input type="radio"/> ANTIQUES & COLLECTIBLES <input type="radio"/> ARCHITECTURE <input type="radio"/> ART <input type="radio"/> BIBLES <input type="radio"/> BIOGRAPHY & AUTOBIOGRAPHY <input type="radio"/> BODY, MIND & SPIRIT <input type="radio"/> BUSINESS & ECONOMICS <input type="radio"/> COMICS & GRAPHIC NOVELS <input type="radio"/> COMPUTERS <input type="radio"/> COOKING <input type="radio"/> CRAFTS & HOBBIES <input type="radio"/> DESIGN <input type="radio"/> DRAMA <input type="radio"/> EDUCATION <input type="radio"/> FAMILY & RELATIONSHIPS <input type="radio"/> FICTION <input type="radio"/> FOREIGN LANGUAGE STUDY <input type="radio"/> GAMES & ACTIVITIES <input type="radio"/> GARDENING <input type="radio"/> HEALTH & FITNESS <input type="radio"/> HISTORY	<input type="radio"/> LITERARY COLLECTIONS <input type="radio"/> LITERARY CRITICISM <input type="radio"/> MATHEMATICS <input type="radio"/> MEDICAL <input type="radio"/> MUSIC <input type="radio"/> NATURE <input type="radio"/> PERFORMING ARTS <input type="radio"/> PETS <input type="radio"/> PHILOSOPHY <input type="radio"/> PHOTOGRAPHY <input type="radio"/> POETRY <input type="radio"/> POLITICAL SCIENCE <input type="radio"/> PSYCHOLOGY <input type="radio"/> REFERENCE <input type="radio"/> RELIGION <input type="radio"/> SCIENCE <input type="radio"/> SELF-HELP <input type="radio"/> SOCIAL SCIENCE <input type="radio"/> SPORTS & RECREATION <input type="radio"/> STUDY AIDS
--	--

<input type="radio"/> HOUSE & HOME <input type="radio"/> HUMOR <input type="radio"/> JUVENILE FICTION <input type="radio"/> JUVENILE NONFICTION <input type="radio"/> LANGUAGE ARTS & DISCIPLINES <input type="radio"/> LAW	<input type="radio"/> TECHNOLOGY & ENGINEERING <input type="radio"/> TRANSPORTATION <input type="radio"/> TRAVEL <input type="radio"/> TRUE CRIME <input type="radio"/> YOUNG ADULT FICTION <input type="radio"/> YOUNG ADULT NONFICTION
--	---

2. Manuais de ensino (se aplicável)

Para que disciplinas/cursos específicos se dirige esta obra	
Para que ano ou ciclo de ensino será a obra	
Nº médio de alunos	
A disciplina/cadeira é opcional ou obrigatória?	
O manual seria de leitura obrigatória, suplementar ou recomendada?	
Possíveis prescritores do manual (nome, grau académico e curso/disciplina lecionada)	

3. Dados sobre o autor/coordenador (quando se trata de mais do que um autor/coordenador este ponto 3. deve ser preenchido por todos os que constarão na capa)

Nome completo	
N.º de BI, data e local de emissão ou	

N.º de CC e data de validade	
Número de Identificação Fiscal	
Instituição/afiliação	
ORCID	
Categoria	
Telefone- telemóvel	
Morada de residência:	
E-mail	
URL	
Redes Sociais (Facebook, Twitter, Blog, etc.)	
Disponibilidade do autor para divulgação da obra (apresentações, fóruns online, etc.)	
<i>Nota curricular</i> (máx. 1000 caracteres), que deverá figurar na badana da capa e no site da IUC.	
<i>Author Bio</i>	
Outras obras publicadas pelo autor:	
Pagamento dos direitos de autor (10% da tiragem da obra em exemplares).	

Muito obrigado por completar esta ficha e pelo interesse mostrado na Imprensa da Universidade de Coimbra. Se a proposta de edição for aprovada, entraremos em contacto com o autor de forma a iniciar uma próspera relação profissional.

Imprensa da Universidade de Coimbra

Telefone: 239 247 170

Rua da Ilha 1; 3000-214 Coimbra. Portugal

E-mail: imprensa@uc.pt

Anexo IX

Minuta de *e-mail* enviado aos autores das obras de cada série/coleção ^[235]

Ex.mo/a (os/as) Profs. Doutor/a (es/as),

Escrevo a propósito da seguinte obra, publicada inicialmente pelo CECH/Classica Digitalia:

Dado que, entretanto, o CECH deixou de desenvolver atividade editorial autónoma, que passou a ser feita com a chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra, vimos perguntar-lhe(s) se está (ão) interessado/a (os) em expandir a divulgação deste título, nomeadamente através do carregamento da obra nas seguintes plataformas digitais: **Google Play** (em formato digital) e **Amazon** (para atender a solicitações de *print on demand*, num espaço de distribuição global).

Estas valências são asseguradas através da IUC, mas para isso será necessário celebrar um contrato de edição/aditamento ao contrato de edição (em anexo), para formalizar a autorização para republicar a obra com chancela editorial da IUC. Deste modo, pedimos a gentileza de preencher os espaços em branco, de rubricar o contrato/aditamento em todas as folhas, assinar o nome na última página e enviar a documentação para a IUC. Esta manterá no seus arquivos um original e devolverá o(s) outro(s) ao(s) autor(es).

Se fosse possível, agradeceríamos o preenchimento da ficha de entrega de originais (em anexo), nomeadamente as informações que dizem respeito a: "Título/*Title*"; "Autor/Coautores"; "Breve resumo da obra"; "Palavras-chave"; "*Abstract*"; "*Keywords*"; "Área temática Geral"; "Código BISAC"; e "Dados sobre o autor/coordenador".

O texto mantém as características iniciais de publicação (a menos que pretenda(m) introduzir alterações), bem como a chancela científica geral do CECH relativamente à série em que a obra está inserida.

Na expectativa de um acolhimento favorável, apresento os melhores cumprimentos e a estima pessoal.

Delfim Leão
(Diretor da IUC)

NOTA: Quando para a mesma obra existir mais do que um autor, sugerimos que estes se organizem entre si, no sentido de decidir quem deverá imprimir em primeiro lugar o contrato de edição e a ficha de entrega de originais. Desta forma, a primeira pessoa a imprimir estes documentos deverá enviar os mesmos já preenchidos, assinados e rubricados ao autor seguinte, e assim sucessivamente até serem remetidos para a IUC.

^[235] Própria.

